

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNESP – CÂMPUS DE BAURU

VANESSA MARQUES GIBRAN FACO

**FAMÍLIAS DE ZONA RURAL E URBANA: CARACTERÍSTICAS E
CONCEPÇÕES DE ADOLESCENTES**

Bauru
2007

VANESSA MARQUES GIBRAN FACO

**FAMÍLIAS DE ZONA RURAL E URBANA: CARACTERÍSTICAS E
CONCEPÇÕES DE ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências, Bauru, SP, como parte dos registros para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Desenvolvimento: comportamento e saúde.

Orientadora: Prof. Dra. Lígia Ebner Melchiori.

Bauru

2007

**DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP – BAURU**

Faco, Vanessa Marques Gibran.
Famílias de zona rural e urbana: características e
concepções de adolescentes /Vanessa Marques Gibran Faco,
2007.

130 f. il.

Orientador : Lígia Ebner Melchiori.

Dissertação (Mestrado) – Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências,
Bauru, 2007.

1. Adolescentes. 2. Famílias rurais.
3. Famílias – Conceituação e
caracterização. 4. Zona urbana – Famílias.
I – Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências. II - Título.

VANESSA MARQUES GIBRAN FACO

FAMÍLIAS DE ZONA RURAL E URBANA: CARACTERÍSTICAS E CONCEPÇÕES DE ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Bauru. Área de Concentração: Desenvolvimento: comportamento e saúde.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dra. Lúgia Ebner Melchiori – UNESP Bauru
Orientadora - Presidente da banca

Dra. Zélia Maria Mendes Biasoli Alves – USP Ribeirão Preto
2º. Examinadora

Dra. Maria Auxiliadora Dessen – UNB Brasília
3º. Examinadora

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____.

Oração da família

Padre Zezinho

*”Que nenhuma família comece em qualquer de repente
Que nenhuma família termine por falta de amor
Que o casal seja um para o outro de corpo e de mente
E que nada no mundo separe um casal sonhador
Que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte
Que ninguém interfira no lar e na vida dos dois
Que ninguém os obrigue a viver sem nenhum horizonte
Que eles vivam do ontem, no hoje e em função de um depois*

*Que a família comece e termine sabendo aonde vai
E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor
E que os filhos conheçam a força que brota do amor*

*Abençoa, Senhor, as famílias, Amém!
Abençoa, Senhor, a minha também!*

*Que marido e mulher tenham força de amar sem medida
Que ninguém vá dormir sem pedir ou sem dar seu perdão
Que as crianças aprendam no colo o sentido da vida
Que a família celebre a partilha do abraço e do pão*

*Que marido e mulher não se traiam nem traiam seus filhos
Que o ciúme não mate a certeza do amor entre os dois
Que no seu firmamento a estrela que tem maior brilho
Seja firme esperança de um céu aqui mesmo e depois*

*Que a família comece e termine sabendo aonde vai
E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor
E que os filhos conheçam a força que brota do amor*

*Abençoa, Senhor, as famílias, Amém!
Abençoa, Senhor, a minha também!!”*

DEDICATÓRIA

*À minha Família,
razão da minha existência!*

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, pelos momentos de alegrias e angústias em cada etapa desse trabalho que me fizeram ser melhor, mais forte e capaz. Obrigada por segurar minha mão a todo o momento! À **Nossa Senhora**, por me carregar nos braços nos momentos de fraqueza!

À meus pais **Jorge** e **Ermesinda** pelo esforço durante toda a caminhada para me proporcionar um estudo de qualidade, por valorizar todas as minhas conquistas, pelo apoio incondicional...por existirem na minha vida. Amo vocês infinitamente!

Aos meus irmãos **Vitor** e **Adriano**, companheiros de todas as horas; amigos, cúmplices, exemplos de carinho e amor. Tenho o maior orgulho de fazer parte de suas vidas! Amo vocês para sempre!!!

Ao meu querido marido **Eduardo**. Impossível descrever sua grandeza...mas agradeço por ser exemplo de coragem diante dos desafios; por acreditar em mim, até quando eu mesma tinha dúvidas; pelas horas de dedicação e cooperação nesse trabalho; por suportar a ausência, por me incentivar a todo momento; por ser modelo de profissionalismo e me despertar o amor pela docência; por estar ao meu lado incondicionalmente! Sem você tudo seria impossível. Te Amo Eternamente!!!

Aos meus avós **Abdala** e **Helena** (in memorian) por me ensinarem o valor da união familiar e aos meus avós **Manuel** e **Olinda** por serem exemplos de luta e determinação. Obrigada pelas experiências compartilhadas...amo muito vocês!

Aos meus sogros **José Luiz** e **Luiza**, meus cunhados **Júnior**, **Eliana**, **Renato** e **Fernanda** e meus sobrinhos **Lucas** e **Neto**, obrigada pela força, pelo acolhimento e incentivo. Vocês também são minha família amada!

Aos meus tios e padrinhos **Valderbal** e **Suzette**, **Marco** e **Vera**, verdadeira família para todos os momentos! Obrigada por compartilhar comigo cada etapa da minha vida! Também amo vocês!

À minha orientadora **Profa. Lígia**, pelos momentos de aprendizagem, pela dedicação, ensinamentos, competência...e, acima de tudo, pelos inúmeros abraços fortalecedores que fizeram a diferença em momentos imprescindíveis! Minha eterna gratidão!

As Profas. **Olga**, **Dora** e **Zélia**, pelas contribuições impecáveis e extremamente produtivas para o enriquecimento desse trabalho. Minha gratidão e admiração pela demonstração de dedicação, seriedade, conhecimento e amor à pesquisa!

Às minhas grandes companheiras de vida, minhas amigas de infância **Liliana**, **Fernanda** e **Beyla Maria** por serem família sempre, além de exemplos de profissionais e competência! Às minhas amigas de mestrado, em especial, **Patrícia** e **Silvia**, por compartilhar comigo conhecimentos, confidências, alegrias e angústias...vocês foram de fundamental importância nesse processo! Tenho muita admiração por vocês...

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Unesp – Bauru. Tenho o maior orgulho de fazer parte dessa história!

Às escolas **COEB, UNIESP, IZABEL MARIM e REGINA VALARINI**, pela cooperação, pela acolhida e por acreditar que o ensino vale a pena!

Aos “meus” **Adolescentes** adorados, que tornaram esse trabalho possível! Obrigada por compartilhar comigo esse mundo tão íntimo e especial de suas famílias...pude aprender muito com vocês!!!

LISTA DE FIGURAS

Figura n.	Página
1. Percentual de alocação da ocupação atual dos pais ou padrastos dos adolescentes de zona rural e urbana.....	50
2. Percentual de alocação da ocupação atual das mães dos adolescentes de zona rural e urbana.....	52
3. Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que realiza(m) a tarefa de Limpar a Casa nas áreas rural e urbana.....	62
4. Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que realiza(m) a tarefa de Cozinhar nas áreas rural e urbana.....	63
5. Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que executa(m) a tarefa de Lavar e Passar Roupas entre os membros das famílias de zona rural e urbana.....	64
6. Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que executa(m) a tarefa de Comprar Comida entre os membros das famílias de zona rural e urbana.....	65
7. Porcentagem de quem orienta a empregada nas famílias de zona urbana.....	66
8. Porcentagem dos membros familiares procurados pelos adolescentes de zona rural e urbana, em caso de necessidade.....	66
9. Porcentagem dos membros extrafamiliares procurados pelos adolescentes de zona rural e urbana, em caso de necessidade.....	68
10. Percentual de pessoas consideradas como membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana, através de resposta espontânea.....	70
11. Percentual de pessoas consideradas membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana com a ajuda da lista.....	71
12. Porcentagem das pessoas que os adolescentes de zona rural e urbana acrescentariam em sua família caso convivessem com eles.....	72
13. Percentual dos adolescentes de zona rural e urbana que aceitam os novos arranjos familiares.....	73
14. Porcentagem das categorias referentes às funções atribuídas a Família pelos adolescentes de zona rural e urbana.....	75
15. Porcentagem das categorias referentes as funções que as próprias Famílias exercem, segundo a visão dos adolescentes de zona rural e urbana.....	76

16. Percentual do grau de satisfação dos adolescentes de zona rural e urbana com relação as suas famílias.....	78
17. Porcentagem das categorias referentes ao papel de Mãe dos adolescentes de zona rural e urbana.....	79
18. Porcentagem das categorias referentes ao papel de Pai dos adolescentes de zona rural e urbana.....	81
19. Porcentagem das categorias referentes ao conceito de Avó dos adolescentes de zona rural e urbana.....	82
20. Porcentagem das categorias referentes ao conceito de Avô dos adolescentes de zona rural e urbana.....	84
21. Porcentagem das categorias referentes ao que é ser Filho segundo os adolescentes de zona rural e urbana.....	85
22. Porcentagem das categorias referentes ao conceito de Irmão dos adolescentes de zona rural e urbana.....	86

LISTA DE TABELAS

Tabela n.	Página
1. Situação domiciliar e tipo de composição familiar das Família de Zona Rural e Urbana.....	19
2. Caracterização dos adolescentes.....	47
3. Constelação Familiar dos adolescentes da zona rural e urbana em porcentagem.....	47
4. Nível de escolaridade dos pais/padrastos e mães dos adolescentes da zona rural e urbana em porcentagem.....	48
5. Renda familiar dos adolescentes de zona rural e urbana.....	49
6. Tipo de moradia das famílias dos adolescentes da zona rural e urbana em percentuais.....	49
7. Frequência relativa do uso de substâncias e dos membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana.....	56
8. Porcentagem e frequência relativa dos tratamentos de saúde realizados pelos membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana.....	57
9. Frequência Relativa das Doenças nas famílias de Zona Rural e Urbana.....	58
10. Porcentagem de eventos gerais ocorridos nas famílias dos adolescentes de zona rural e urbana.....	59
11. Comparação do percentual das funções atribuídas pelos adolescentes de ambas as áreas às famílias em geral e às suas próprias.....	77

RESUMO

No Brasil, estudar família é um desafio devido à grande diversidade cultural existente e a variedade de arranjos familiares. Dentro dessa perspectiva, pode-se falar em “famílias brasileiras” formadas por padrões econômicos, sociais e culturais diversos. Partindo do pressuposto de que o conceito de família deve considerar a subjetividade dos indivíduos, esse estudo teve como objetivo caracterizar e conceituar famílias de zona rural e urbana de uma cidade do interior de São Paulo, segundo a perspectiva de adolescentes. Os participantes foram 48 adolescentes de 13 a 18 anos, sendo 16 da zona rural e 32 da urbana. Para atingir o objetivo proposto buscou-se uma abordagem metodológica capaz de permitir uma ampla coleta de informações, sendo utilizados dois instrumentos, um Questionário de Caracterização do Sistema Familiar e um Roteiro de Entrevista de Conceituação Familiar. Os resultados indicam que, nessa amostra, o percentual de famílias nucleares ainda é alto. O nível de escolaridade dos pais e a renda familiar são maiores na cidade do que no campo.

A ocupação dos pais na área rural é mais ligada ao setor agropecuário e na urbana predomina os setores administrativos e gerenciais. Aproximadamente metade das mães rurais não exerce atividade remunerada e na cidade esse índice é de 9%. Nas duas localidades, a maioria tem casa própria (cerca de 77%). Com relação à rede social de apoio, a pessoa da família mais procurada pelos adolescentes é a mãe, seguida do pai que está assumindo várias funções, além do suporte financeiro tradicionalmente esperado; fora da família, os amigos são os mais procurados e, algumas vezes, fornecem mais apoio que os próprios membros familiares. A principal representação de família, para os adolescentes das duas localidades, é a de suporte emocional/afetivo. Quando abordam a concepção da própria família, essa categoria continua a predominar, porém com percentuais inferiores, principalmente para os adolescentes urbanos, que delineiam uma realidade familiar mais conflitiva que a rural. Apesar disso, a grande maioria dos adolescentes das duas áreas afirma estar satisfeita com sua família ou por ter uma família. A concepção espontânea do próprio arranjo familiar dos adolescentes rurais é a nuclear e os da cidade é a de família extensiva, acrescido ou não dos amigos. Com o auxílio de uma lista constando de parentes, amigos e animais domésticos, a concepção dos participantes rurais passa a ser o de família extensiva. A visão principal de mãe e pai é a de quem oferece suporte emocional/afetivo, embora a figura materna aparece com um percentual um pouco superior. O irmão é descrito principalmente como amigo e cúmplice. A concepção de filho está vinculada ao respeito e preocupação em corresponder às expectativas dos genitores. Os avós são descritos de maneira positiva, oferecendo suporte emocional/afetivo aos netos, além de auxiliar na educação e na execução de atividades domésticas diárias. Por fim, a maioria dos adolescentes reconhece como família os novos arranjos familiares questionados, como os casais sem filhos, a produção independente e os homossexuais.

Palavras-chave: adolescente; caracterização familiar; zona rural e urbana

ABSTRACT

In Brazil, due to the big cultural diversity and the variety of family arrangements, studying family is a challenge. In this perspective, it is possible to talk about “Brazilian families” composed according to different economic, social and cultural standards. Presuming that the concept of family should consider individual subjectivity, this paper sought to characterize and conceptualize families from rural and urban areas of a city in São Paulo state, according to the perspective of teenagers. The participants were 48 teenagers between 13 and 18 years old, 16 from the rural area and 32 from the urban area. To reach this goal, we sought a methodological approach which could permit a broad information collection utilizing two tools, a Questionnaire for Familial System Characterization and Instructions for Family Conceptualization Interview. The results indicate that the percentage of nuclear families is still high in that pattern. The parents’ education level and the family’s income are higher in the urban area than in the country side. The parents’ jobs are more linked to agro business in the rural area and to the management and administration sectors in the urban area. About half the rural mothers do not have a paid job, while in the city they are 9%. In both places, the majority owns their houses (around 77%). When it comes to social support net, mothers are the most wanted by teenagers, followed by fathers, who are taking several functions, besides the traditional and expected financial support; apart from the family, friends are the most wanted and sometimes give even more support than family members. For the adolescents from both places, the main representation of family is that of emotional/affective support. When approaching the concept of their own families, this category continues to predominate, with inferior percentages though, mainly for the urban adolescents, who delineate a more conflictive familial reality than the rural ones. In spite of that, the great majority of teenagers from both areas affirm to be satisfied with their families or for having a family. The rural adolescents spontaneous concepts about their own familial arrangements are nuclear and for the urban ones they are extended family, added or not by friends. With the help of a list containing relatives, friends and pets, the rural participants’ concept turns into extended family. They see mother and father mainly as the ones who offer emotional/affective support, although the mother figure shows a little superior percentage. Brother is described mainly as friend and partner. The concept of son and daughter is linked to respect and concern over corresponding to parents’ expectations. Grandparents are described in a positive manner, offering emotional/affective support to grandchildren, besides helping to bring up children and perform daily domestic chores. Finally, the majority of teenagers interviewed recognize as family new familial arrangements questioned, such as couples without children, single mothers and homosexuals.

Key-words: adolescents; familial characterization; rural and urban area.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Famílias Brasileiras.....	14
1.2 Famílias na contemporaneidade.....	24
1.3 Modelos de Família na contemporaneidade.....	29
1.4 Como as pessoas conceituam “Família”.....	33
1.5 Importância dos papéis e funções assumidos pelos membros familiares.....	36
1.6 Caracterização da Adolescência.....	44
2 JUSTIFICATIVA.....	45
3 OBJETIVO GERAL.....	46
3.1 Objetivos Específicos.....	46
4 MÉTODO.....	47
4.1 Aspectos éticos da pesquisa.....	47
4.2 A coleta de informações.....	52
4.3 A análise dos dados.....	55
4.4 Aspectos éticos da pesquisa.....	55
5 RESULTADOS.....	56
6 DISCUSSÃO.....	88
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
8 REFERÊNCIAS.....	98
9 APÊNDICE.....	110
10 ANEXO.....	129

APRESENTAÇÃO

Estudar família no Brasil é considerado um desafio devido aos inúmeros arranjos familiares em um país caracterizado por grande diversidade cultural. Nessa realidade, pode-se falar em “famílias brasileiras” formadas por padrões econômicos, sociais e culturais diversos, embasados em características da vida contemporânea que demandam de seus membros, sejam eles do meio rural ou urbano, adaptações e transformações neste movimento constante da vida (CERVENY; BERTHOUD, 1997).

Torna-se necessário, então, um contínuo acompanhamento do processo de mudanças que influencia esses vínculos, tanto no âmbito do desenvolvimento das relações intrafamiliares como do desenvolvimento sociopolítico em que se insere, com o objetivo de compreender como ela se caracteriza atualmente e em que direção ela caminha (FERRARI; KALOUSTIAN, 2004).

A realidade brasileira vem sofrendo modificações no decorrer dos tempos e os dados do IBGE apontam estas transformações a partir dos novos arranjos e nas alterações da estrutura familiar, devido a mudanças socioculturais tais como: índice de natalidade menor, expectativa de vida mais longa, mudança do papel feminino, crescente índice de divórcio e recasamento, opção de criar filhos sem o parceiro, reconhecimento de uniões homossexuais, vínculos afetivos sobrepondo-se ao sanguíneo, entre outros (IBGE, 2003; CARTER; McGOLDRICK, 1995).

Partindo do pressuposto de que o conceito de família deve considerar a subjetividade dos indivíduos, este estudo visa caracterizar e conceituar famílias de zona rural e urbana, segundo a ótica do adolescente, pois, nesta fase do ciclo de vida ocorrem inúmeras mudanças, além de eles virem a ser os futuros responsáveis pelos novos arranjos familiares.

Esse estudo faz parte de um projeto mais amplo intitulado “Famílias no Brasil, quem são e o que pensam?” (DESSEN; MELCHIORI, 2005) que tem como objetivo geral caracterizar as famílias no território nacional e sua representação social para o brasileiro.

1 INTRODUÇÃO

A família é um dos principais contextos de socialização dos indivíduos e, portanto, possui um papel fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, que por sua vez é um processo em constante transformação ao longo do tempo, sendo multideterminado por fatores do próprio indivíduo e por aspectos mais amplos do contexto social no qual estão inseridos (DESSEN; BRAZ, 2005).

Alguns autores (BIASOLI-ALVES, 1997; MELLO, 2000) têm enfatizado que não se deve mais utilizar o termo “família brasileira”, uma vez que a diversidade de arranjos, padrões de comportamentos e sistemas simbólicos é muito ampla, sendo mais apropriado o termo “famílias brasileiras”. Para procurar entender esse contexto de intensa mudança segue-se inicialmente um breve histórico a respeito das famílias brasileiras, descrevendo algumas características das de zona rural e urbana. Em seguida apresentam-se algumas concepções a respeito do tema, os modelos de família na vida atual e resultados de pesquisas a respeito de conceituação e caracterização familiar. Para finalizar, será descrito papéis e funções assumidas pelos membros familiares.

1.1 AS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

Para introduzir as famílias brasileiras, é importante descrever como, no decorrer dos séculos, a instituição familiar vem se modificando. Durante a idade média, a vida era vivida em público. As relações sociais e a vida pública eram tão intensas que se misturavam ao ambiente familiar. Os casamentos eram arranjados e tinham como objetivo manter o domínio sobre bens e terras. O modelo de família predominante era o patriarcal, com família extensa definida por laços de consangüinidade. O homem possuía o domínio sobre a esposa e filhos. De modo geral, a transmissão do conhecimento de uma geração a outra era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos (ARIÈS, 1981).

Roussel (1995) destaca que as mudanças da família medieval para a moderna, em todas as classes sociais, só ocorreu a partir do século XVIII. Iniciou-se, então, um processo geral da separação entre o público e o privado, com ênfase na intimidade familiar. Até as residências passaram por uma reorganização estrutural, com espaços delimitados em função

de sua funcionalidade, assegurando a privacidade dos indivíduos dentro da própria família (ARIÈS, 1981).

Começou a surgir um novo sentimento entre os membros, principalmente em relação à saúde e a educação, que passou a ser preocupação dos pais. Também a igualdade entre os filhos passa a ser assumida, como uma questão de civilidade. Dessa época em diante, a educação passou a ser cada vez mais responsabilidade da escola, que se tornou um instrumento normal de iniciação social, de passagem do estado da infância ao do adulto. O cuidado dispensado às crianças passou a inspirar uma afetividade nova: o sentimento moderno da família (ARIÈS, 1981).

A partir de então ocorreram algumas mudanças que influenciaram as famílias contemporâneas. A primeira mudança essencial foi a regressão da mortalidade, tendo os pais, geralmente, a possibilidade de assistirem ao casamento dos filhos e netos. O índice de fecundidade decaiu, não ocorrendo muito cedo, enquanto o índice de divórcio aumentou em países industrializados. Outra mudança significativa é que a mulher-mãe passou a, cada vez mais, trabalhar fora de casa (ROUSSEL, 1995).

Todas essas mudanças estão presentes nas famílias brasileiras, em maior ou menor grau, em função de fatores sócio-culturais e políticos, no entanto, torna-se fundamental verificar como ela se constituiu desde o descobrimento do país.

1.1.1 Um breve histórico: da formação à atualidade

Nunca houve um modelo simples de família na sociedade brasileira, isto porque ela sofreu influência de várias culturas durante todo processo de colonização. Os africanos que vieram para o Brasil por volta de 1500 a 1850, trouxeram vários tipos de organizações familiares: matriarcal, patriarcal, poligamia, entre outros. Já os ibéricos, apresentaram um modelo tradicional, caracterizado por um sistema patriarcal (DESSEN; TORRES, 2002, TORRES; DESSEN, 2006).

Diversas transformações econômicas afetaram o conjunto da sociedade e provocaram alterações no estilo de vida de seus habitantes. Sâmara (2002) descreve que a descoberta das minas de ouro na década de 1690 constituiu um pólo novo de colonização, deslocando o eixo econômico, antes localizado no Nordeste, para o Sul. Com uma vida urbana mais intensa, a região mineira atraiu pessoas em busca do enriquecimento e da aventura, canalizando o tráfico de escravos durante o século XVIII. A sociedade que aí se formou era uma mescla de

raças e origens diversas, mais difícil de ser controlada, apesar das tentativas da Igreja e da Coroa portuguesa. O número de celibatários era alto, proliferavam os concubinatos e a ilegitimidade era comum. Mulheres exerciam atividades econômicas fora do âmbito doméstico e as solteiras, com prole natural, chefiavam famílias. Nessas paragens não era fácil, para os poderes constituídos, tentar fixar os padrões impostos pela colonização, que não eram seguidos pela maior parte da população.

A família nuclear burguesa, segundo Szymanski (2005), começou a ser delineada no início do século XVIII, com o surgimento da escola, da privacidade, da preocupação de igualdade entre os filhos, da manutenção das crianças junto aos pais e pelo fato dela ser valorizada pelas instituições, principalmente a igreja. A partir de então, a família passou a ser vista como uma relação de hierarquia e subordinação, fixando o mundo externo como espaço masculino e a casa, como feminino. Costa (2004) contradiz essa afirmação, enfatizando que o sentimento de intimidade familiar no Brasil foi muito raro e disperso no século XVIII.

Quando o casamento ocorria, durante o período colonial, eles eram arranjados por razões ou interesses familiares, uma decisão tomada unilateralmente pelo pai ou curador. O afeto, a diferença de idade, a atração física não eram considerados. Costa (2004) destaca que além das razões materiais, a representação religiosa da época também contribuiu para a manutenção do casamento da forma descrita, uma vez que, para o catolicismo, a ausência do substrato afetivo enfatizava a devoção a Deus.

Ainda no decorrer desse século, núcleos urbanos entraram em crescimento e surgiu uma vida rural mais modesta que a do Nordeste. Nos engenhos de cana paulista, as escravarias eram menores. Assim, lavradores empobrecidos trabalhavam a terra com suas famílias e aceitavam membros subsidiários para ajudar no trabalho diário. No meio urbano, pequenos negócios e uma gama variada de serviços ligados ao abastecimento ofereciam oportunidades para a população desvinculada do setor exportador. Todos esses fatores alteraram o quadro da organização familiar e das relações de gênero.

Sâmara (2002) ainda destaca que, no meio urbano, os papéis informais integravam a vida cotidiana servindo também para desmistificar, no sistema patriarcal brasileiro, o papel reservado aos sexos e à rígida divisão de tarefas e incumbências. Essas mudanças se acentuaram ao longo do século XIX, com o desenvolvimento econômico no Sul do país provocado pela cafeicultura. Ocorreram modificações políticas importantes durante esse período (Independência em 1822 e República em 1889), alterações no sistema de mão-de-obra com a abolição da escravidão (1888) e a entrada de imigrantes. Com isso, novas

oportunidades de emprego surgiram na indústria nascente e as mulheres passaram a ocupar um espaço desse mercado nas grandes cidades (HAHNER, 1990).

No início do século XIX, a concepção anterior de casamento entrou em desuso porque, nos casamentos arranjados, geralmente ocorrendo entre parentes, as crianças nasciam com problemas. Surgiu o movimento higienista que influenciou fortemente os arranjos familiares: o cuidado com a prole tornou-se o “grande paradigma da união conjugal” (COSTA, 2004, p. 219). Com o direito da escolha do parceiro, a medicina também enfatizava o amor e o incentivo a relação sexual conjugal, como forma de manutenção do casamento, uma vez que “do bom desempenho sexual dos cônjuges dependia a saúde dos filhos, a moralidade da família e o progresso populacional da nação” (p. 229).

Após a segunda guerra mundial, houve um avanço na urbanização, industrialização e modernização das sociedades. Além do universo fabril que possibilitou a incorporação massiva das mulheres solteiras e jovens, o trabalho temporário e domiciliar também surgiu como forma de absorver a grande demanda de trabalhadoras, permitindo, dessa forma, que as mulheres casadas contribuíssem para a renda familiar sem deixarem de exercer as funções básicas de mãe e de donas de casa para as quais tinham sido socializadas e educadas (SÂMARA; MATOS, 1993; SÂMARA, 2002).

A maior escolarização e profissionalização da mulher, após a segunda metade do século XX, acarretou um contato social mais amplo e constante e seus efeitos estão presentes até hoje. Isto significa existir um descontentamento com o passado, uma análise depreciativa de como as mulheres eram criadas, da sua submissão, dos limites estreitos impostos ao seu movimento dentro dos grupos sociais e às possibilidades de escolha profissional (BIASOLI-ALVES, 2000). Por outro lado, também se destaca o excesso de trabalho que passou a recair sobre a mulher que mantém atividades fora do lar, mas que ainda é a responsável pelo bom andamento da casa, dos filhos e do bem-estar do marido.

Carvalho e Almeida (2003) descrevem o declínio do poder patriarcal, além de princípios religiosos e comunitários mais tradicionais que se traduziram em mudanças nas relações de gênero, na ampliação da autonomia dos diversos componentes da família e em um exercício mais aberto e livre da sexualidade, dissociada das responsabilidades da reprodução. A presença de mulheres no mercado de trabalho passou a ser crescente, assim como a utilização de práticas anticoncepcionais e a fragilização dos laços matrimoniais, com o aumento das separações, dos divórcios e de novos acordos sexuais.

A mudança brasileira foi, sobretudo, um processo cultural, embora a ditadura militar a partir de 1965 assumisse uma postura permissiva sobre o controle de natalidade. A

escolarização, a rápida proletarização, a urbanização, a migração interna em grande escala nordeste-sudeste dos anos 1950 e 1960, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa dos anos 1960 e 1970 alteraram o contexto e as perspectivas sobre a formação dos casais e das famílias. Por razões econômicas, os serviços de saúde comprometeram-se com os nascimentos por cesariana, servindo de âncora para o controle de natalidade por meio da esterilização feminina. O aborto também era freqüente, mesmo sendo ilegal (THERBORN, 2006).

Associados a uma significativa redução da fecundidade e do tamanho médio das famílias surgem outros arranjos emergentes, mesmo com a persistência de arranjos tradicionais. Machado (2001) e Décoret (1998) destacam que, no âmbito familiar, estão se constituindo novas relações, com o relaxamento dos controles sociais sobre o comportamento dos cônjuges, o deslocamento da importância do grupo familiar para a importância de seus membros, a idéia de que o "amor" constitui uma condição para a permanência da conjugalidade e a substituição de uma "educação retificadora", corretora e moral das crianças, por uma "pedagogia da negociação".

Biasoli-Alves (2000) relata que a instituição familiar vem sofrendo grandes modificações, interpretadas, ingenuamente, como "crise", como se, em algum outro período, a família tivesse sido essencialmente estável na sua estrutura e nos papéis desempenhados por adultos homens e mulheres, jovens e crianças. Carvalho e Almeida (2003) acrescentam que, a primeira vista, essa nova realidade pode dar a impressão de que as famílias estão desestruturadas, ameaçadas, ou, até mesmo, em vias de extinção. Uma leitura mais cuidadosa e acurada, porém, demonstra sua plasticidade e sua enorme capacidade de mudança e de adaptação às transformações econômicas, sociais e culturais mais amplas, bem como sua persistente relevância, notadamente como espaço de sociabilidade e socialização primária, de solidariedade e de proteção social.

1.1.2 As Famílias Brasileiras em dados

No Brasil, o IBGE é a principal fonte de pesquisa para se ter um panorama geral das famílias no país. O Quadro I apresenta a situação domiciliar e tipo de composição das famílias rurais e urbanas (IBGE, 2003- período de 1992 a 2001).

Tabela 1: Situação domiciliar e tipo de composição familiar das famílias rurais e urbanas.

Situação do domicílio e tipo de composição familiar	Total	Famílias Rurais	Famílias Urbanas
Total	48 262 786	7 994 629 (17%)	40 268 157 (83%)
Pessoa sozinha	9%	7%	9%
Duas ou mais pessoas sem parentesco	0,2%	0,4%	0,3%
Casal sem filhos	12%	12%	12%
Casal sem filhos e com parentes	1,8%	2%	1,7%
Casal com filhos	49%	57%	48%
Casal com filhos e com parentes	6%	7%	6%
Mulher responsável sem cônjuge com filhos	13%	7,5%	13%
Mulher responsável sem cônjuge com filhos e com parentes	3%	1,8%	3,5%
Homem responsável sem cônjuge com filhos	1,5%	1,8%	1,5%
Homem responsável sem cônjuge com filhos e com parentes	0,5%	0,5%	0,5%
Outro	4%	3%	4,5%

O maior percentual de tipos de arranjo familiar, em ambas as áreas, é a de Casal com Filhos, ou seja, uma estrutura que descreve a família nuclear, embora ocorra mais em famílias da área rural (57%) do que da cidade (48%). Vários outros tipos de arranjos ocorrem de forma semelhante nas duas localidades: duas ou mais pessoas, sem parentesco, casal sem filhos, casal com ou sem filhos mais parentes, homem com filhos, com ou sem parentes.

Um tipo de arranjo familiar que vem crescendo na área urbana (13%) é a de famílias onde há a mãe e os filhos, ocorrendo em cerca de 7,5% na rural. Quando há outros parentes morando junto essa diferença praticamente se mantém (3,5% e 1,8%, respectivamente).

Percebe-se que a realidade da família brasileira é composta de inúmeros arranjos familiares, tanto na zona urbana como rural. Seu perfil tem sido modificado na última década e outros dados do IBGE (2003) do período de 1992 a 2001 apontam a nova mudança,

plasticidade e adaptação das famílias. Os casais com filhos diminuíram de cerca de 59% para 53%; mulheres sem cônjuge com filhos aumentaram de 15% para 18%; casal sem filhos apresentou um acréscimo de 13% para 14%; pessoas morando sozinhas também aumentaram de 7% para 9% e outros tipos de famílias sofreram um aumento de 5 para 6%. Por outro lado, há tipos de arranjos familiares que vem crescendo ao longo dos anos e alguns ainda não foram detectados pelo censo do IBGE, como, por exemplo, o das famílias reconstituídas.

De acordo com o levantamento, de 1980 a 2001, a família brasileira perdeu um integrante. Era 4,5 pessoas em média (1980), passou para 3,7 (1992) e atingiu 3,3 (2001). As regiões Norte e Nordeste apresentam o maior número de componentes, em média 3,7 pessoas, contra 3,2 registrados no Sul e Sudeste. As uniões consensuais ou casamentos sem papel passado aumentaram 90% do Censo de 1991 para 2000.

Estatísticas do Registro Civil do IBGE (2003) indicam que, em 1985, houve a realização de 952.295 casamentos no Brasil, e um total de 112.547 separações judiciais e divórcios encerrados em 1.^a instância. Em 1994 o número de casamentos caiu para 763.129, enquanto o número de separações judiciais e de divórcios encerrados em 1.^a instância se elevou para 181.920. Destas separações e divórcios concedidos, 143.136 envolveram filhos e filhas. Em 1998, o número de casamentos declinou para 698.614, enquanto as separações e divórcios, encerrados em 1.^a instância, elevaram-se para 195.880, envolvendo 166.804 menores. Segundo os últimos dados disponíveis, em 2001 o número de casamentos foi de 673.452, enquanto o número de separações judiciais e divórcios encerrados em 1.^a instância elevou-se para 223.600, envolvendo 186.292 filhos e filhas. Dessa forma, fica evidente que, tanto crianças como adolescentes, têm necessidade de se adaptarem aos novos arranjos familiares que se formam em consequência do número elevado de separações. Ramires (2004) relata que quando os pais se separam, as crianças e/ou os adolescentes enfrentam uma crise que possui múltiplas implicações. Ocorrem mudanças nas relações íntimas, tanto em nível da família de origem como da família extensa, mudanças na rede social e na infra-estrutura de vida de todos os envolvidos.

A seguir, são apresentados os panoramas gerais das famílias rurais e urbanas.

1.1.3 As famílias rurais

Pesquisas recentes têm constatado as transformações que vêm ocorrendo nas áreas rurais do mundo e do Brasil, apesar de ser cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que

é urbano. Segundo Olic (2001), do ponto de vista das formas de organização econômica, as cidades não podem apenas ser identificadas como os locais onde se desenvolvem as atividades industriais, nem os campos como as áreas onde apenas se praticam atividades ligadas à agricultura e à pecuária. Uma gradativa parcela do espaço rural foi se urbanizando através do processo de industrialização e do transbordamento do mundo urbano para aquelas áreas que tradicionalmente eram definidas como rurais. A agricultura ficou fortemente interligada ao restante da economia. Portanto, Olic (2001) considera que o rural não pode ser visto como sinônimo de atraso, já que nos dias atuais não se opõe ao urbano como símbolo da modernidade. Todavia esse autor acrescenta que não se deve esquecer que ainda, nas áreas rurais brasileiras, regiões com predominância de atraso, consequência de nossa herança histórica marcada pela escravidão, pela injusta estrutura fundiária e pela chaga representada pelas imensas desigualdades sociais.

O censo 2000 constatou que, quase 20% de seu contingente populacional, aproximadamente 30 milhões de pessoas, vivia em zonas consideradas rurais, sendo quase metade delas na Região Nordeste (OLIC, 2001).

Vários trabalhos têm chamado atenção para a emergência de novas atividades no meio rural, enquanto importante fonte de renda e ocupação para a população nela residente. Há aproximadamente 15 milhões de pessoas economicamente ativas nesse meio, mas cerca de 1/3 delas trabalha em ocupações não-agrícolas. No que diz respeito a essas ocupações, Graziano da Silva (1997) mostra que as principais profissões são: empregados domésticos, pedreiros ou seus serventes, serviços gerais, vendedores, motoristas, costureiro e alfaiate. Estas informações apontam, portanto, para um baixo nível de qualificação das ocupações não agrícolas ocupadas por seus habitantes. Olic (2001) alerta também que há empregos ligados a atividades orientadas para o consumo, como as de lazer, turismo, residência, preservação ambiental e que estas foram as que mais cresceram no campo, em média de 3,7% ao ano, ao longo da década de 1990.

Já Laurenti e Del Grossi (2000) destacam, que os ramos de atividades mais dinâmicos na geração de empregos no próprio meio rural brasileiro, no período de 1992 a 1997, foram a prestação de serviços, a indústria de transformação, o comércio de mercadorias, transporte e comunicação, além da indústria da construção civil.

Em números, a taxa de crescimento da população rural ocupada em atividades agrícolas entre os anos de 1992 e 1997 diminuiu em 2,2%, enquanto que o crescimento da população rural ocupada em atividades não-agrícolas no mesmo período cresceu 2,5% (LAURENTI; DEL GROSSI, 2000).

As estatísticas mais recentes do Brasil, segundo Graziano da Silva (2001), apresenta um grande paradoxo, ou seja, o emprego de natureza agrícola diminuiu em praticamente todo o país, mas a população residente no campo voltou a crescer, parou de cair. Esse novo cenário é explicado em parte pelo incremento destes empregos não-agrícola no campo. Ao mesmo tempo, houve um aumento na massa de desempregados, inativos e aposentados que mantêm residência rural.

As ocupações agrícolas são as que geram menor renda, por isso o número de famílias agrícolas está diminuindo, já que elas não conseguem sobreviver apenas com rendas advindas dessa atividade. As famílias pluriativas, nas quais seus membros combinam atividades agrícolas e não-agrícolas, também não vem aumentando. As famílias rurais brasileiras estão, cada vez mais, garantindo sua sobrevivência mediante transferências sociais, como aposentadorias e pensões, e em ocupações fora do setor agrícola (GRAZIANO DA SILVA, 2001). Além disto, esse autor ainda acrescenta que o patrimônio familiar a ser preservado inclui as terras e, acima de tudo, a casa dos pais transformada numa espécie de base territorial que acolhe os parentes próximos em algumas ocasiões festivas e torna-se cada vez mais um ponto de refúgio nas crises, especialmente do desemprego, além de permanecer como alternativa de retorno para a velhice.

Entre 1981 e 1990, o número de pessoas por família diminuiu de 4,5 para 4,1 tanto na área urbana como rural, embora ainda é comum encontrar famílias constituídas por grande número de pessoas na área rural (RIBEIRO et al., 1998).

Tanto na área rural como urbana, existe um número cada vez maior de pessoas vivendo em situação precária. Entretanto, em 1990 o percentual da área rural (66%) era superior em comparação à área urbana (28%), mas existem razões para se acreditar que esse número esteja subindo desde então (RIBEIRO et al., 1998).

1.1.4 As famílias urbanas

Os movimentos migratórios acompanharam o processo de expansão das fronteiras econômicas. Nesse contexto tivemos, nos últimos 40 anos, um intenso processo de concentração urbana da população brasileira (VERAS; RAMOS; KALACHE, 1987).

Tais transformações geográficas e demográficas têm importantes conseqüências sociais e econômicas para a população como um todo. A população das atuais grandes

metrópoles, até um passado recente, concentrava-se nas áreas centrais da cidade (ABRAMS, 1980). Devido à menor densidade demográfica, meios de transporte menos diversificados e absoluta falta de infra-estrutura fora desta área “central”, poucas eram as pessoas que moravam além desses limites. Com o crescimento populacional e o processo de urbanização, a população mais jovem e/ou de melhor poder econômico transferiram-se para novos bairros residenciais. A área central da cidade foi se tornando eminentemente comercial e administrativa, perdendo sua característica residencial (VERAS; RAMOS; KALACHE, 1987).

Ao mesmo tempo, esses autores acrescentam que migrantes recém-chegados das áreas rurais ou menos favorecidas do país fixaram-se na periferia dessas zonas metropolitanas ou, em alguns casos, ocupam áreas de mais difícil acesso devido à sua topografia (encostas, áreas pantanosas e beira-mar ou junto a rios), criando as favelas hoje presentes nas cidades de médio e grande porte brasileiras. As áreas centrais das metrópoles brasileiras, pouco a pouco, transformaram-se em áreas mistas (comércio ao lado de residência) com residências de baixa renda. Tais áreas passam a ser locais de poluição, barulho, violência e moradia de grupos pobres da população.

É também interessante notar que o processo de migração rural no Brasil apresentou características distintas do que é observado em outros países do terceiro Mundo, particularmente, nos países africanos ou da Ásia meridional. Nestes, os migrantes rurais, quando saem de suas vilas ou povoados, mantêm a intenção de retornar a seus lugares de origem. No Brasil, os principais motivos para a migração são o desemprego rural, a diferença de salário entre o campo e a cidade (PEEK; STANDING, 1979) a maior infraestrutura de serviços públicos na cidade, assim como a influência exercida pelos meios de comunicação de massa, criando uma ilusão de qualidade de vida nos grandes centros.

Além disso, outro dado relevante é que de acordo com estimativas oficiais, atualmente um terço das crianças brasileiras mora com apenas um dos pais, sendo a proporção de família brasileiras vivendo em situação precária ainda muito alta (<http://www.ibge.gov.br>), ou seja, mais de um terço vive abaixo da linha da pobreza.

A seguir serão apresentados dados sobre as famílias na contemporaneidade. Entretanto, as transformações ainda estão ocorrendo em decorrência das mudanças ocorridas na sociedade, não sendo possível definir claramente um novo modelo de funcionamento das famílias brasileiras (TORRES; DESSEN, 2006).

1.2 AS FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Definir família constitui uma tarefa complexa, pois, como foi mencionado, sua história é descontínua, não-linear e não-homogênea e consiste em padrões familiares distintos, tendo cada um sua própria história e suas próprias explicações, sendo alvo de múltiplas interpretações e desencadeando vários conceitos ao longo dos tempos (SZYMANSKI, 2005). A seguir são descritas diversas concepções de família: a jurídica, a sociológica e antropológica e a psicológica.

1.2.1 Conceito de família em diferentes perspectivas

A família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas, ligadas diretamente às transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo. O sistema familiar muda à medida que a sociedade muda, sendo que todos os seus membros podem ser afetados por pressão interna e externa, fazendo com que ela se modifique com a finalidade de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial dos seus membros (MINUCHIN, 1985, 1988).

Uma das formas de se analisar o que é família e suas peculiaridades é através da definição jurídica, descrita a seguir.

- **A família “legal”**

Com as mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas ao longo dos tempos, a sociedade está sendo obrigada a reorganizar regras básicas para amparar a nova ordem familiar. No código de 1916, “família legítima” era definida apenas pelo casamento oficial. Em janeiro de 2003 começou a vigorar o Novo Código Civil, que incorporou uma série de novidades. A definição de família passou a abranger as unidades formadas por casamento, união estável ou comunidade de qualquer genitor e descendentes. O casamento passou a ser “comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” (p. 467); os filhos adotados ou concebidos fora do casamento passaram a ter direitos idênticos aos dos nascidos dentro do matrimônio; a palavra “pessoa” substituiu

“homem” e o “pátrio poder” que o pai exercia sobre os filhos, passou a ser “poder familiar” e atribuído também à mãe. A Lei do divórcio, de 1977, atribuía a guarda dos filhos ao cônjuge que não tivesse provocado a separação ou, não havendo acordo, à mãe. Hoje, é concedida a “quem revelar melhores condições para exercê-la” (CÓDIGO CIVIL, 2003, p. 480).

No entanto, as mudanças na sociedade ocorrem em um ritmo muito mais acelerado do que as do Código Civil, o que leva à necessidade de sua revisão. Enquanto isso, os juizes se deparam com situações não previstas na lei e precisam se nortear em outros parâmetros para tomarem decisões em casos, por exemplo, de herança para o parceiro(a) homossexual em caso de morte do(a) companheiro(a); decisão de quem fica com a criança quando a mãe morre e há o pai biológico e o que a criou, entre outros.

Além da definição jurídica da família, há também as definições científicas descritas a seguir.

- **Visão sociológica e antropológica**

Os diferentes tipos ou estruturas familiares são baseados em estudos antropológicos e sociológicos de pequenas e grandes sociedades do mundo todo. Dois conceitos são empregados por antropólogos e sociólogos na discussão da família: estrutura e função. A estrutura refere-se ao número de membros e sua posição como mãe, pai, filho, filha, avô, avó, tios e tias, primos e outros parentes. A função descreve como as famílias satisfazem suas necessidades físicas e psicológicas na manutenção e sobrevivência da família como grupo, como por exemplo enfatizando a procriação ou a transmissão de valores (GEORGAS, 2003).

Segundo Berenstein (1988), nas definições antropológicas, o foco de interesse do estudo sobre famílias consiste na estrutura das relações, isto é, o grau e a natureza do parentesco. A estrutura elementar de parentesco inclui três tipos de vínculos: o consangüíneo (entre irmãos), de aliança (marido e esposa) e de filiação (pais e filhos). As definições sociológicas centralizam-se em tipologia familiar, que inclui: família nuclear ou de orientação (composta por pai, mãe e filhos que não necessitam ser do mesmo sangue), família de procriação (formada por marido/esposa, filhos biológicos), pertencentes ao mesmo sangue, entre outras configurações. A família pode ser compreendida a partir do número de integrantes e da sua extensão, que determinam mudanças estruturais e ampliações no tamanho e na forma do grupo familiar, isto é, as reorganizações depois de mortes, divórcios e recasamentos.

A partir da vivência do cotidiano em algumas famílias, Gomes (1988) confirma que o conceito de família percebido pelas pessoas e sua vivência coincidem, ou seja, descrevem a família vivida como um grupo de pessoas dentro de uma estrutura hierarquizada, convivendo com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos presentes neste contexto.

Na visão sociológica, a instituição familiar tem sido analisada também, por alguns autores (ANDERSON; GOOLISHIAN, 1988), como um sistema lingüístico, construído a partir da subjetividade de seus membros, onde a mudança ocorre dentro da evolução de novos significados através do diálogo.

Segundo Bilac (2005), a família não é mais vista como organizada por normas pré-estabelecidas e sim, por contínuas negociações e acordos entre seus membros, sendo que sua duração, dessa forma, dependerá da duração dos acordos.

As pessoas que convivem em qualquer ligação afetiva podem ter tanto vínculos por laços biológicos como por qualquer outro arranjo, como por exemplo, a adoção. Nesta realidade, Szymanski (2005) descreve que o mundo familiar apresenta uma variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas para dar conta das modificações que a vida vem trazendo.

- **Visão psicológica**

As definições psicológicas descrevem o grupo familiar como um conjunto de relações. A família pode ser vista um sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por se considerarem pertencentes àquele contexto (DE ANTONI; KOLLER, 2000).

Para Scabini e Martas (1996), a família psicológica é sempre uma família extensa, tendo, os ancestrais, uma influência muito forte na formação das demais gerações. Pode-se perceber que cada família tem um modo particular de constituição, criando sua própria cultura familiar que inclui seus códigos, maneiras de comunicação, regras e jogos. Dentro desta realidade está inserido o universo pessoal de significados que não são expressos no cotidiano. As ações são interpretadas num contexto de emoções entrelaçadas com códigos pessoais, familiares e culturais mais amplos, gerando ações que compõem o universo do mundo familiar (SZYMANSKI, 2005).

Os códigos pessoais inseridos na instituição familiar são necessários para uma boa adaptação desse núcleo ao impacto da vida moderna. Dentre os fatores mais marcantes

Stratton (2003) cita: pais trabalhando fora de casa; mudança na alimentação familiar; relacionamento entre irmãos e amigos sem a presença dos genitores, pois os filhos ficam mais tempo sozinhos atualmente; conflitos e agressões em casas onde os pais não possuem métodos de controle adequado na educação dos filhos, gerando maior grau de desentendimentos. Além disto, o autor aponta alguns indicadores de problemas na família como violência e abuso; estressores como pobreza, problemas psicológicos, adição de drogas, deficiência ou doença crônica na família e luto, principalmente quando ocorre fora do esperado no ciclo vital.

Baseado na amplitude dos dados e na modificação social, econômica, política e cultural, Petzold (1996) propõe um conceito de família definida como “um grupo social especial, caracterizado por intimidade e por relações intergeracionais” (p. 39), por ser um conceito que consegue explorar as inúmeras variáveis já citadas. Dentro desse conceito, Petzold (1996) apresenta a definição ecopsicológica da família, baseada no modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (1994, 1999), em que o indivíduo é compreendido dentro de um processo de inter-relações constantes e bidirecionais com vários sistemas, incluindo a família. Nesta definição, Petzold (1996) destaca quatro sistemas: macrosistema, exosistema, mesosistema e microsistema, compostos de quatorze variáveis como: casais casados ou não, partilha ou separação de bens, morar juntos ou separados, dependência ou independência financeira, com ou sem crianças, filhos biológicos ou adotivos, genitores morando juntos ou separados, relação heterossexual ou homossexual, cultura igual ou diferente, entre outras que, combinadas, oferecem 196 tipos diferentes de família. Isto significa que o modelo nuclear de família composto por pai, mãe e seus filhos biológicos não é suficiente para a compreensão da nova realidade familiar que incorpora, também, outras pessoas ligadas pela afinidade e pela rede de relações.

1.3 MODELOS DE FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

Com as transformações ocorridas, as novas formas de pensar a vida familiar também são modificadas, incluindo famílias homossexuais, configurando uma crise na família patriarcal (CASTELLS, 1999). Cada vez mais, a dissolução dos casamentos leva à formação de lares de solteiros ou lares com apenas um dos pais, cessando a autoridade patriarcal sobre a família. Ao discorrerem sobre o casamento e família no século XXI, Gomes e Paiva (2003) fazem referência a uma nova configuração do conceito de casamento, uma vez que as famílias passam a ser constituídas de forma mais ampla, incluindo os novos parceiros (marido da mãe/esposa do pai) e os filhos e irmãos agregados. Dias e Lopes (2003) consideram que a família surgida nos anos 80 é mais igualitária, sendo os seus membros percebidos como iguais, com direitos similares, embora diferenças sexuais e etárias se encontrem presentes. Nesse contexto novos papéis se inserem no cenário familiar, como, por exemplo, o de pai ou mãe substituta (FONSECA, 2002).

A seguir estão listados alguns dos arranjos familiares mais comumente encontrados na vida contemporânea, alguns assim reconhecidos a partir da subjetividade das pessoas:

1.3.1 Família Nuclear

Esse tipo de arranjo representa o modelo convencional, embora nem todas as famílias assumam os papéis tradicionais, com as mães em casa e os pais trabalhando fora e composta de duas gerações: esposa/mãe, esposo/pai e seus filhos (TURNER; WEST, 1998; GEORGAS, 2003). Também pode ser chamada de família de procriação. O decréscimo das famílias nucleares tem ocorrido devido a alguns fatores como transferências de trabalho, mudanças na economia e a incompatibilidade dos papéis sociais entre os sexos feminino e masculino (TURNER; WEST, 1998).

1.3.2 Solteiros

Aumentou o número de jovens solteiros que preferem ficar sozinhos por um tempo. Eles optam em morar sozinho antes de pensarem em se casar. Alguns consideram que formam uma família; muitos provavelmente negam ser uma família (PETZOLD, 1996).

1.3.3 Família com apenas um dos Genitores

São formadas por um adulto e, pelo menos, uma criança. São pais divorciados ou não casados e são formadas por duas gerações (TURNER; WEST, 1998; GEORGAS, 2003; STRATTON, 2003). Dados estatísticos mostraram que entre 1970 e 1990, esse tipo de família quase triplicou. Elas podem ser formadas tanto por um pai ou uma mãe, embora mães sozinhas sejam mais prevalentes do que os pais (TURNER; WEST, 1998).

1.3.4 Morar junto (sem casar) ou União estável

Acontece mais com casais que decidem não ter filhos, segundo Petzold (1996). A partir de seus sentimentos subjetivos, muitos acreditam formar uma família.

1.3.5 Morar junto (período de experiência)

Alguns acreditam que é um tipo de estágio preparatório para a vida familiar. Muitos casam depois ou próximo ao nascimento de um filho. Outros acabam não casando, mesmo tendo uma criança, mas se percebem como um tipo de família tradicional (PETZOLD, 1996). Algumas pessoas acreditam que essa forma de coabitação seja um fenômeno recente, no entanto, segundo Turner e West (1998), evidências sugerem que essa forma de família já era discutida em 1920.

1.3.6 Casais Homossexuais

Famílias homossexuais incluem duas pessoas do mesmo sexo que mantêm um relacionamento de intimidade e que podem ser ou não pais de pelo menos uma criança (TURNER; WEST, 1998). Esses casais têm se assumido e lutado pelo direito de se casar. Embora a lei seja considerada apenas para casais heterossexuais na maioria dos países, os casais homossexuais estão organizando-se como uma família. Recentemente, o casamento tem sido legalizado em alguns países europeus (PETZOLD, 1996).

1.3.7 Famílias recombinaadas ou sucessivas

São formadas por pelo menos dois adultos responsáveis pelos cuidados de pelo menos uma criança que não seja filho biológico de ambos os adultos. Podem ser heterossexuais ou homossexuais e são formadas a partir da morte de um dos pais ou pelo seu divórcio (TURNER; WEST, 1998). Os pais podem se casar novamente e as crianças podem ter até quatro pais e oito avós. Os casais separam-se, mas os genitores continuam sendo responsáveis pelos filhos. Alguns acreditam ainda formarem uma família, ou melhor, um tipo de família com o casamento anterior, porque partilham a responsabilidade como genitores (PETZOLD, 1996). O recasamento nas famílias recombinaadas ou sucessivas varia grandemente em termos de estrutura e composição. Em algumas famílias pode ter a mãe divorciada; em outras o pai. As crianças podem ser pequenas ou pré- adolescentes e os papéis desempenhados pelos genitores podem ser variados: provedores, cuidado com filhos e se responsabilizar pelo serviço doméstico (TURNER; WEST, 1998). Esse tipo de família requer considerável ajustamento de todos seus membros e, segundo Stratton (2003), as dificuldades podem continuar aparecendo por muitos anos após o divórcio.

1.3.8 Casais vivendo em casas separadas

Arranjo familiar escolhido por poucas pessoas que possuem grande intimidade e perspectiva de compartilhar, mas não decidiram dividir o mesmo teto. A maioria se vê como

uma família e muitos têm a obrigação de cuidar de seus genitores que estão com idade avançada (PETZOLD, 1996).

1.3.9 Famílias extensivas

Constituídas de pelo menos três gerações – avós de um ou de ambos os lados, esposa/mãe, esposo/pai e seus filhos – podendo incluir ainda tios, primos, sobrinhos ou outros parentes da esposa e do esposo (TURNER; WEST, 1998; GEORGAS, 2003; STRATTON, 2003). Esse tipo de família vem recebendo mais atenção nos últimos tempos, e vem crescendo porque o número de pessoas idosas está aumentando cada vez mais, além do aumento das mães adolescentes que recebem ajuda financeira e/ou assistência de seus pais nos cuidados com as crianças.

1.3.10 Poligamia

Apesar de ser considerada ilegal em muitos países, alguns casais toleram também esse arranjo em que um ou ambos mantém um relacionamento extraconjugal. Geralmente eles acontecem no trabalho, mas não apresentam a mesma estabilidade como nas sociedades em que a poligamia é parte da estrutura social (STRATTON, 2003).

Portanto, a partir desse panorama sucinto, o que se encontra hoje em dia são famílias com diferentes configurações e estruturas, o que implica diretamente na divisão das tarefas domésticas e educativas dos filhos. Coexistem modelos familiares nos quais segue vigente a tradicional divisão de papéis; outros nos quais maridos e esposas dividem as tarefas domésticas e educativas e, ainda, famílias nas quais as mulheres são as principais mantenedoras financeiras do lar, mesmo acumulando a maior responsabilidade pelo trabalho doméstico e educação dos filhos (FLECK; WAGNER, 2003).

1.4 COMO AS PESSOAS CONCEITUAM “FAMÍLIA”?

Hodkin, Vacharesse e Buffett (1996) acreditam que para definir o que é família, é necessário estudar o que as pessoas pensam a este respeito, pois os limites da família são definidos pelos laços de afetividade e intimidade e não somente pelo parentesco por consanguidade e pelo sistema legal que rege as relações familiares. Esta forma de entendimento subjetivo das formas familiares é chamada de definição egocêntrica (NYER; BIEN; MARBACH; TEMPLETON, 1991).

De um lado se encontra a definição científica adotada para a compreensão de família, e, de outro, a concepção subjetiva que as pessoas têm de seus próprios arranjos familiares, sendo esta uma definição individual, baseada nos sentimentos, crenças e valores de cada um. Esta concepção subjetiva é definida como representação social e permite teorizar e apreender os eventos da nossa vida cotidiana, a partir das informações que circulam através dela (CREPALDI, 1998).

Segundo Moscovici (1984) o ato de denominar e tentar definir alguma coisa faz parte da construção de uma representação social, pois dessa forma o sujeito está apreendendo os eventos da vida cotidiana, tirando-o de uma situação de anonimato e incluindo-o em um universo conhecido. Jodelet (1984) afirma que a representação social é uma atividade mental de indivíduos e grupos, destinada a fixar seus pertences.

Vários estudos descritos a seguir investigaram qual a compreensão e entendimento que as pessoas têm a respeito do conceito de família, utilizando a metodologia que prioriza o pensamento subjetivo das pessoas. Idéias sobre a extensão do conceito de família foram verificadas perguntando aos participantes das pesquisas se alguns grupos de pessoas são uma família, como por exemplo, uma mãe, um pai e um filho; apenas um dos pais com uma criança; casais sem filhos, etc.

Em um estudo realizado por Hodkin (1983), 31 estudantes universitários canadenses foram entrevistados com questões abertas a respeito do que é família. Quase metade (42%) listou como membros de sua família apenas a nuclear, sendo que o restante incluiu outras pessoas com ou sem ligação biológica.

Outra forma de se investigar o conceito de família é através da elaboração de uma lista com vários integrantes que é apresentada aos participantes. Curley e Furrow (1991) elaboraram uma lista composta de vários vínculos pessoais (mãe, primo, namorado, animal de estimação, etc.) e a partir desta lista investigaram quem era considerado como membro da

família. Das 125 mulheres universitárias entrevistadas, a maioria (94%) incluiu membros da família extensiva, sendo que dessas, 58% incluiu outras pessoas sem relação biológica ou legal, como amigos, namorados e animais de estimação, e apenas 6% limitou-se à família nuclear.

Vacharesse (1992) constatou resultados semelhantes aos encontrados por Curley e Furrow (1991). Dos 64 homens e mulheres jovens, participantes do estudo, 58% incluiu amigos próximos, quase todos consideraram também os membros da família extensiva e 5% reportaram-se apenas aos membros nucleares.

Em um estudo realizado com 1105 famílias com o objetivo de conhecer a família de classe média paulista, Cervený e Berthoud (1997) perceberam que a visão de família contemporânea não é muito diferente das estudadas antigamente. O estudo abordou os aspectos da estrutura, dinâmica e valores familiares. Os aspectos que parecem não ter sofrido modificações em relação à estrutura familiar são: (a) o catolicismo como religião dominante; (b) o casamento como forte instituição familiar e, (c) o marido como provedor da família e a mulher como responsável pelas tarefas domésticas. Em relação à dinâmica familiar, os fatores que não apresentaram modificação foram: (a) o ideal da família ainda está baseado no amor e no dinheiro; (b) a meta familiar encontra-se no estudo e profissionalização dos filhos; (c) a figura materna aparece com a função de organizar a casa e dar suporte emocional à família; (d) a figura paterna permanece com a função de sustentar economicamente a família; (e) a função dos filhos limita-se a trabalhar e/ou estudar e; (f) a realização afetiva é alcançada por meio do casamento. Os valores familiares que se conservaram foram: (a) o Natal como a grande festa a ser comemorada apresentando rituais familiares como troca de presentes e realização de refeições em conjunto; (b) reuniões com parentes aos domingos; (c) a morte como grande tabu da família e; (d) a valorização do estudo passado de geração a geração.

Cervený e Berthoud (1997) também apontaram os fatores que se modificaram em relação à estrutura familiar: (a) alto nível de escolarização e profissionalização da mulher; (b) efetiva participação da mulher no mercado de trabalho, complementando o orçamento familiar e; (c) mudanças adaptativas masculinas acompanhando a transformação da mulher. Em relação à dinâmica familiar surgiram as maiores mudanças: (a) marido e mulher compartilham mais as tarefas de casa e os cuidados dos filhos, a direção da casa; (b) os filhos parecem mais participativos nas decisões familiares; (c) ocorre grande valorização do diálogo como propulsor das boas relações familiares e, (d) o diálogo, respeito e afeto como permeando as relações de pais e filhos. Por último, em relação aos valores familiares foi possível destacar: (a) a maior ênfase ao lazer tanto individual quanto familiar; (b) menor

ênfase em valores como virgindade antes do casamento, “nome da família”, ou seja, valorização do nome familiar da qual pertença e seguir a mesma profissão dos pais.

Outro tema que vem sendo abordado na literatura diz respeito a diferenças e semelhanças de conceituação familiar entre pessoas de famílias originais e reconstituídas. Wagner, Falcke e Meza (1997) utilizaram uma amostra de 60 adolescentes, 30 de famílias reconstituídas e 30 de originais, de ambos os sexos, entre 12 e 17 anos com o objetivo de avaliar e comparar o que eles pensam em relação à "família", ao "casamento" e à "separação" e quais são os seus "projetos de vida". Os resultados demonstraram uma tendência dos adolescentes de famílias originais considerarem suas famílias mais "unidas e companheiras" que os de famílias reconstituídas. Houve, também, diferença significativa em relação ao que os adolescentes esperam do casamento; os filhos de famílias originais esperam mais felicidade e os de famílias reconstituídas, mais amor. Comparando-se sexos, foi possível constatar uma diferença significativa com relação ao casamento e à separação. As meninas acreditam que as pessoas se casam porque se amam (97%) e que se separam porque deixam de se amar (56,25%), enquanto que os meninos atribuem causas mais diversificadas para o casamento, como por exemplo, por amor, para formar família, para obter satisfação pessoal, entre outros, e pensam que a separação ocorre porque os casais não se acertam.

Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt (1999) investigaram em que medida a configuração familiar contribui para o bem-estar dos adolescentes, utilizando uma amostra de 391 adolescentes de ambos os sexos, entre 12 e 17 anos, provenientes de escolas públicas e particulares de Porto Alegre e de nível sócio-econômico médio, sendo 196 provenientes de famílias originais e 195 de famílias reconstituídas. Os resultados indicaram que a maioria dos adolescentes (81%) apresentou um nível de bem-estar geral entre bom a muito bom, sendo que não houve diferença significativa entre adolescentes de famílias originais e reconstituídas.

1.5 IMPORTÂNCIA DOS PAPEIS E FUNÇÕES ASSUMIDOS PELOS MEMBROS FAMILIARES

Com as constantes mudanças que vêm ocorrendo no âmbito familiar, outras alterações estão ocorrendo, como por exemplo alterações na distribuição de tarefas domésticas e de educação dos filhos.

1.5.1 Divisão das tarefas domésticas e educativas dos filhos

Diversas pesquisas apontam que as mães tendem a se envolver mais do que os pais nas tarefas do dia-a-dia da criança e, geralmente, estão à frente do planejamento educacional de seus filhos (GAUVIN; HUARD, 1999; STRIGHT; BALES, 2003). Em contrapartida, observa-se um número crescente de pais que também compartilham com a mulher ou até mesmo assumem a responsabilidade de educar os filhos (PONTES, 2002; BUSTAMANTE, 2005).

Em um estudo realizado em 13 nações diferentes, Petzold (1995) investigou qual é o papel dos genitores. Os resultados indicam que ainda predominam os papéis tradicionais, especialmente no que concerne à divisão de tarefas domésticas e de cuidados dispensados aos filhos. Os dados desse estudo indicam que as mães são as maiores responsáveis pelos cuidados de seus filhos, desde o início da vida destes e que os pais, no geral, sentem-se pouco responsáveis nos primeiros meses, mas essa responsabilidade aumenta à medida que a criança cresce.

Já em relação à execução de tarefas domésticas, Davis e Greenstein (2004) relataram, através de um estudo realizado em 13 nações diferentes, que mulheres com a mesma educação ou com educação superior à de seus maridos são menos propensas à execução da maior parte das tarefas domésticas, embora haja diferenças significativas quanto à divisão de trabalho doméstico nos diferentes países.

Na maioria das famílias brasileiras de nível sócio-econômico médio o que vem ocorrendo é um processo de transição. Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005) destacam que muitas famílias já fazem uma relativa divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham aspectos referentes às tarefas educativas e organização do dia-a-dia. Porém, essas mudanças parecem não estar ocorrendo com a mesma frequência e intensidade em todas as famílias. Percebe-se que a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos

parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico do lar. O descompasso dessas mudanças é evidenciado por Greenstein (2000) e Rocha-Coutinho (2003) através de suas mais diversas expressões, como por exemplo, o fato de que o trabalho doméstico continua sendo freqüentemente denominado "trabalho de mulher".

Estudos brasileiros com famílias de nível sócio-econômico médio nos quais a mulher é a principal responsável pelo sustento financeiro, mostram que ela ainda assume quase que totalmente a responsabilidade pelas tarefas domésticas, mesmo ganhando mais que o marido. Ainda predomina, nestas famílias, a divisão das tarefas domésticas que segue sendo feita ainda de forma tradicional (FLECK; WAGNER, 2003; ROCHA-COUTINHO, 2003).

Pesquisadores do Brasil (FLECK; WAGNER, 2003; ROCHA-COUTINHO, 2003) e dos Estados Unidos (CINAMONM; RICH, 2002; GREENSTEIN, 2000) têm constatado que a divisão das tarefas domésticas ainda tende a seguir padrões relativamente tradicionais. Homens e mulheres ainda desempenham distintas tarefas domésticas como se tais atividades fossem próprias de cada um deles. Assim, as mulheres seguem realizando tarefas como cozinhar, lavar e passar enquanto os homens desempenham tarefas como carpintaria e pequenos consertos (STREY; BLANCO; WENDLING; RUWER; BORGES, 1997).

No entanto, há uma nova configuração de papéis do homem e da mulher surgindo e, conseqüentemente, de paternidade e de maternidade, pois, atualmente, muitos pais interagem constantemente com seus filhos, apreciando a sua companhia e tornando-se figuras centrais no mundo social das crianças (HORVATH, 1995). O pai vem sendo cada vez mais inserido nos cuidados com seus filhos (PONTES, 2002; BUSTAMANTE, 2005). Apesar dessas mudanças, ainda é raro encontrarmos sociedades em que os pais são os principais responsáveis pelo cuidado com os filhos, cabendo este papel, em grande parte, às mães (LEWIS; DESSEN, 1999).

Até pouco tempo, a mulher tinha total responsabilidade pelos cuidados dos filhos; porém, com a sua inserção no mercado de trabalho, os padrões de criação da prole se modificaram. O homem não apenas está sendo o provedor, mas participa, com a mulher na educação e cuidados dos filhos. Este maior envolvimento do homem parece estar sendo benéfico tanto para a mulher quanto para os filhos, que podem obter maior apoio e sofrer menos riscos de serem negligenciados (CIA; PEREIRA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006).

Em um estudo sobre a organização familiar e a execução de tarefas domésticas realizados com famílias de baixa renda, Cebotarev (1984) confirmou a participação dos filhos

nas atividades de rotina tão logo estes apresentem desenvolvimento físico compatível com a atividade.

A divisão de papéis e funções não se restringe somente ao âmbito profissional e doméstico. No Brasil, pesquisas indicam que em famílias recasadas, por exemplo, os pais tendem a ser mais periféricos no que se refere à educação dos filhos(as), principalmente, se não coabitam com esses (WAGNER et al, 1999; WAGNER; FÉRES-CARNEIRO, 2000; WAGNER; OLIVEIRA, 2000). No entanto, Trindade e cols. (1997) encontraram que, quanto maior o nível de escolaridade dos pais, mais visível é o afeto e o estabelecimento de um relacionamento positivo entre pai e filho(a). Outra consequência relativa ao aumento da escolaridade dos pais reflete-se na diminuição da dicotomia entre a função paterna e materna, tanto em relação a participação na educação dos filhos quanto na divisão de tarefas do lar.

Mas constatar que o papel do pai vem mudando não significa que pais e mães devem ter, necessariamente, as mesmas funções nas famílias, pois as relações pais-filhos e mães-filhos são qualitativamente diferentes (LAMB, 1996). Enquanto os pais interagem com maior frequência por meio de brincadeiras e de jogos, as mães têm uma relação de proteção e afetividade com os filhos (JABLONSKI, 1999).

Além da figura dos genitores, outras também são de fundamental importância, tanto para a estruturação familiar como para o bom desenvolvimento dos adolescentes. Entre elas estão os irmãos e avós.

1.4.2 O papel dos irmãos

Na maioria das culturas, os irmãos oferecem uma variedade de ajuda e apoio durante todo o ciclo de vida (WEISNER, 1989). As tarefas desenvolvimentistas de irmãos na infância incluem o oferecimento de companhia, apoio emocional, cooperação no cuidado fornecimento de ajuda ocasional, enquanto as tarefas de irmãos na velhice incluem o oferecimento de ajuda e serviços diretos aos outros irmãos, tanto quanto um aumento no apoio social (GOETTING, 1986).

Um aspecto importante a considerar na relação de irmãos diz respeito à amizade que se forma entre eles. Connidis (1989) e Connidis e Davies (1990) destacam que há diversas semelhanças existentes entre irmãos e amigos. Ambos formam pares no que se refere à idade, desempenham muitos papéis e têm acesso livre um ao outro; o relacionamento é caracterizado

por igualitarismo, sociabilidade e obrigações específicas. Entretanto, o relacionamento entre irmãos difere do de amigos no modo como o vínculo entre irmãos é descrito, uma vez que a amizade é um vínculo voluntário. Irmãos podem competir pela atenção dos pais, enquanto os amigos não. Embora três quartos dos participantes do estudo de Connidis (1989) consideraram como última opção a possibilidade de um irmão ser um amigo íntimo, amigos foram mais relacionados a palavra “*camarada*”, enquanto os irmãos o foram a “*confidentes*”, sugerindo que amigos e irmãos desempenham diferentes papéis no sistema de apoio.

Irmãos mais velhos podem servir como modelo para os mais novos em uma variedade de comportamentos. Crianças de seis meses mostraram significativa melhora nas respostas cognitivas depois de observar modelos dos irmãos (WISHART, 1986). Em adolescentes, da mesma forma, irmãos mais velhos exerceram influência “pioneira” sobre o comportamento sexual dos irmãos mais novos (RODGERS; ROWE, 1988).

Ervin-Tripp (1989) indicou que irmãos mais velhos comunicam-se muito no contexto familiar: tentam entender as comunicações dos mais novos, adaptam-se à pouca competência de linguagem deles, solicitam repetições, fazem perguntas e oferecem modelos. Histórias familiares compartilhadas e experiências de linguagem em comum devem capacitar irmãos mais velhos a adotarem um estilo de comunicação íntimo, com muitos significados (CICIRELLI, 2000).

Ferreira e Mettel (1999) procuraram identificar algumas das características de famílias em que a participação dos irmãos mais velhos em atividades domésticas é considerada essencial para a manutenção do seu equilíbrio. Participaram do estudo 20 famílias, de nível sócio-econômico baixo, residentes no Distrito Federal, com filhos de um a dezesseis anos de idade. A análise se deteve na organização familiar, desempenho em tarefas domésticas e interação entre irmãos. Verificou-se que as famílias que se beneficiam da contribuição dos filhos mais velhos foram aquelas que contavam com a presença de ambos genitores, possuíam o menor número de filhos, a maior renda mensal, maior escolaridade dos pais e cujos filhos tinham as maiores idades. O relacionamento entre os irmãos mostrou-se positivo, com as famílias procurando adequar seus próprios recursos e os da comunidade na promoção do bem-estar de seus membros. Em um outro extremo foram encontradas famílias bastante disfuncionais, compostas pela mãe e filhos, com renda mensal mais baixa, menor idade entre os filhos e que não utilizavam recursos da comunidade como apoio. Muitas das crianças não freqüentavam a escola, recusavam o auxílio de vizinhos e não buscavam apoio no posto de saúde. Nessas famílias havia filhos que apresentavam competência para realizar as tarefas domésticas, porém tinham dificuldade no relacionamento com os irmãos. A preocupação com

a sobrevivência do grupo era predominante à promoção do desenvolvimento de competências sociais nas crianças. Havia dificuldades no estabelecimento dos papéis a serem desempenhados pelos irmãos, refletindo um modelo familiar no qual os pais demonstraram dificuldades em estabelecer limites claros aos filhos, deixando-os "desorientados" sobre o que a família esperava deles. Foi também constatado que, nessas famílias, a aprendizagem ocorre principalmente através da observação não-sistemática do desempenho materno, não havendo instruções específicas aos filhos sobre as tarefas diárias esperadas.

Os estudos relatados mais uma vez indicam a diversidade das relações familiares. Uma outra frente de estudos que vêm aumentando, diz respeito ao papel que os avós vêm desempenhando nas relações familiares.

1.5.3 O papel dos avós

Segundo Dias e Silva (2003), a expectativa de vida do ser humano tem aumentado, possibilitando às pessoas vivenciar o papel de avô/avó, e até mesmo o de bisavô/bisavó. Com isso, a frequência e o prolongamento do contato entre duas ou mais gerações na família está aumentando.

Os avós podem constituir uma valiosa rede de apoio para seus familiares, promovendo suporte emocional e financeiro para filhos, netos, genros e noras (OLIVEIRA, 2007). Quando algum filho necessita de recursos econômicos ou de ajuda para cuidar de seus próprios filhos, ele tende a recorrer a seus genitores (REYNOLDS; WRIGHT; BEALE, 2003). A entrada da mãe no mercado de trabalho trouxe alterações na rotina familiar, incluindo novos cuidadores de seus filhos, tendo os avós papel de destaque nessa função (ZAMBERLAN; CAMARGO; BIASOLI-ALVES, 1997). Muitas vezes eles precisam cuidar dos netos enquanto os genitores trabalham, provendo-lhes alimentação e atenção durante todo o dia (OLIVEIRA, 2007). A rotina de cuidados prestados pelos avós aos netos constitui uma forma compulsória de unir a família, que tem sido modificada ao longo do tempo (COELHO, 2002).

Kreppner (2000) alerta para um importante fator na compreensão das relações intergeracionais: o papel dos avós como perpetuadores da cultura familiar. Os avós são reconhecidos como transmissores do conhecimento, onde a cultura e os propósitos são transmitidos de uma geração para a próxima. Sommerhalder e Nogueira (2003) destacam, a esse respeito, que os avós são valorizados pela sua maturidade e experiência.

Em muitos países, os avós estão assumindo não somente a responsabilidade de cuidar de seus netos, sendo um dos recursos utilizados pelas famílias em que pais e mães trabalham fora, como também auxiliam na educação das crianças, transmitindo experiências, valores e crenças acerca do desenvolvimento infantil. Eles também são considerados fonte importante de apoio para a família brasileira (BRITO-DIAS, 1994; FERREIRA, 1991).

Os avós assumem diferentes papéis, dependendo da família na qual estão inseridos. Segundo Reynolds e cols. (2003), eles desempenham três papéis principais: participativos, cuidadores voluntários e cuidadores involuntários. O papel participativo ocorre quando eles não são responsáveis por seus netos, mas estão presentes em suas vidas; o cuidado voluntário ocorre quando decidem cuidar de seus netos exercendo um papel parental por, pelo menos, um período na maioria dos dias da semana e, o cuidados involuntário é quando assumem os cuidados primários dos netos, com ou sem a presença dos pais, recebendo algumas vezes a custódia dos netos.

Dessa forma, os avós aparecem como os principais agentes socializadores das crianças, depois de seus pais e sua contribuição é grande no cotidiano das famílias. Dias e Silva (2003) alertam que na adolescência, esta relação tende a ser mais intensa, mas poucos estudos têm sido realizados para demonstrar sua importância.

Dias e Silva (2001) acrescentam que, na fase da adolescência, ao contrário da infância, são os próprios jovens que definem o tipo de relação que vão ter com seus avós. Pesquisas norte-americanas realizadas com jovens universitários, com o objetivo de compreender a importância do relacionamento destes com seus avós, demonstraram que as expectativas e atitudes perante os avós foram positivas para a maioria dos participantes, tendo sido enfatizado que o relacionamento com os avós foi decisivo em suas vidas (ROBERTSON, 1976; HARSTHORNE; MANASTER, 1982; KENNEDY, 1989, MATTHEWS; SPREY, 1985; HODGSON, 1992).

Na pesquisa de Sanders e Trygstad (1993), universitários norte-americanos referiram-se aos avós como figuras importantes tanto no aspecto social (respeito, influência no próprio comportamento, participação nos acontecimentos da família), como no pessoal (fonte de aprendizagem, senso de perspectiva, ligação emocional). Em outra pesquisa, o significado que os jovens atribuíram aos avós foi o de historiador, confidente, pais substitutos e companheiros (FRANKS; HUGHES; PHELPS; WILLIAMS, 1993). A frequência de contato com os avós também foi considerada boa, embora alguns tenham desejado que ela fosse maior (KENNEDY, 1989, 1992).

Em relação à preferência, a avó apareceu como participante mais freqüente da vida dos netos do que o avô, influenciando-os em vários aspectos como: no comportamento, na personalidade e na consciência psicossocial (FRANKS et al, 1993; ROBERTO; STROES, 1992).

Dias e Silva (2003) realizaram um estudo com 100 universitários brasileiros de ambos os sexos, com média de idade de 21 anos, com o objetivo de verificar a percepção dos jovens adultos acerca dos seus avós. Os significados mais importantes representados pelos avós foram os de "respeito", "sabedoria" e "experiência de vida". Dos avós a preferida pelos netos foi a "avó materna", pela convivência maior. Quanto à contribuição dada pelos avós à família destacaram-se "a educação dada aos genitores" e a "ajuda na criação dos netos". A diferença entre os pais e os avós, na opinião dos jovens, foi "a diferença de cultura e de valores". Em relação às características de um avô (avó) ideal, verificou-se que, para os universitários, eles devem ter "amor/carinho" e "abertura/diálogo/comunicação".

Em um estudo realizado por Oliveira (2007) com objetivo de verificar as alterações familiares na perspectiva de 87 mulheres grávidas ou com bebês recém-nascidos, um dos dados encontrados foi que os avós transmitem valores principalmente em relação a educação dos filhos, sendo esta influência de maneira direta ou indireta.

Como o auxílio que os avós vêm desempenhando em muitas famílias modernas, uma necessidade que vem sendo reconhecida e indicada para as famílias é uma rede de apoio social.

1.5.4 Rede social de apoio

Segundo Gottlieb e Pancer (1988), a rede social de apoio é formada por um grupo de indivíduos e a conexão entre eles constitui um sistema que busca atender as diferentes necessidades da pessoa, sejam elas emocionais, financeiras, materiais, sociais, acadêmicas ou de algum outro tipo, oferecendo apoio instrumental e emocional. Ela diz respeito às relações com pessoas que não necessariamente necessitam ser familiares íntimos e demais parentes, podendo ser incluídos os amigos, colegas de trabalho, vizinhos, ou seja, de pessoas

significativas nas suas vidas (DESSEN; BRAZ, 2000; LLEWELLYN; McCONNELL, 2002; SLUZYK, 1997).

Quando o auxílio é fornecido por uma rede social de apoio estável, sensível, ativa e confiável, ocorre uma diminuição de possibilidade de disfunções na família, gerando saúde e equilíbrio (DESSEN; BRAZ, 2000). Isso pode ser evidenciado em um estudo realizado com portadores do vírus HIV que, quando os pacientes possuíam parentes e amigos por perto e inclusive discutiam sobre a doença, ocorreu menos queixas de solidão e depressão (ROBBINS et al, 2003). Os pesquisadores verificaram, ainda, que a qualidade da rede de apoio era mais importante do que sua quantidade.

Para Sluzki (1997), a rede de apoio deve ser estudada sob a perspectiva da pessoa em foco, devendo o pesquisador ser sensível para sua composição e função durante momentos de transição, como na adolescência, por exemplo, faixa etária abordada nesse estudo.

2 JUSTIFICATIVA

Compreender família é de fundamental importância, pois ela representa o espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, local para o exercício da cidadania, possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de seus membros, independentemente dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que vêm se formando. Sua dinâmica é própria, afetada tanto pelo desenvolvimento de seu ciclo vital, como pelas políticas econômicas e sociais (CARTER; McGOLDRICK, 1995; FERRARI; KALOUSTIAN, 2004).

Estudar família em um contexto tão extenso e diversificado como o Brasil é um desafio que precisa ser enfrentado e isso vem sendo apontado por vários estudiosos (SÂMARA, 1992; CERNEVY et al., 1997; BIASOLI-ALVES, 2000; TORRES; DESSEN, 2006). Apesar dos avanços apresentados nesse campo de pesquisa, Neder (2004) destaca que ainda falta à área da Psicologia uma sistematização dos conceitos e características de sua dinâmica e estudos que descrevam a realidade da família brasileira em diferentes contextos e culturas, já que até pouco tempo este tema raramente era investigado.

Dessa forma, o estudo científico de famílias rurais e urbanas vem de encontro com a necessidade apontada, uma vez que, são realidades com diferenças culturais, geográficas, sociais e econômicas, mas que se complementam quando o objetivo é compreender a estruturação e dinâmica geral das famílias brasileiras.

Caracterizar e conceituar família segundo a visão dos adolescentes é importante porque, ao investigar suas concepções a respeito da instituição familiar, abre-se um espaço de conversa e reflexão sobre o assunto e faz-se um levantamento de dados que fornecem informações para a área de intervenção, podendo auxiliar também na prevenção dos conflitos e desestruturas do meio familiar. Além disso, acredita-se que o conceito de família que esses jovens estão construindo nessa fase das suas vidas influenciará suas escolhas futuras, onde estarão delimitando a nova realidade da família brasileira, uma vez que eles serão os protagonistas dos novos arranjos familiares de amanhã.

O interesse em estudar os jovens brasileiros se dá por várias razões: dentre as mudanças biológicas, a puberdade é o evento que se destaca, evidenciando-se pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários, que modificam a aparência, a capacidade reprodutiva do adolescente e sua auto-imagem (BLOS, 1994; OUTEIRAL, 1994; STEINBERG, 1985). Já as mudanças cognitivas se traduzem pela aquisição progressiva de habilidades de pensamento mais avançadas, que trazem ao adolescente maior aptidão para

pensar sobre situações hipotéticas e sobre conceitos abstratos, influenciado o modo como ele pensa sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo (PIAGET, 1976; STEINBERG, 1985). Além disso, está se falando de 34 milhões de brasileiros que têm de 15 a 24 anos, de acordo com o censo de 2000, que vivenciam uma fase que é bastante complexa dentro do ciclo vital, pela quantidade e qualidade de transformações biológicas, psicológicas e sociais que experimenta (KNOBEL, 1981).

Em decorrência dos processos de transformações ocorridos no decorrer dos tempos, Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2005) apontam que esses jovens têm passado mais tempo na casa dos pais na condição de dependentes, apresentam dificuldade de inserção no mercado de trabalho e estão experimentando maior instabilidade nas relações afetivas. Eles acrescentam que muitas jovens, ainda na adolescência, estão optando pela fecundidade precoce como uma forma de inserção no mundo adulto. De acordo com Therborn (2006) os adolescentes estão crescendo e enfrentando claramente iniciações muito diferentes à sexualidade, à vida adulta e à nova formação de família.

Já no que diz respeito aos aspectos psicossociais, a consolidação da identidade nessa fase seria o mais importante. O jovem passa a se preocupar com quem ele é e o que será no futuro, passando por um período de experimentação de papéis, na tentativa de encontrar sua verdadeira identidade (STEINBERG, 1985).

É importante ressaltar que o tema "família" é por demais amplo e que um recorte precisa ser estabelecido, tanto no tempo abrangido, quanto no sujeito foco da análise. Na impossibilidade de se estudar a visão dos adolescentes brasileiros a respeito do conceito de família, essa pesquisa se limitou a participantes adolescentes de uma cidade do interior paulista com a expectativa de que outras pesquisas desse tipo dêem prosseguimento à proposta de caracterizar e a conceituar os diferentes tipos de famílias brasileiras.

3 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desse estudo é o de caracterizar e conceituar famílias de zona rural e urbana de uma cidade do interior de São Paulo segundo a perspectiva de adolescentes, descrevendo tanto a sua constituição como os papéis representados por seus membros, dentro da realidade sócio-econômica-política em que estão inseridos.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever aspectos como: constelação familiar, escolaridade dos pais, renda familiar, tipo de moradia e ocupação dos pais que caracterizam o grupo familiar dessa amostra de adolescentes de zona rural e urbana;
- b) Verificar como os adolescentes de zona rural e urbana descrevem a divisão de tarefas domésticas desempenhadas pelos membros familiares e sua rede social de apoio;
- c) Descrever dados de saúde, assim como os eventos ocorridos com a família dos adolescentes de ambas as áreas;
- d) Verificar como os adolescentes de zona rural e urbana definem o significado de suas próprias famílias e dos diversos membros familiares;
- e) Descrever quem os adolescentes dos dois grupos consideram como sendo de sua família, de forma espontânea ou com ajuda de lista composta de várias possibilidades de vínculos pessoais;
- f) Descrever como os adolescentes de ambas as áreas relatam o papel das famílias em suas vidas e o nível de satisfação em relação a elas;
- g) Avaliar a percepção dos adolescentes de zona rural e urbana sobre os novos arranjos familiares.

4 MÉTODO

Nesta seção são caracterizados os participantes e como foram selecionados. Também são descritos os procedimentos para a coleta de dados, apresentando os instrumentos utilizados e procedimentos de análise.

4.1 Descrição da amostra: os adolescentes e suas famílias

Caracterização dos Adolescentes

A amostra foi composta de 48 adolescentes, entre 13 e 18 anos, sendo 32 adolescentes de zona urbana e 16 de zona rural, todos estudantes, solteiros, sendo que apenas uma adolescente da área urbana é mãe. É importante ressaltar, que, nessa amostra, os adolescentes da zona rural têm uma caracterização especial, ou seja, todos estudam na cidade, assim que como os de zona urbana, diminuindo uma variável de comparação. Na Tabela 2 pode-se observar alguns aspectos que os caracterizam como gênero, idade, se estudam em escola pública ou particular, escolaridade, ocupação e religião.

Pode-se verificar que todos os participantes da zona rural estudam em escola pública e que mais da metade dos de zona urbana estuda em escola particular (69%, n= 22). A escolaridade variou da 7ª. série do ensino fundamental a 3ª. série do ensino médio. Além de estudarem, 44% (n=7) dos estudantes da área rural possui alguma outra ocupação, sendo que a maioria auxilia o pai no campo como forma de ajudar e aprender o ofício. Dos estudantes residentes na cidade, 84% (n=32) só estuda, e os demais possuem também outra ocupação. A religião católica predomina nos estudantes da amostra de ambas as áreas, entretanto existe mais variedade delas entre os adolescentes da zona urbana.

Tabela 2. Caracterização dos adolescentes

	Zona Rural (n = 16)	Zona Urbana (n = 32)
GÊNERO		
• Masculino	8	22
• Feminino	8	10
IDADE		
• Média	15 anos	16 anos
• Variação	13-18 anos	13-18 anos
ESCOLA		
• Pública	16	10
• Privada	0*	22
• Diurno	11	28
• Noturno	5	4
ESCOLARIDADE		
• 7ª série ensino fundamental	5	3
• 1ª série ensino médio	4	9
• 2ª série ensino médio	4	5
• 3ª série ensino médio	3	15
OCUPAÇÃO		
• Estudante	16	32
• Outra (além do estudo)	7	5
RELIGIÃO		
• Católica	13	20
• Espírita	0	6
• Evangélica	1	3
• Protestante	0	1
• Sem religião	2	2

* Não foi encontrado nenhum aluno de zona rural nas escolas particulares pesquisadas. Os dados encontram-se na íntegra nos Apêndices A e B.

Constelação familiar

A constelação familiar dos adolescentes da zona rural e urbana encontra-se descrita na Tabela 3 e os dados na íntegra estão nos Apêndices C e D.

Tabela 3. Constelação Familiar dos adolescentes da zona rural e urbana em porcentagem.

Constelação Familiar	ZR (%)	ZU (%)
Família nuclear (pai-mãe-filho)	81	66
Família extensiva (pai-mãe-filho-neto-tios-avós-primos)	13	22
Mãe e filho	0	6
Mãe-padrasto e filho	6	6

Em ambas as áreas, o principal arranjo familiar encontrado é o nuclear, havendo maior prevalência nas famílias de zona rural. O segundo arranjo familiar que se destaca é o da família extensiva, com maior concentração nas famílias urbanas.

Nível de escolaridade dos pais/padrastos e mães

Na Tabela 4, encontra-se descrito o nível de escolaridade dos pais/padrastos e mães dos adolescentes da zona rural e urbana. A escolaridade foi dividida da seguinte forma: EFI (ensino fundamental incompleto), EFC (ensino fundamental completo), EMI (ensino médio incompleto), EMC (ensino médio completo) e NS (nível superior). As mães de ambas as áreas têm menor escolaridade que os parceiros.

Tabela 4. Nível de escolaridade dos pais/padrastos e mães dos adolescentes da zona rural e urbana em porcentagem.

Escolaridade	Pai/padrasto		Mãe	
	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
EFI	53	12	69	16
EFC	33	12	6	10
EMI	7	8	6	13
EMC	0	20	19	26
NS	7	48	0	35

Pode-se verificar que em relação a ambos os genitores, há uma maior concentração dos de zona rural na escolaridade inicial, ou seja, ensino fundamental incompleto, ocorrendo o oposto em relação à escolarização dos genitores da área urbana, onde mais da metade cursou o ensino médio ou o nível superior.

Renda familiar

Os dados referentes à renda familiar média das famílias dos participantes de ambas as áreas, a variação da renda, o valor médio da renda percapita e a variação da renda percapita são descritos na Tabela 5.

Tabela 5. Renda familiar dos adolescentes de zona rural e urbana.

Renda Familiar*	ZR	ZU
Valor médio renda em real	R\$985,00	R\$3220,00
Variação da renda em real	R\$525,00 a R\$1750,00	R\$700,00 a R\$6475,00
Valor médio renda percapita em real	R\$237,00	R\$746,00
Variação renda percapita em real	R\$100,00 a R\$400,00	R\$162,00 a R\$2600,00

*Salário mínimo no valor de R\$350,00

Pode-se verificar, no geral, a superioridade da renda nas famílias da zona urbana e sua maior variabilidade; no entanto, existem famílias nas duas áreas que sobrevivem com salários semelhantes.

Moradia

O tipo de moradia das famílias dos adolescentes de zona rural e urbana encontra-se descrito na Tabela 6.

Tabela 6. Tipo de moradia das famílias dos adolescentes da zona rural e urbana em percentuais.

Tipo de moradia	ZR (%)	ZU (%)
Casa própria	75	78
Casa alugada	0	22
Casa cedida pelo patrão	25	0

Nenhuma família da zona rural paga aluguel e 25% ocupa moradia cedida pelos patrões. Na zona urbana, 78% das famílias também não paga aluguel, sendo que o restante mora em casa alugada.

Ocupação dos pais ou padrastos

Na zona rural, 100% dos pais/padrastos estão presentes em casa; entretanto, entre os residentes na zona urbana, 25% não mora junto com o adolescente. Dessa forma, a análise percentual foi realizada apenas com os pais ou padrastos residentes nas casas, considerando-os como 100%. As ocupações foram organizadas de acordo com os grandes subgrupos ocupacionais propostos pelo Código Brasileiro de Ocupações (www.mtecbo.gov.br/informacao.asp): (a) trabalhadores agropecuários, incluíram ocupações exercidas no campo, tanto na roça, como na criação de animais; (b) membros superiores do poder público, dirigentes de organização de interesse público e de empresa e gerente:

incluiram ocupações como gerência, administração de agência de publicidade ou de transportadora, setor administrativo de empresas, contador, empresários, oficial de justiça; (c) trabalhadores de bens e serviços industriais: foram alocados os serviços desempenhados em empresas de calçados, de cartonagem ou metalúrgica; (d) trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados: incluiram motorista, serviços de vendedores, de comércios em geral, representação e venda de produtos; (e) trabalhadores de reparação e manutenção: incluindo mecânico, pintor, vigia, assentador de piso; (f) profissionais das ciências e das artes: incluindo professor universitário, professores de esporte e academia e inspetores de escola; (g) técnicos de nível médio, inclui técnicos em reparação e manutenção de máquinas; (h) desempregado, incluindo as pessoas que não estão desempenhando nenhuma função devido à falta de serviço. A Figura 1 apresenta esses dados.

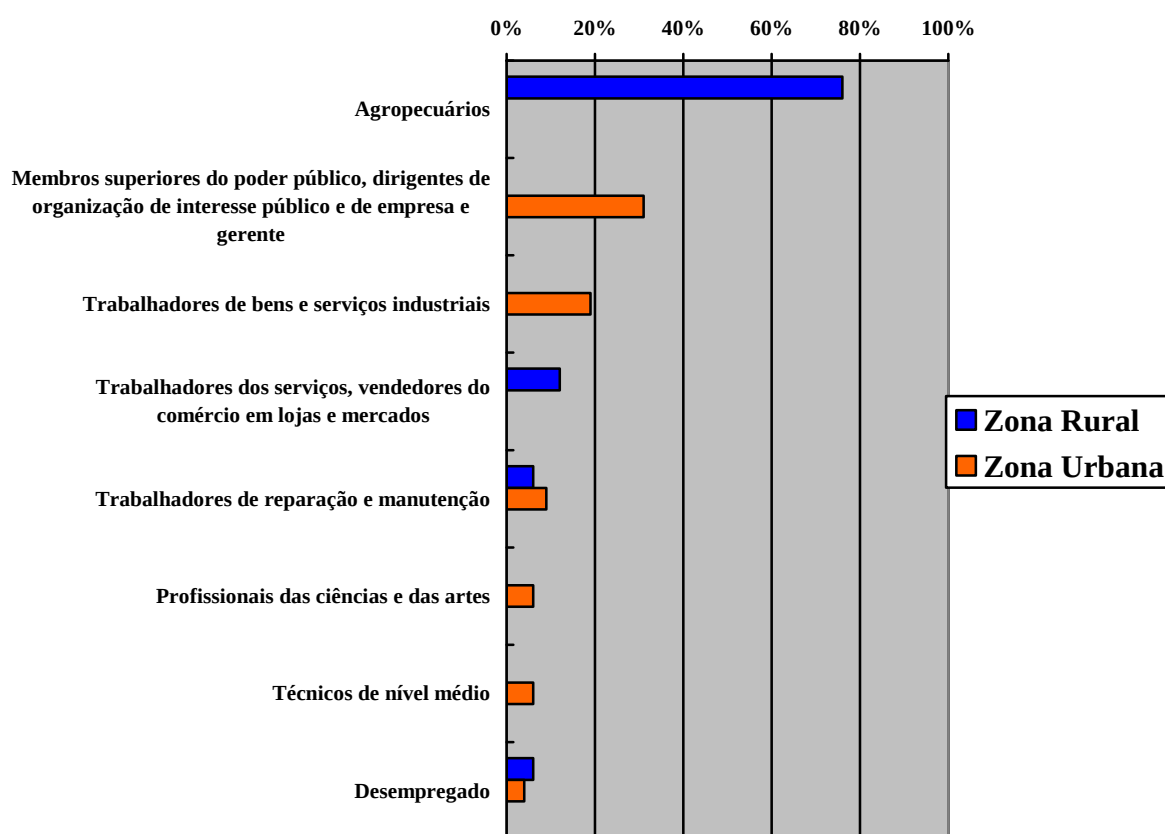


Figura 1. Percentual de alocação da ocupação atual dos pais ou padrastos dos adolescentes de zona rural e urbana.

Há grande diferença entre as ocupações dos pais/padrastos dos adolescentes de ambas as áreas. Com exceção do agrupamento trabalhadores de reparação e manutenção e

desempregado, nenhum outro aparece em comum entre as duas localidades. A grande maioria dos pais dos adolescentes residentes na zona rural está alocada no grupo dos agropecuários, ou seja, ainda mantêm as atividades tradicionais do homem do campo. Entre os urbanos a distribuição das atividades é mais heterogênea, sendo que as principais atividades estão voltadas para o setor administrativo ou serviços industriais.

Ocupação das mães

De modo semelhante ao ocorrido entre os pais, todas as mães da zona rural estão presentes nas famílias, entretanto, na zona urbana, três por cento não mora junto. Considerou-se como 100% o total de mães residentes nas casas. As ocupações das mães foram agrupadas de acordo com o Código Brasileiro de Ocupação (www.mtecbo.gov.br/informacao.asp): (a) serviço doméstico sem remuneração, onde foram inseridas as dona de casa; (b) trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados, incluindo serviços de diaristas, dama de companhia, copeiras, cozinheiras ou mesmo de domésticas em período integral, serviços de vendedores, de comércios em geral, farmácias; (c) membros superiores do poder público, dirigentes de organização de interesse público e de empresa e gerentes: incluíram ocupações como administração de agência de publicidade, setor administrativo de empresas e empresária; (d) profissionais da ciências e das artes: incluindo psicóloga, professora do ensino médio e fundamental e inspetoras de escola; (e) trabalhadores da produção de bens e serviços industriais: incluindo costureira e pessoas que trabalham nas indústrias de calçados da cidade, como pespontadeira, por exemplo; (f) técnicos de nível médio: inclui ocupações que necessitem de curso técnico para serem realizadas como técnica em enfermagem, por exemplo. Esses dados encontram-se na Figura 2.

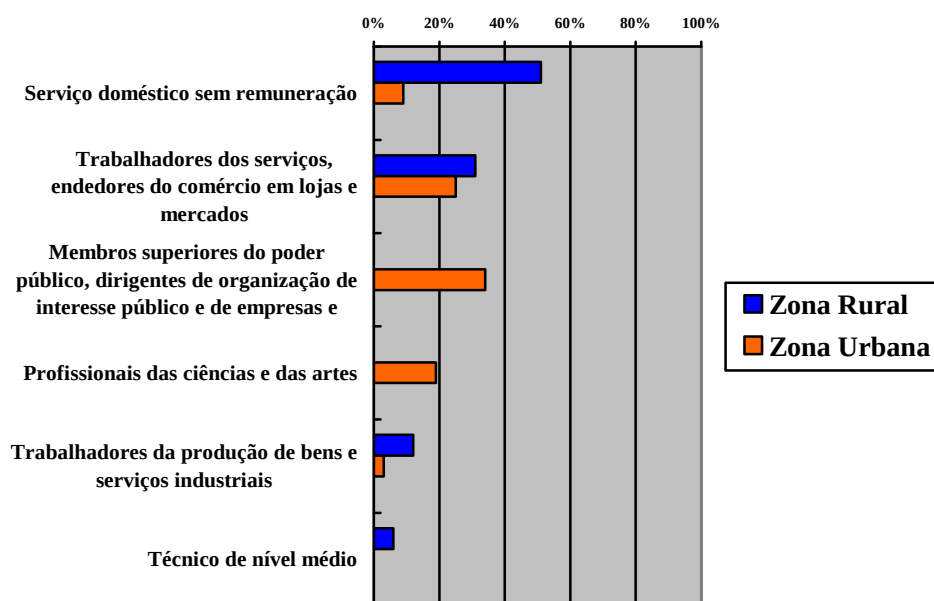


Figura 2. Percentual de alocação da ocupação atual das mães dos adolescentes de zona rural e urbana.

Entre as atividades das mães dos adolescentes, cerca de metade (51%) das que residem na área rural é constituída de donas de casa (serviço doméstico não remunerado), seguidas das trabalhadoras dos serviços (31%), sendo a maioria doméstica. Com relação às mães residentes na cidade, a principal atividade realizada por elas coincide com a dos pais/padrasto, ou seja, atividades do ramo administrativo (34%), em seguida estão as vinculadas ao comércio e venda (25%). Apenas 9% dessas mães são donas de casa, delimitando uma realidade diferente das da área rural.

4.2 A coleta de informações

Descrição da cidade

A pesquisa foi realizada na cidade de Birigui, interior de São Paulo. De acordo com o censo de 2000, o total da população de Birigui era de 94.300 habitantes, sendo 91.018 habitantes da zona urbana e da zona rural 3.282 habitantes. A taxa total de alfabetização era de 93%. De acordo com a estimativa da população para 2006, o total de habitantes é de 108.472 (www.nossosaopaulo.com.br/Reg_02/Reg02_Birigui.htm - 27k). Birigui é conhecida como a Capital Nacional do Calçado Infantil, com aproximadamente 164 indústrias

calçadistas que empregam cerca de 18000 funcionários. (www.birigui.sp.gov.br/cidade/index.php).

Procedimento de seleção dos participantes e local da coleta de informações

Uma vez detectada a dificuldade da coleta dos dados nas residências, em função do fator do tempo previsto para a conclusão do mestrado, optou-se por coletar os dados em escolas, facilitando o acesso ao adolescente e possível autorização dos pais.

A Delegacia de Educação da cidade foi contatada para verificar se havia escolas com alunos adolescentes provenientes da zona rural. Dessa forma, foram selecionadas duas com maior contingente rural, mas que também tinham alunos da cidade e, em seguida, foram selecionadas outras duas escolas particulares que fossem localizadas em locais extremos, com o objetivo de entrevistar adolescentes residentes em diferentes bairros e com diferentes níveis sócio-econômico.

A pesquisadora se dirigiu às escolas selecionadas e, após aprovação da diretoria das mesmas, a própria direção se encarregou de passar o convite de participação nesse estudo aos adolescentes que demonstraram interesse e que se enquadravam nas características da amostra (faixa etária entre 13 e 18 anos, tanto da zona rural como urbana). Os diretores explicaram nas salas de aula o objetivo da pesquisa e entregaram para os interessados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice E) para os menores de dezoito anos para que levassem para casa e fossem assinados pelos pais ou responsáveis. Os alunos de 18 anos que aceitaram participar da pesquisa assinaram o próprio Termo de Consentimento.

Em cada escola foram deixados trinta Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, totalizando 120. Quase metade dos Termos que foram entregues não retornou e, no prazo previsto para a realização das entrevistas, vários adolescentes faltaram, sendo possível a coleta das informações com os 48 participantes descritos. Eles foram entrevistados nas quatro escolas citadas, as quais cederam uma sala para a realização da pesquisa durante o período escolar, uma vez que os diretores(as) afirmaram ser difícil o comparecimento dos adolescentes no horário contrário às aulas, principalmente os de zona rural que dependiam de condução.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de informações:

1º)- *Questionário de Caracterização do Sistema Familiar* (adaptado de Dessen, 2006) – contendo os seguintes temas: dados de identificação; dados demográficos; constelação familiar; escolaridade e ocupação atual de todos os membros da família; renda familiar; tipo de moradia e moradores da casa; divisão das tarefas de casa; dados de saúde da família e eventos ocorridos com a família em geral (Apêndice F).

2º)- *Roteiro de Entrevista de Conceituação Familiar* (instrumento elaborado para a realização da presente pesquisa) – Esse instrumento está subdividido em duas partes, uma com perguntas abertas, que aborda o conceito geral de família e o da própria família; quem eles consideram de sua família, os diferentes papéis desempenhados na família; nível de satisfação com a própria família e como percebem os novos arranjos familiares. Na segunda parte, há a apresentação de uma lista composta de diferentes graus de parentesco, acrescida de amigos, empregada doméstica, animais de estimação, entre outros, e se solicita que o participante liste quem eles consideram de sua família e, caso tivessem irmãos adotivos, padrastos, madrastas, empregada doméstica, etc., se eles os considerariam ou não como fazendo parte de suas famílias (Apêndice G).

Procedimento de coleta de informações

Os instrumentos foram aplicados individualmente, em um único encontro, com duração média de 50 minutos com cada adolescente. Inicialmente foi apresentado o trabalho ao adolescente, esclarecendo alguma dúvida que pudesse ter. Posteriormente, foram aplicados o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, seguido do Roteiro de Entrevista de Conceituação Familiar, sempre nesta ordem.

A Entrevista foi gravada e transcrita na íntegra, nas questões de um a dez. Elas tiveram uma duração média de 45 minutos, totalizando 36 horas de gravação.

4.3 A Análise dos Dados

O Questionário de Caracterização do Sistema Familiar foi analisado levantando-se os temas listados e calculando os percentuais ou frequência relativa. Parte dos dados nele obtido foi utilizada para caracterizar a amostra desse estudo como: quem são os adolescentes, constelação familiar, tipo de moradia, renda familiar, escolaridade dos pais/ padrastos e mães, ocupação dos mesmos. Considerou-se como 100% o total de pessoas, quando se referiam aos adolescentes ou membros familiares, ou o total de respostas, quando se referiam às respostas categorizadas. O mesmo foi considerado para o Roteiro de Entrevista de Conceituação Familiar.

A análise dos dados das entrevistas foi realizada em três momentos: (a) transcrição integral das fitas de áudio, nas questões de um a dez, como descrito anteriormente; (b) leitura minuciosa de todas entrevistas e elaboração do sistema de categorias; (c) por fim, os dados foram tabulados e descritos através dos percentuais ou frequência relativa das respostas que apresentavam.

4.4 Aspectos Éticos da Pesquisa

O projeto foi submetido à apreciação pelo comitê de Ética da Unesp, campus de Bauru, sendo aprovado (Anexo 1).

5 RESULTADOS

5.1 DADOS DE SAÚDE DA FAMÍLIA E DO ADOLESCENTE

A seguir, serão apresentados os sub-tópicos referentes ao uso de substâncias, aos atendimentos de saúde e às doenças apresentadas pelos membros familiares dos adolescentes.

Uso de Substâncias

Investigou-se, com os adolescentes, se há utilização de algum tipo de substância como o álcool, drogas e cigarro por membros familiares. Os dados são apresentados na Tabela 7.

Com relação ao uso de cigarro, 37% dos adolescentes de zona rural e 47% dos de zona urbana relataram haver algum usuário entre seus familiares, seja na família nuclear ou extensiva. Entretanto os maiores usuários na zona rural são os pais/padrastos (86%) e na zona urbana são as mães (40%), havendo maior variedade de consumidores nesta localidade.

Tabela 7. Frequência relativa do uso de substâncias e dos membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana.

Uso de substâncias	ZR		ZU	
Cigarro	37%	Usuários mais freqüentes: Pai/padrasto (86%) Avô (14%)	47%	Usuários mais freqüentes: Mãe (40%) Pai (20%) Tios (15%) Avós (10%) Irmão e adolescente (10%) Prima (5%)
Álcool	83%	Usuários mais freqüentes: Pai/padrasto (73%) Mãe (13%) Irmão (7%) Avó (6%)	65%	Usuários mais freqüentes: Pai/padrasto (41%) Adolescentes e irmãos (25%) Mãe (20%) Tios (11%) Avô (3%)
Drogas	6%	Usuários mais freqüentes: Primo (100%)	3%	Usuários mais freqüentes: Primo (100%)

Nota: Na 2ª. e 4ª. coluna foi considerado como 100% a quantidade de adolescentes de cada grupo que afirma existir algum usuário das substâncias especificadas, na família. Já para o cálculo dos usuários mais freqüentes (3ª. e 5ª. coluna) considerou-se como 100% o total de usuários de cada substância, em cada grupo. Por ex., 37% dos adolescentes de zona rural relatam como existindo algum membro familiar que utiliza o cigarro, destas respostas, 86% aponta a figura do pai/padrasto e 14% a do avô.

O consumo de álcool nas famílias de zona rural é maior (83%) em relação às famílias de zona urbana (65%), sendo os pais/padrastos os maiores consumidores nas famílias das duas localidades. Os adolescentes relataram que em todas famílias esse consumo é moderado, que eles bebem apenas socialmente.

As drogas foram relatadas apenas por 6% dos adolescentes da zona rural e 3% da zona urbana, sendo o usuário um primo que não mora junto.

Atendimentos de Saúde nas Famílias

Os tratamentos na área de saúde citados pelos adolescentes referem-se à atendimento médico em geral, psicológico/psiquiátrico ou odontológico/nutricional. Eles foram relatados pelos adolescentes e calculou-se as porcentagens gerais e as frequências relativas. São apresentados na Tabela 8.

Tabela 8. Porcentagem e frequência relativa dos tratamentos de saúde realizados pelos membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana.

Atendimentos de Saúde nas Famílias	ZR		ZU	
Médico	37%	Usuários mais freqüentes: Irmã (33%) Mãe (33%) Avó (17%) Pai (17%)	41%	Usuários mais freqüentes: Irmãos (26%) Mãe (26%) Pai (21%) Avós (16%) Adolescente (5%) Tia (5%)
Psicológico/ psiquiátrico	19%	Usuários mais freqüentes: Mãe (75%) Irmão (25%)	41%	Usuários mais freqüentes: Irmãos (40%) Mãe (26%) Adolescentes (13%) Pai (7%) Tios (7%) Prima (7%)
Dentista	63%	Usuários mais freqüentes: Irmãos (29%) Adolescente (24%) Mãe (19%) Pai (16%) Prima (6%) Avó (6%)	53%	Usuários mais freqüentes: Irmãos (32%) Adolescente (26%) Mãe (24%) Pai (18%)
Nutricionista	0%		6%	Usuários mais freqüentes: Adolescente (50%) Irmã (50%)

Nota: Ver explicação na Tabela 7, p. 56.

Com relação ao atendimento médico geral, os dois grupos familiares apresentam porcentagem e frequência relativa semelhante, inclusive entre os membros que necessitam desses atendimentos. A maior diferença encontrada diz respeito aos atendimentos

psicológicos ou psiquiátricos, onde a incidência na zona urbana é superior. Entretanto, é importante ressaltar que, apesar da frequência inferior da zona rural, a principal pessoa que necessita desse atendimento, segundo os adolescentes, é a mãe (75%), geralmente com queixa de depressão. O outro tipo de atendimento levantado por eles é o de dentista e ou nutricionista, relatados com porcentagem semelhante para ambos os grupos. Entretanto, na zona rural, 100% dos que relataram outro tipo de atendimento disseram ser em relação ao dentista. Já na zona urbana, dos que buscam outro tipo de atendimento (59%), 6% procuram nutricionista, enquanto os 53% restante também utiliza serviços odontológicos. Os membros que buscam esses atendimentos são semelhantes nas famílias das duas localidades.

Doenças nas Famílias

Também foi investigado que tipo de problema de saúde ocorre nas famílias dos adolescentes e quem os apresenta. Esses dados encontram-se na Tabela 9.

Tabela 9: Frequência relativa das doenças nas famílias de zona rural e urbana.

Doença e frequência relativa	ZR		ZU	
Alergias (a pó, rinites)	29%	Membros afetados: Pai, mãe, avô, adolescentes, primos, irmãos	26%	Membros afetados: Pai, mãe, irmãos, avós e adolescente
Cardiovascular (colesterol, pressão)	17%	Membros afetados: Tias, avós e mãe	17%	Membros afetados: Tios, avós, mãe, pai e irmãos
Endócrino-hormonal (diabete, glicemia)	11%	Membros afetados: Avós, tio	11%	Membros afetados: Avós, pai, mãe, irmã, tios e adolescente
Ósteo-muscular (joelho)	11%	Membros afetados: Avós, primo	8%	Membros afetados: Avós, pai e mãe
Respiratória (broquite, asma)	11%	Membros afetados: Avós, irmão	18%	Membros afetados: Avós, mãe, irmãos, tio, primo e adolescente
Mental ou comportamental	6%	Membros afetados: Tio, primo e irmão	6%	Membros afetados: Tios, mãe e irmã
Deficiências ou síndrome	4%	Membros afetados: Tio e irmão	1%	Membros afetados: Prima
Outros (anemia, problema renal, depressão, câncer de pele e mama, miopia, gastrite, labirintite, hepatite)	11%	Membros afetados: Mães, adolescentes e pai	13%	Membros afetados: Mãe, adolescente, pai, avós, irmã e tia

As doenças nas famílias de um modo geral não apresentam variação considerável entre as duas localidades. Com relação aos membros afetados, nota-se uma grande prevalência entre os avós de ambas as áreas que são citados em quase todos os problemas de saúde descritos.

5.2 EVENTOS OCORRIDOS NO GERAL

A seguir serão apresentados na Tabela 10 o percentual das Categorias pré-estabelecidas no Questionário de Caracterização do Sistema Familiar sobre os eventos marcantes ocorridos com as famílias rurais e urbanas em geral, segundo a perspectiva dos adolescentes, nos últimos cinco anos.

Tabela 10. Porcentagem de eventos gerais ocorridos nas famílias dos adolescentes de zona rural e urbana.

Eventos	O que aconteceu	ZR (%)	ZU (%)
Mudança de cidade	Permaneceram na mesma cidade	75	78
	Mudaram	25	22
Trabalho da mãe	Começou a trabalhar	13	9
	Sempre trabalhou	31	72
	Nunca trabalhou	56	19
Perda de emprego (pai, mãe, padrasto, tios)	Sim	20	28
	Não	80	72
Problemas financeiros	Sim	22	25
	Não	78	75
Nascimentos (primos, irmãos, sobrinho, filho)	Sim	59	68
	Não	41	32
Hospitalização (pai, avós, tios, primos)	Sim	56	63
	Não	44	37
Morte (bisavós, avós, tios, primos, amigos, madrinha)	Sim	70	76
	Não	30	24
Outras experiências	Sim	88	91
	Não	12	9

Com relação à mudança de cidade, as famílias das duas localidades apresentam resultados semelhantes, segundo os adolescentes, com baixo percentual de mudança. A realidade das mães que trabalham fora ou não já é bem diferente entre as famílias, ou seja, nas de zona rural há um número significativo de mães que nunca trabalhou recebendo remuneração (56%), enquanto que, entre as mães da área urbana, o percentual das que sempre

trabalharam recebendo salário é de 72%. Das que começaram a trabalhar remuneradamente, o percentual entre as duas famílias não é muito diferente. O que diferencia é que metade das mães da área rural que começou a trabalhar recebendo salário já parou, segundo o relato livre dos adolescentes.

A maioria dos genitores, padrastos e tios, de ambas as áreas, não perderam o emprego nos últimos cinco anos. Os adolescentes das duas localidades relataram um índice percentual semelhante com relação a dificuldades financeiras (22% zona rural e 25% zona urbana), sendo que a maioria não o apresentou nesse período. Os nascimentos, relatados com um percentual um pouco maior na cidade, referem-se a irmãos ou filho (no caso da adolescente que é mãe), sobrinhos e primos. A hospitalização foi relatada com percentual um pouco maior pelos adolescentes da zona urbana (63%) comparado aos do campo (56%). A morte foi mais relatada entre os adolescentes da cidade (76%) em relação aos da rural (70%).

Os outros eventos que tiveram impacto na vida desses adolescentes foram mais relatados pelos adolescentes da zona urbana (91%) em relação aos da área rural (88%) e foram divididos em positivos e negativos para ambos adolescentes. Entre os relatos dos adolescentes da zona rural, 53% das experiências foram positivas na vida deles e 47% negativas. Entre as experiências positivas destacam-se: *“primeiro namoro”, “aniversário de 15 anos”, “ganhar um cavalo”, “viagem para São Paulo”, “aniversários de primos e colegas”, “passeio em rancho”, “festas”, “novas amizades”, “conhecer paquera”, “nascimento da irmã” e “primeiro trabalho de Educação Artística com nota boa”, “mudança para casa nova”, “idas para a casa da avó”*. As experiências negativas foram as seguintes: *“separação de uma semana dos pais”, “quando os pais se agrediram”, “pai quebrou o fêmur”, “morte de avós”, “cachorro morreu”, “morte do primo”, “briga com o tio”, “acidente de moto da mãe”, “assalto em casa” e “sumiço do irmão”, “problemas financeiros”, “brigas na família”*. Percebe-se que os acontecimentos negativos estão mais vinculados aos membros familiares, demonstrando o quanto a dinâmica e os acontecimentos familiares podem marcar a vida desses adolescentes.

Para os adolescentes da zona urbana as experiências que tiveram impacto em suas vidas foram relacionadas a eventos positivos (46%) e negativos (54%). Os acontecimentos positivos referem-se à viagens de lazer (*“Disney”, “Porto Seguro”, “Ubatuba”, “Paraguai”, “com grupo de teatro”*), *“início de namoro”, aniversários (“15 anos”, “17 anos” ou “de amigos”)*, *“passar no vestibular”, “primeiro beijo”, “sair do convento”, “nascimento da filha”, “colocar aparelho nos dentes”, “recuperação de cirurgia”* de algum membro da família, *“conseguir bolsa na escola com olimpíadas de matemática” e “ir para o Japão”* à

trabalho, *“viagem de caminhão com o tio por vários estados do Brasil”*. Entre os negativos encontram-se: *“morte de entes queridos (tios e avós)”*, *“hospitalização de membros familiares (avós, pais e adolescente)”*, *“separação dos pais precedida por agressões físicas”*, *“término de namoro”*, *“acidentes (bicicleta, casa de madeira que caiu na cabeça)”* e *“brigas familiares”*.

Para os adolescentes de ambas as áreas, os acontecimentos positivos se relacionam a aspectos de sua vida pessoal, enquanto os acontecimentos negativos estão mais ligados a problemas que incluem a família de modo geral.

Em seguida, será apresentado a divisão de tarefas domésticas realizadas pelas famílias da zona rural e urbana além da rede social de apoio oferecida pelos membros familiares e extra-familiares dos adolescentes.

5.3 DIVISÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS

Foi verificado qual ou quais membros das famílias dos adolescentes desempenham atividades como: limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas, comprar comida e orientar a empregada.

Limpar a Casa

A Figura 3 apresenta a divisão da tarefa de Limpar a Casa entre os membros familiares das famílias de ambas as áreas, segundo a visão dos adolescentes. Os padrastos não foram citados como participando dessa atividade.

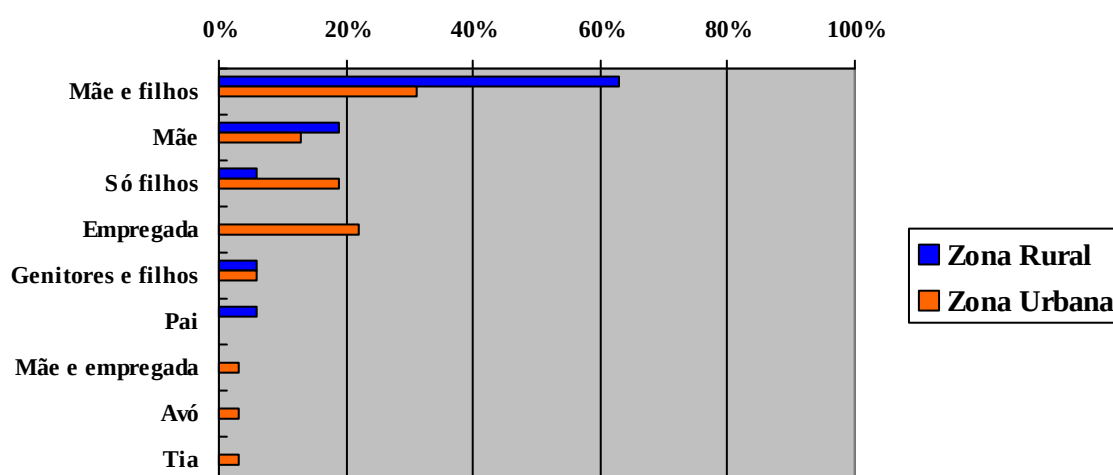


Figura 3. Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que realiza(m) a tarefa de “Limpar a Casa” nas áreas rural e urbana.

As mães com os filhos são os principais responsáveis pela função de limpar a casa tanto para as famílias rurais como urbanas (63% e 31%, respectivamente). Em seguida foi descrito que só a mãe realiza essa tarefa (19% e 13%), ou apenas os filhos (6% e 19%) e, ambos genitores com seus filhos (em 6% das famílias das duas localidades). Na zona urbana essa atividade também é realizada pela empregada em 22% das famílias e outras pessoas como avó e tia. Na zona rural, os pais também podem ser os principais responsáveis por essa atividade (6%).

Cozinhar

Na Figura 4 encontra-se a divisão da tarefa de cozinhar pelos membros familiares rurais e urbanos, segundo os adolescentes entrevistados.

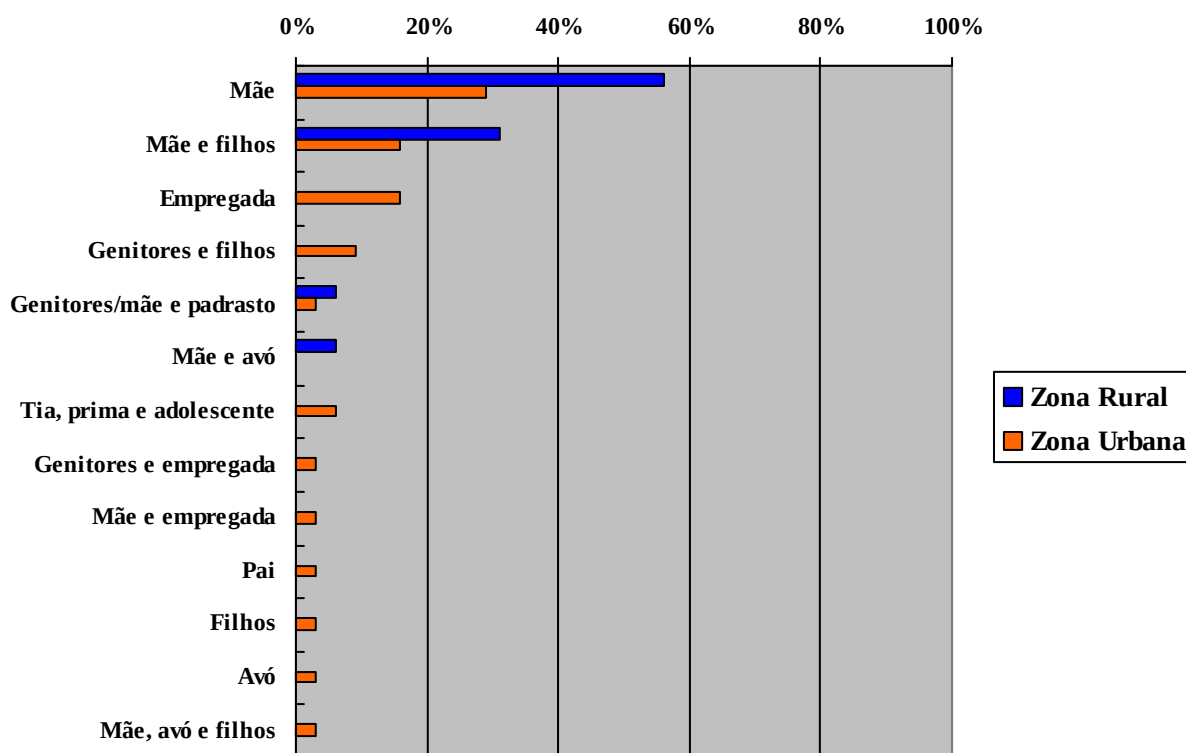


Figura 4: Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que realiza(m) a tarefa de “Cozinhar” nas áreas rural e urbana.

As mães ainda são as principais responsáveis pela tarefa de Cozinhar, tanto nas famílias rurais (56%) como nas urbanas (29%). A resposta mais citada em segundo lugar, pelos adolescentes é a de que as mães dividem essa tarefa com os filhos (ZR: 31%; ZU: 16%). Na área urbana também se destaca a participação da empregada doméstica (16%), genitores e filhos (9%) e outros arranjos entre os membros como tia, prima e o próprio adolescente.

Lavar e Passar Roupas

Já na Figura 5 estão listados os membros das famílias rurais e urbanas que dividem a tarefa de Lavar e Passar Roupas.

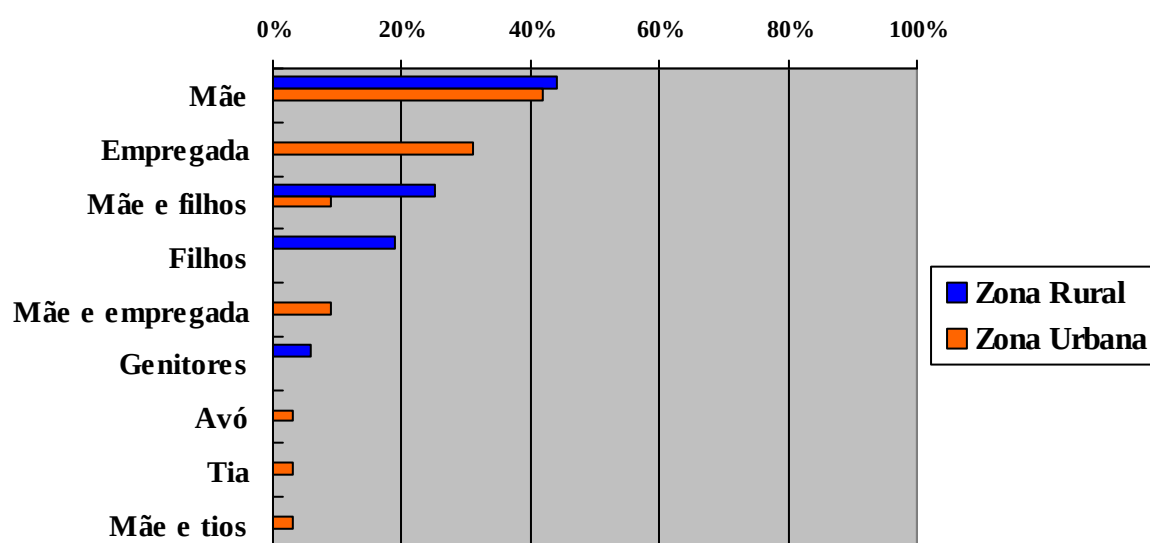


Figura 5. Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que executa(m) a tarefa de “Lavar e Passar Roupas” entre os membros das famílias de zona rural e urbana.

As mães continuam sendo as principais responsáveis por essa atividade em ambas as áreas (44% e 42%, respectivamente), às vezes auxiliada pelos filhos (25% e 9%). Nas famílias rurais, os filhos sozinhos são responsáveis por essa atividade em 19% das famílias, seguidos dos genitores (6%). Nas famílias urbanas, após as mães, a empregada assume essa atividade em 31% delas e em 9%, elas são auxiliadas pelas mães. A avó, tia e tios também se responsabilizam por essa atividade em algumas famílias urbanas.

Comprar Comida

A Figura 6 descreve os membros familiares de ambas as localidades que executam a função de comprar alimento.

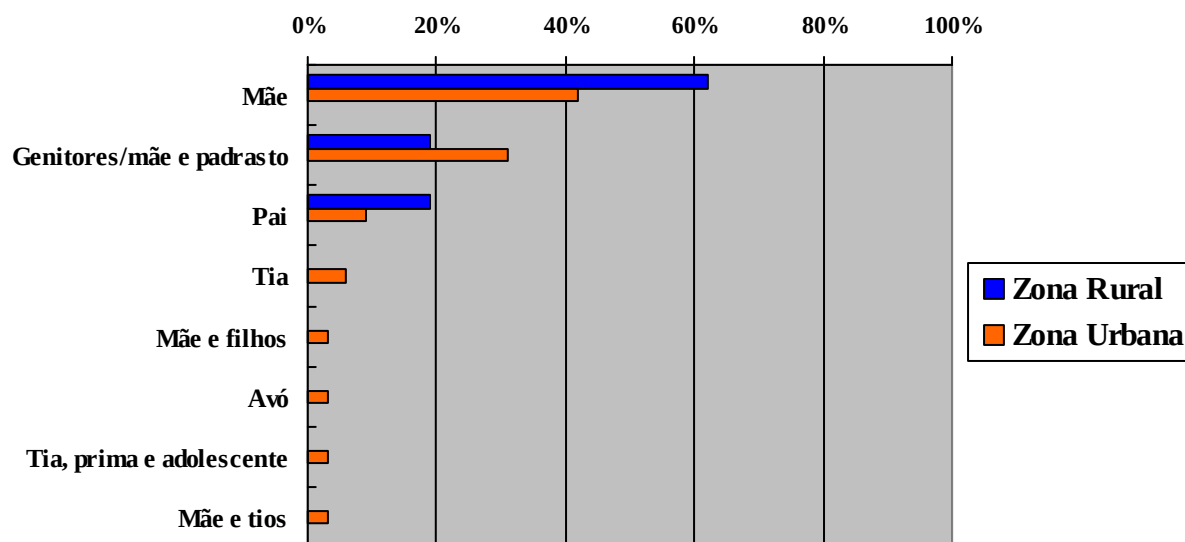


Figura 6. Porcentagem de pessoa ou agrupamento de pessoas que executa(m) a tarefa de Comprar Comida entre os membros das famílias de zona rural e urbana.

Da mesma forma que nas outras atividades, a presença da mãe na realização dessa função é grande em ambas as áreas. Na atividade de Comprar alimento ela é a principal responsável (62% e 42%), ou é acompanhada pelo companheiro na zona urbana (31%) e rural (19%). O pai, na zona rural executa essa função em 19% e os de zona urbana, 9%. Outros arranjos familiares ocorrem na zona urbana para a realização dessa tarefa, com percentuais inferiores.

Orientar a Empregada

Apenas 41% das famílias da cidade contam com a empregada doméstica, o que não ocorre nas famílias da área rural. A figura 7 faz referência aos membros familiares das Famílias Urbanas que as orientam. Considerou-se 100% o total de famílias urbanas que contam com essa profissional.

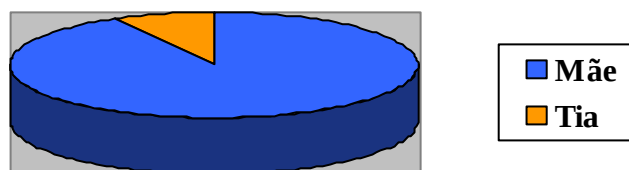


Figura 7. Porcentagem de quem orienta a empregada nas famílias de zona urbana.

Em praticamente todas as famílias, a função de orientar a empregada fica a cargo das mães (92%).

5.4 REDE SOCIAL DE APOIO DOS ADOLESCENTES

Os participantes desse estudo relataram quem é a primeira pessoa, dentro e fora da família, com quem eles podem contar quando precisam de algum tipo de ajuda e apoio.

Rede de apoio familiar

Na Figura 8 encontra-se os dados percentuais de quem é a primeira pessoa do ambiente familiar que cada adolescente recorre em caso de necessidade. Cem por cento corresponde ao número total de adolescentes de cada área.

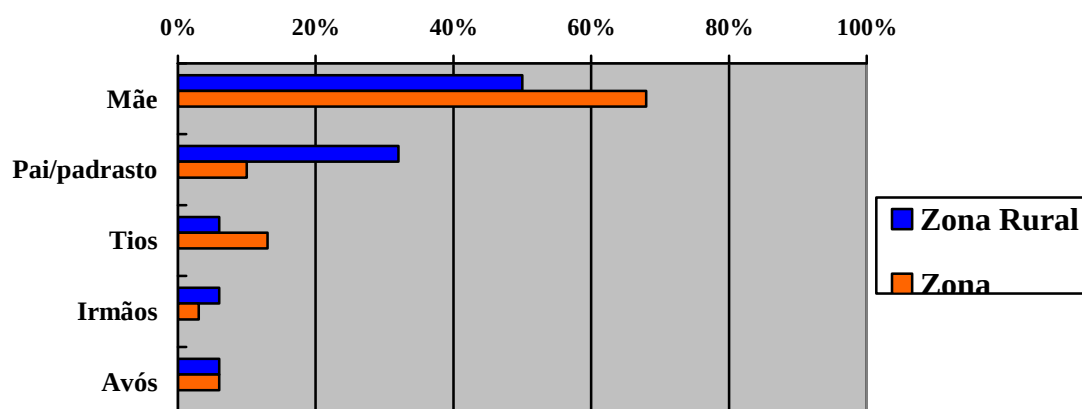


Figura 8. Porcentagem dos membros familiares procurados pelos adolescentes de zona rural e urbana, em caso de necessidade.

A fonte de apoio mais citada pelos adolescentes, ou seja, o membro familiar mais procurado por eles em caso de necessidade é a mãe; entretanto, ela é mais relatada pelos adolescentes da cidade (68%) do que os do campo (50%). Os principais tipos de apoio oferecidos pelas mães das duas localidades são: (a) conversa/orienta: diálogo sobre trabalho, sexualidade, esclarecimentos “sobre tudo”, bate-papo, ajuda no relacionamento com amigos, dá dicas de relacionamento afetivo, orienta sobre comportamentos, trabalho e escola; (b) ajuda na escola: conselhos e ajuda nas atividades escolares e sobre vestibular; (c) carinho/afeto: assistência emocional nas dificuldades, dá abraços, beijos, colo, ajuda quando a auto-estima do adolescente está baixa; (d) ajuda financeira: para comprar roupas, sapatos, materiais escolares; (e) pegar coisas para o adolescente: mãe sabe onde estão as coisas que os filhos solicitam e as pegam; (f) ajuda em geral: colabora com o(a) filho(a) em tudo que ele(a) precisar ou pedir, inclusive conversar com pai sobre a possibilidade dele(a) sair para passear; (g) lazer: leva nos lugares de lazer e se diverte com filho; (h) alimentação: cuida da alimentação do filho.

Já 32% dos adolescentes da zona rural optaram, em primeiro lugar, pelo apoio do pai e 13% dos de zona urbana optaram pelos tios (13%). Um percentual menor de adolescentes optou por irmãos e avós.

Os principais tipos de apoio oferecidos pelos pais e/ou padrasto para os adolescentes são: (a) ajuda financeira: para sair e comprar roupas; (b) conversa/orienta: tira dúvidas sobre vários assuntos, bate papo do dia a dia, orienta as filhas sobre a maneira de pensar dos homens, conversa sobre trabalho, escola, maneira como agir, o que é certo e errado, sobre as amizades; (c) ajuda na escola/trabalho: auxilia nas tarefas escolares, nos estudos e ensina coisas novas no trabalho; (d) carinho/afeto: dá atenção, abraços e beijos.

Os tipos de apoio oferecido pelos tios são: (a) conversa/orienta: esclarece sobre vários assuntos que às vezes o adolescente não consegue conversar com os pais, principalmente sobre namoro, ouve os problemas familiares vivenciados pelo adolescente ou acalma-o quando nervoso ou bravo; (b) carinho/afeto: dá atenção, abraços, beijos; (c) financeiro: dá dinheiro para o adolescente sair quando a mesada dele termina, compra roupa, alimento e oferece moradia; (d) geral: apóia em tudo que precisar, inclusive leva para passear.

Na figura do irmão, os adolescentes buscam: (a) conversa/orienta: opinião sobre roupas, amigos, namorados, sobre a vida, conversam sobre tudo, principalmente sobre paquera entre os adolescentes rurais e sobre vestibular entre os urbanos, ajudam a resolver problemas como brigas com amigos e dificuldades nas tarefas escolares; (b) carinho/afeto, oferecem atenção, abraços e beijos.

Com os avós, os tipos de apoio procurados pelos adolescentes são: (a) carinho/afeto: atenção, abraços e beijos; (b) dúvidas: tiram dúvidas a respeito de assuntos que os adolescentes não tem coragem de perguntar para os pais; (c) apoio: eles apóiam nas situações de brigas familiares ou entre amigos.

Rede de apoio extrafamiliar

Em relação aos membros não familiares, 44% dos adolescentes rurais e 16% dos urbanos relataram não contar com ninguém, ou seja, não buscam apoio de nenhuma pessoa fora da família. Dos 66% dos adolescentes rurais e 84% dos urbanos que buscam esse apoio, as pessoas a quem eles recorrem e as porcentagens com que foram citados encontram-se na Figura 9.

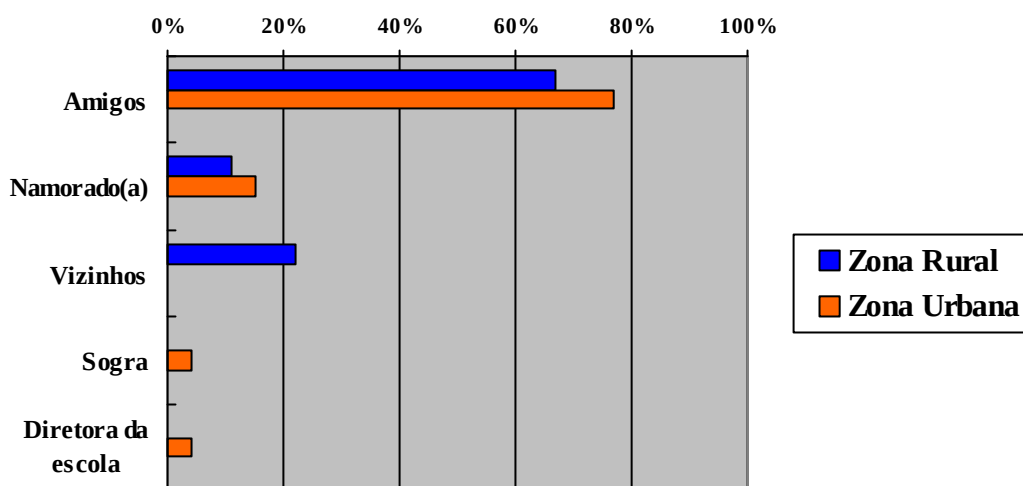


Figura 9. Porcentagem dos membros extrafamiliares procurados pelos adolescentes de zona rural e urbana, em caso de necessidade.

As pessoas mais solicitadas pelos adolescentes da zona rural e urbana quando necessitam de alguma ajuda são os amigos que oferecem companhia para diversão, são confidentes, conversam sobre trabalho, oferecem ombro amigo, dão apoio nos problemas familiares, da escola e do namoro, ajudam financeiramente quando necessário, oferecem carinho e atenção, refletem sobre as crises existenciais enfrentadas por eles, sobre as insatisfações pessoais e sociais, dão conselhos sobre namoro e são cúmplices. Os adolescentes da zona rural buscam também apoio em vizinhos que os auxiliam quando os pais brigam, são confidentes e conversam sobre o dia-a-dia.

Os adolescentes também citaram os namorados(as), dos quais recebem carinho, afeto, atenção, conselhos, apoio nos conflitos familiares, na escolha da profissão e auxílio financeiro, quando necessário. As outras pessoas foram citadas apenas pelos adolescentes da cidade. Entre eles estão: diretora da escola que orienta em todos os assuntos, ajuda no que precisar e é confidente dos problemas pessoais e sogra que conversa sobre o relacionamento e sobre sentimentos do adolescente.

A seguir são apresentados os dados referentes a quem os adolescentes consideram membros de sua família, primeiramente com respostas espontâneas e posteriormente com ajuda de uma lista.

5.5 A FAMÍLIA NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES DE ZONA RURAL E URBANA

Primeiramente são apresentados os dados da resposta espontânea dos adolescentes, ou seja, quem eles consideram como pertencendo a suas famílias sem o auxílio de nenhuma lista; em seguida, estão os dados apresentados por eles a partir da apresentação de uma lista de membros familiares que consta na Entrevista de Conceituação de Família. As respostas individuais dos adolescentes estão na íntegra nos Apêndices H e I.

Através das respostas espontâneas dos participantes, foi possível classificá-las em quatro categorias: (a) família nuclear: composta de pai, mãe e filhos ou apenas pai e mãe; (b) família extensiva: inclui além dos pais e filhos, outros parentes como avós, tios, primos; (c) família extensiva+amigos: foram listados os parentes, além de amigos e empregada doméstica; (d) família extensiva+amigos+animais de estimação: nesta categoria, além dos parentes, amigos e empregada doméstica são incluídos os animais de estimação.

Na Figura 10 são apresentados quem os adolescentes de zona rural e urbana consideram como pertencendo a suas famílias.

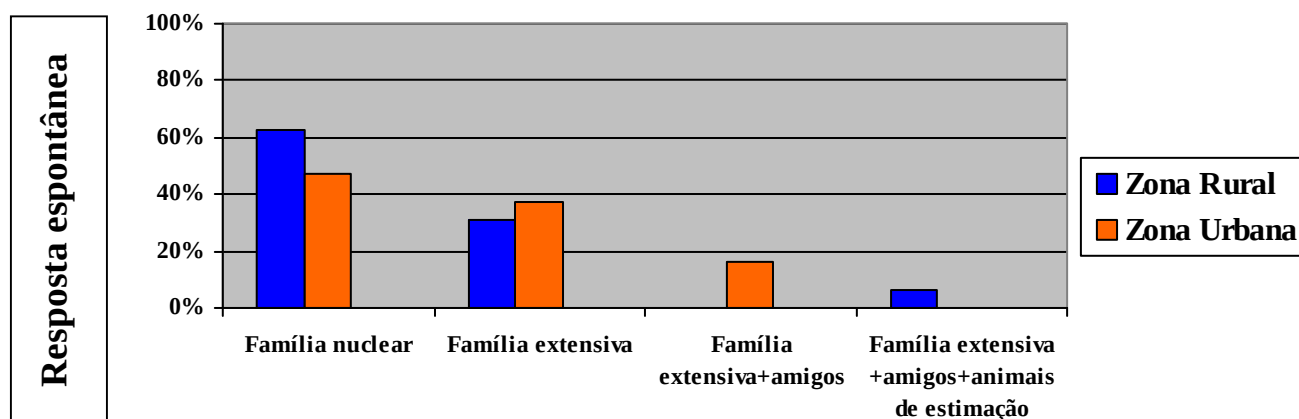


Figura 10. Percentual de pessoas consideradas como membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana, através de resposta espontânea.

Pode-se observar que para os adolescentes da área rural, o tipo de família mais citado é a nuclear (pai, mãe e filhos). Menos da metade dos adolescentes urbanos (47%) considera sua família desse tipo. É importante ressaltar que se for somado o percentual dos adolescentes urbanos em relação às categorias família extensiva e família extensiva mais amigos (37% + 16% = 55%), verifica-se que a resposta predominante para esses adolescentes é o da família extensiva, seguida da família nuclear (47%).

Posteriormente, ao ser apresentada uma lista aos adolescentes composta de pai, mãe, padrasto, madrasta, irmãos biológicos e adotivos, avós, primos, tios, parentes distantes, amigos, empregada doméstica, animais de estimação e outras pessoas que quisessem incluir, eles foram questionados sobre quais desses membros julgavam como pertencentes a sua família. As respostas constam da Figura 11.

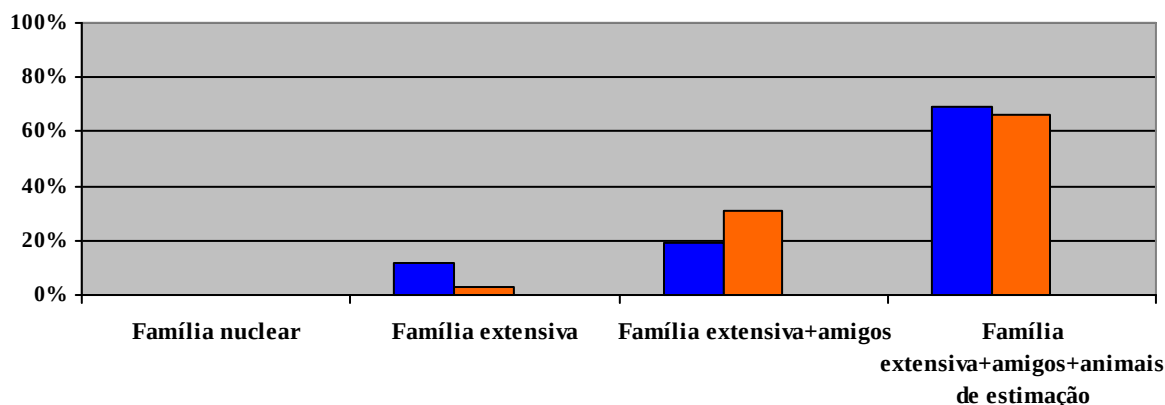


Figura 11. Percentual de pessoas consideradas membros familiares dos adolescentes de zona rural e urbana com a ajuda da lista.

Nenhum adolescente continuou a definir sua família sob a perspectiva nuclear. A grande maioria dos adolescentes tanto de zona rural (69%) como de zona urbana (66%) passou a definir suas famílias como extensivas em um sentido mais amplo, incluindo além de pai, mãe, irmãos, os avós, primos, tios, parentes distantes, acrescida de amigos, empregada doméstica e animais de estimação. Em seguida, a categoria de maior percentual para os adolescentes das duas localidades incluía as famílias extensivas e os amigos. Os que incluíram apenas a família extensiva, apresentaram pouca representatividade tanto na área rural (12%) como na urbana (3%). Outro dado interessante é que ao serem questionados se gostariam de acrescentar mais alguma pessoa, 28% dos adolescentes da zona urbana incluíram namorados e apenas 6% da zona rural o fizeram.

Ainda com a ajuda da lista, os adolescentes foram questionados a respeito de quais outras pessoas eles incluiriam à sua família, em caso hipotético. Foram listadas, pelos adolescentes: (a) irmãos adotivos; (b) empregada; (c) padrasto e madrasta; (d) animais de estimação; (e) irmãos biológicos; (f) padrasto. Os dados se encontram na Figura 12.

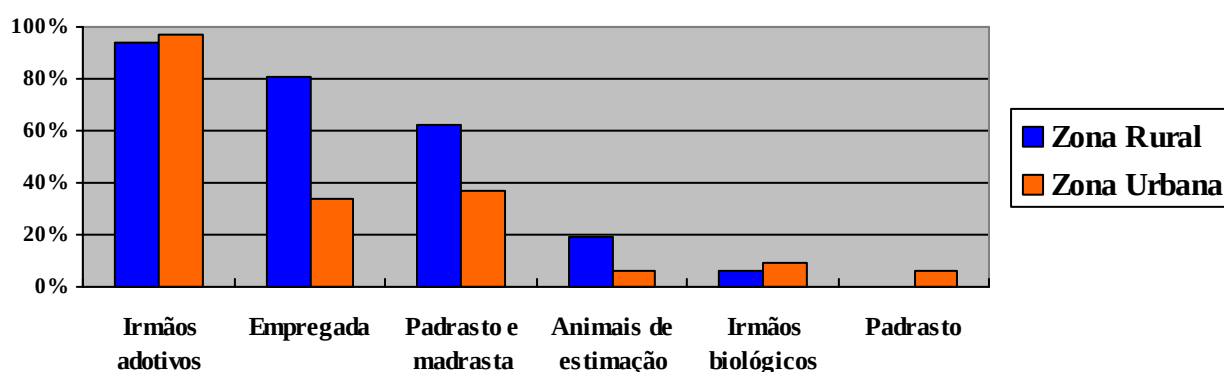


Figura 12. Porcentagem das pessoas que os adolescentes de zona rural e urbana acrescentariam em sua família caso convivessem com eles.

Tanto os adolescentes da zona rural (94%) quanto urbana (97%) relataram que a principal pessoa que eles acrescentariam seria irmão(ã) adotivo(a), caso tivessem. A empregada doméstica seria acrescentada principalmente pelos adolescentes da área rural (81%) em relação aos urbanos (34%). O padrasto e a madrasta foram mencionados em conjunto pelos dois grupos de adolescentes. Já os animais de estimação foram mais citados pelos adolescentes de zona rural (19%), enquanto os irmãos biológicos (filhos só do pai ou só da mãe) apareceram com baixo percentual para os adolescentes das duas áreas. Um percentual menor de adolescentes da zona urbana (6%) citou apenas o padrasto e afirmou que não aceitaria ficar sem a mãe ou substituí-la por outra mulher.

Além disto, foi descrito o nível de aceitação dos adolescentes de zona rural e urbana com relação à alguns novos arranjos familiares questionados.

5.6 COMO OS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES SÃO PERCEBIDOS PELOS ADOLESCENTES?

Os dados descritos a seguir foram obtidos na Entrevista de Conceituação Familiar, após se comentar com cada adolescente sobre a existência de novos arranjos familiares: casais de homossexuais, produções independentes (mãe que resolve ter e criar seus filhos sozinha), casais vivendo em casas separadas e casais sem filhos, verificando se eles os julgavam como sendo ou não um tipo de família e suas justificativas (ver pergunta 9, apêndice G).

Considerou-se como 100% o total de respostas dos adolescentes residentes em cada área. Na Figura 13, encontra-se os percentuais dos adolescentes que aceitaram os exemplos de novos arranjos como caracterizando uma família, levando-se em consideração a primeira verbalização dos mesmos.

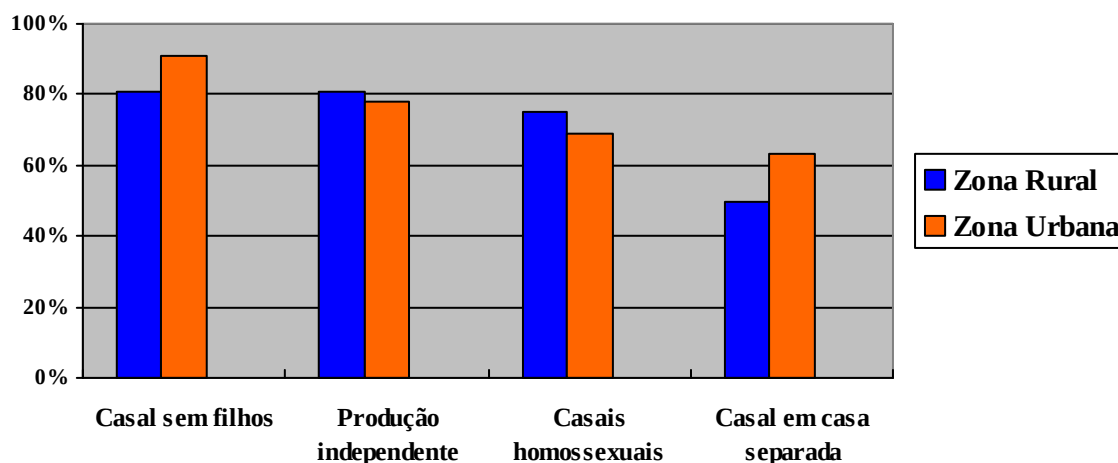


Figura 13. Percentual dos adolescentes de zona rural e urbana que aceitam os novos arranjos familiares.

A priori, como apresentado no gráfico acima, os adolescentes das duas localidades aceitam, com altos percentuais, a maioria dos novos arranjos familiares apresentados - casal sem filhos, produção independente, casais homossexuais - verbalizando respostas como: “*Se são felizes assim*”, “*eu não tenho preconceito*”, “*cada um vive do jeito que quer*”, “*o importante é ser feliz*”. Em relação ao casal que vive em casa separada, os percentuais de concordância foram menores (ZR= 50% e ZU= 63%), embora as justificativas fossem as mesmas.

Entretanto, quando continuavam falando a respeito foi possível verificar que alguns não possuíam ainda uma opinião bem estabelecida, sendo apresentadas respostas de discordância tanto por adolescentes que não concordavam com os novos arranjos, como por aqueles que haviam concordado anteriormente: Casais sem Filhos “*não tem com quem compartilhar*”, “*se gostam um do outro, por quê não tem filhos?*”, “*família são três: pai, mãe e filhos*”. Produções Independentes “*não é uma família completa*”, “*não tem o pai para compartilhar*”, “*se a mãe fizer certinho e o pai estiver por perto*”, “*mãe vai mimar muito o filho*”, “*não dá para ser pai e mãe ao mesmo tempo*”, “*se a mãe não amar ninguém, tudo bem*”, “*fica sem equilíbrio, faltando alguma coisa*”, “*não é família completa*”. Casais

Homossexuais. “acho feio”, é ruim para a criança”, “ninguém é perfeito, acho vergonhoso”, “são família se adotarem uma criança”, “os filhos não vão ter amor paterno e materno”, “não tem pai e mãe, são dois pais ou duas mães”, “não é uma opção certa”, “o filho vai sentir preconceito”. Casais que vivem em casas separadas “pra ser família tem que morar junto”, “é ruim para o filho”, “não dá, cada um faz o que quer”, “tem que viver em união, amor e carinho”, “o filho fica longe de um deles”, “precisam estar juntos pelo amor ao filho”, “tem que ter pai e mãe na mesma casa”, “é mascarar o casamento, quem quer liberdade não casa”.

Em seguida, são apresentadas as funções atribuídas às famílias em geral e as próprias famílias dos adolescentes das duas localidades, seguidas do grau de satisfação com elas.

5.7 QUAIS AS FUNÇÕES QUE OS ADOLESCENTES JULGAM QUE A FAMÍLIA DEVE TER? QUAIS SÃO AS QUE SUAS FAMÍLIAS ATENDEM? E O GRAU DE SATISFAÇÃO COM ELAS?

São descritos a seguir os resultados obtidos através da análise de parte do Roteiro de Entrevista de Conceituação de Família, realizada com os adolescentes. Os conceitos analisados são: função geral e das próprias famílias e o grau de satisfação com as mesmas. Considerou-se como 100% o total de respostas dos adolescentes de cada área, em cada pergunta da entrevista.

Qual a função da família para os adolescentes

Ao serem perguntados sobre o que é família, os adolescentes de ambas as áreas responderam qual é sua função. Elaborou-se cinco categorias para análise (Apêndice J): (a) suporte emocional/afetivo; (b) suporte educativo e para atividades diárias; (c) fonte de alegria e paz; (d) fonte de conflitos; (e) outros.

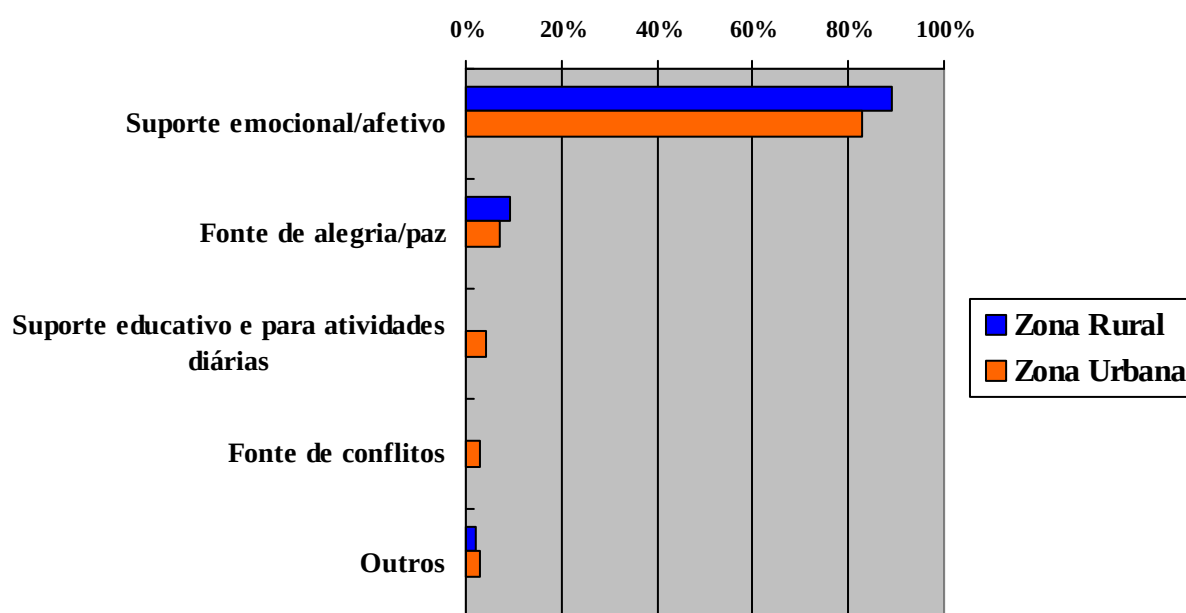


Figura 14. Porcentagem das categorias referentes às funções atribuídas a Família pelos adolescentes de zona rural e urbana.

A principal função da Família, de acordo com os adolescentes é a de prover Suporte emocional/afetivo (ZR=89%; ZU= 83%), caracterizado por respostas como: “*peças íntimas que trazem amor*”, “*dão carinho*”, “*dão amor*”, “*é o suporte que sempre pode contar*”, “*onde você pode desabafar*”. Outra função relatada pelos adolescentes das duas áreas, em menos que 10% das respostas, é o de Fonte de alegria e paz, ilustrado pelas seguintes verbalizações: “*alegria enorme*”, “*felicidade*”, “*lugar onde se sente bem*”. É importante ressaltar que apenas os adolescentes da zona urbana descreveram o conceito de família como Fonte de conflitos, ou seja, “*briga*”, “*confusão*”, “*meus pais só brigam*”. Entretanto, também apenas esses adolescentes descreveram o conceito Suporte educativo e para atividades diárias, descrito através dos seguintes relatos: “*mãe fala muito para estudar*”, “*compartilhar vida escolar*”. Na categoria Outros, foram listadas respostas como: “*sou acostumado com meus pais*”, “*é onde moro*”, “*não é só ter sangue*”.

Como percebem suas famílias

As respostas dos adolescentes sobre qual a função de suas próprias famílias foram classificadas em oito categorias (Apêndice J): (a) suporte emocional/afetivo; (b) fonte de alegria e paz; (c) suporte educativo e de atividades diárias; (d) fonte de briga/entendimento;

(e) fonte de conflito; (f) agradar e ser grato; (g) desunião; (h) outros. Os dados encontram-se na Figura 15.

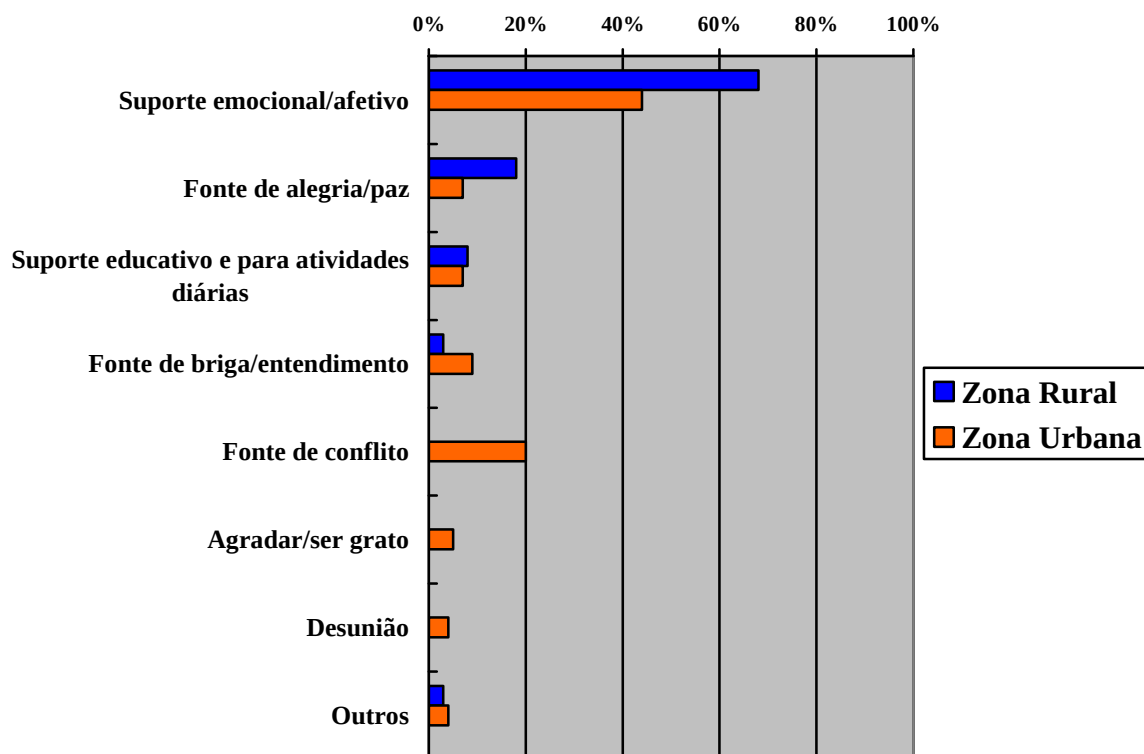


Figura 15: Porcentagem das categorias referentes as funções que as próprias Famílias exercem, segundo a visão dos adolescentes de zona rural e urbana.

A principal função que os adolescentes da zona rural e urbana atribuem às suas famílias é a de Suporte emocional/afetivo (ZR=68%; ZU=44%), sendo verificadas em verbalizações do tipo: “*é muito legal*”, “*boa*”, “*carinhosa*”, “*muito unida*”, “*um precisa do outro*”, “*estão sempre juntos*”, “*é quem me apóia*”. A categoria Fonte de alegria e paz foi mais enfatizada pelos adolescentes da zona rural (18%) em relação aos da urbana (7%): “*animada*”, “*é tudo na base da brincadeira*”, “*se reúne para conversar e contar piada*”, “*brinco com meus pais*”, “*é feliz*”, “*pais convivem bem*”, “*pais tranquilos*”. A categoria Suporte educativo e de atividades diárias foi relatada pelos adolescentes das duas localidades com baixa frequência (ZR=8%; ZU=7%): “*dão boa educação*”, “*eles me orientam*”, “*antes de bater minha mãe sempre conversou*”, “*sempre me mostraram melhor caminho sem impor pressão*”, “*conversam de sexo comigo*”. Apenas os adolescentes da zona urbana listaram as categorias vinculadas à problemas familiares, ou seja, Fonte de conflito (20%): “*mãe é dissimulada com coisas da vida*”, “*ninguém aceita segundo casamento da mãe*”, “*padrasto*”.

acha que não tenho nada de bom”, “complicada”, “mãe tem depressão”, “não me dou muito bem com meus pais”, “meu pai fala que vai matar minha mãe”; e Desunião: “fico excluída no meu canto”, “minha mãe fica isolada dormindo”, “meu pai às vezes brinca mais com o cachorro que comigo”, “queria que tivesse alguma atividade que reunisse todos”, “não é muito unida”. Entretanto, apesar da baixa frequência, apenas esses adolescentes cujas respostas foram categorizadas como Desunião citaram a categoria Agradar e ser grato: “tenho muito que agradecer à família”, “abraço meus pais em todos os lugares”, “sento no colo dos meus pais”, “apresento meus pais para meus amigos”. A categoria Fonte de briga/entendimento foi mais citada pelos adolescentes da zona urbana (9%) em relação aos da zona rural (3%): “tem altos e baixos”, “momentos bons e ruins”, “oscila entre briga e entendimento”, “tudo em ordem apesar da desordem”.

As funções atribuídas pelos adolescentes às famílias no sentido geral e às suas próprias famílias

A Tabela 11 apresenta uma comparação entre as funções atribuídas às famílias no geral e as atribuídas às próprias famílias. Considerou-se como 100% o total de respostas dos adolescentes de cada área, obtidas em cada situação.

Tabela 11: Comparação do percentual das funções atribuídas pelos adolescentes de ambas as áreas às famílias em geral e às suas próprias

Conceitos de Família	Zona Rural		Zona Urbana	
	Geral (%)	Própria (%)	Geral (%)	Própria (%)
Suporte emocional/afetivo	89	68	83	44
Fonte de alegria/paz	9	18	7	7
Suporte educativo/para atividades diárias	0	8	4	7
Fonte de briga/entendimento	0	3	0	9
Fonte de conflito	0	0	3	20
Agradar/ser grato	0	0	0	5
Desunião	0	0	0	4
Outros	2	3	3	4

De acordo com os dados apresentados, é possível notar que tanto para os adolescentes da zona rural como urbana, a principal função atribuída à família, seja ela no sentido genérico ou de suas próprias famílias, é o suporte emocional/afetivo que elas oferecem. Pode-se verificar também que para os adolescentes de ambas as áreas, os percentuais atribuídos a essa função diminuem quando se trata da família real, ficando próximo da metade para os

adolescentes que habitam na cidade. Para os adolescentes da zona rural, a categoria de fonte de alegria/paz é mais evidenciada em relação às suas próprias famílias (18%) do que nas famílias em geral (9%) e se mantém para os adolescentes de zona urbana (7%). Um aspecto relevante é que, para os adolescentes da zona urbana, a categoria fonte de conflito aparece com maior percentual quando se referem às próprias famílias (20%) do que em relação as famílias no geral (3%). Essa categoria não é citada pelos adolescentes de zona rural. Já a categoria fonte de briga/entendimento é descrita pelos adolescentes das duas localidades apenas quando se referem às suas próprias famílias (ZR=3%; ZU=9%). O suporte educativo/para atividades diárias só é citado pelos adolescentes do campo quando se referem às suas próprias famílias (8%). Já os adolescentes da zona urbana tanto quando se referem às famílias no geral (4%) quanto no de suas próprias famílias (7%).

A seguir, é descrito, em porcentagem, o grau de satisfação dos adolescentes de zona rural e urbana em relação às suas próprias famílias.

Grau de satisfação dos adolescentes em relação à suas próprias Famílias

O grau de satisfação em relação à suas famílias é apresentado na Figura 16.

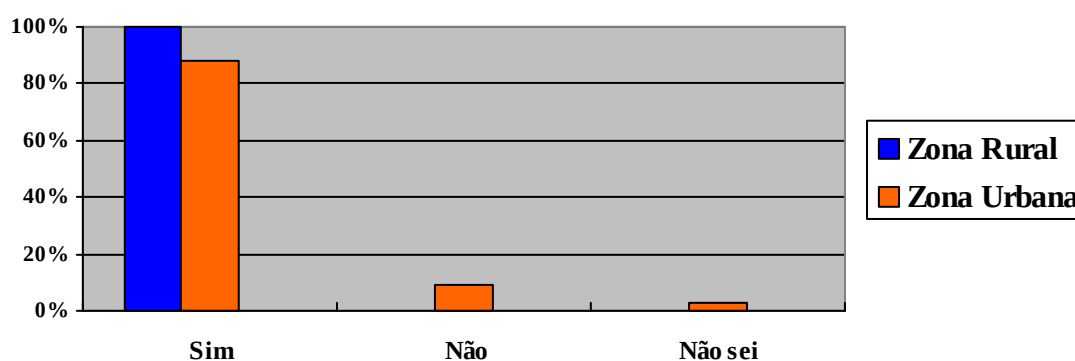


Figura 16. Percentual do grau de satisfação dos adolescentes de zona rural e urbana com relação as suas famílias.

Todos os adolescentes da zona rural relataram estarem satisfeitos com suas famílias e 88% dos da zona urbana também, sendo que 9% destes afirmaram não estarem satisfeitos e 3% não conseguiu definir se estava ou não.

5.8 AS CONCEPÇÕES DE MÃE, PAI, AVÓS, IRMÃOS E FILHOS

Nessa seção são apresentadas as concepções de mãe, pai, avó, avô, filho e irmão descritas a partir da verbalização dos adolescentes de zona rural e urbana sendo considerado 100% o total de respostas dos mesmos, em cada pergunta da entrevista.

O que é ser Mãe

As concepções de Mãe relatadas pelos adolescentes foram classificadas em sete categorias (Apêndice J): (a) suporte emocional/afetivo; (b) suporte educativo e para as atividades diárias; (c) desempenha atividades domésticas; (d) dar suporte financeiro; (e) atributos pessoais positivos; (f) satisfação pessoal; (g) outros. Esses dados encontram-se na Figura 17.

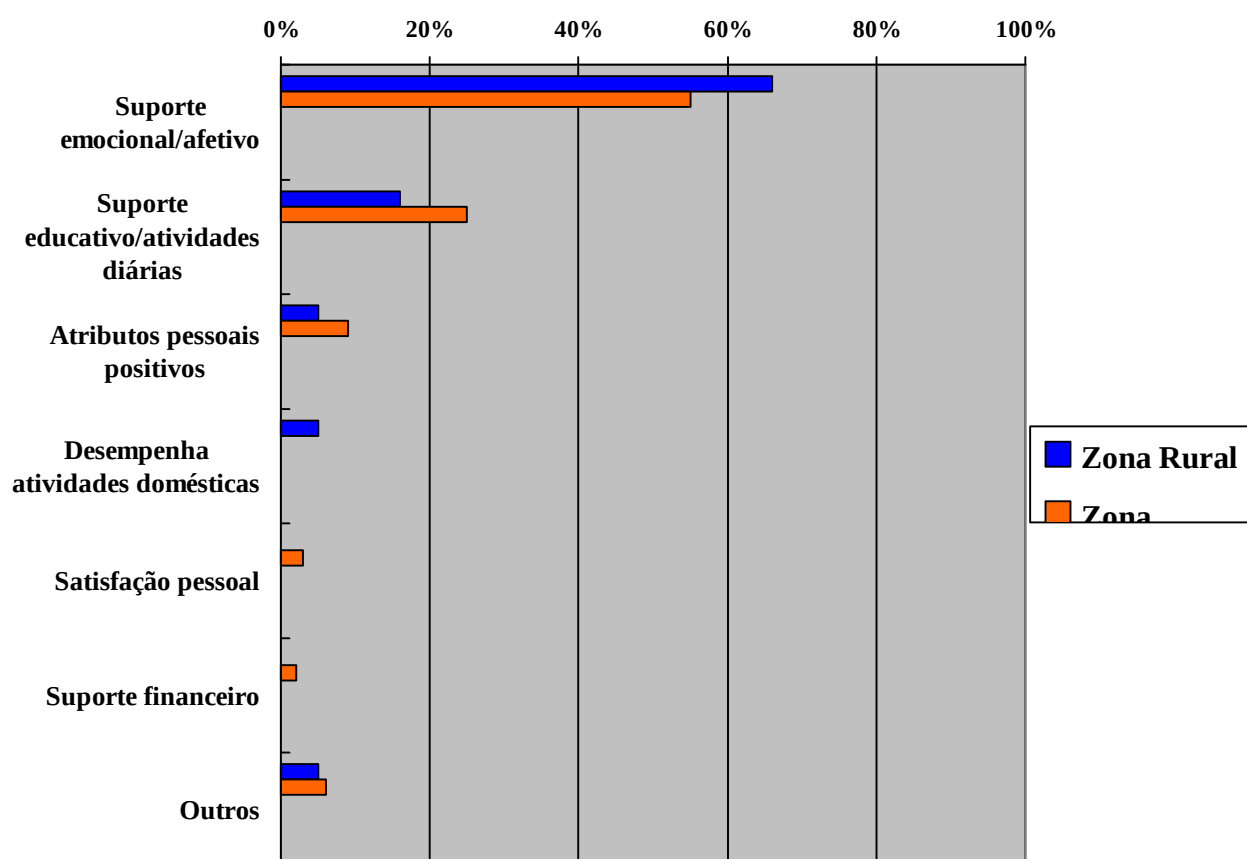


Figura 17. Porcentagem das categorias referentes à concepção de Mãe apresentada pelos adolescentes de zona rural e urbana.

A principal concepção de mãe para os adolescentes rurais e urbanos está vinculada ao Suporte emocional/afetivo aos filhos (ZR= 66; ZU= 55%) ilustrada pelas seguintes verbalizações: “*dar carinho, dar apoio*”, “*cuidar*”, “*agradar*”, “*dar amor*”, “*conversar*”, “*amar incondicionalmente*”. Os adolescentes também descrevem a mãe como aquela que oferece Suporte educativo e para atividades diárias (ZR= 16%; ZU= 25%): “*ajudar a comprar roupas*”, “*sapatos*”, “*mandar o filho fazer tarefa*”, “*dar educação*”, “*saber falar não*”, “*preparar o filho para o mundo*”. Somente para os adolescentes do campo houve respostas classificadas como Desempenha atividades domésticas: “*cuidar da casa*”, “*fazer serviços domésticos*”. Os Atributos pessoais positivos foram citados pelos adolescentes das zonas rural e urbana, através das seguintes verbalizações: “*risonha*”, “*corajosa*”, “*batalhadora*”. Entretanto, as categorias Satisfação pessoal: “*sonho de 90% das mulheres*”, “*uma coisa maravilhosa*”, e Suporte financeiro: “*ter que trabalhar*”, “*ajudar financeiramente em casa*”, foram relatadas apenas pelos adolescentes da zona urbana. Na categoria Outros, foram listadas respostas do tipo: “*difícil*”, “*amar o pai e a mãe*”, “*mau humor quando tem problema*”.

O que é ser Pai

A Figura 18 apresenta as categorias definidas para o conceito de Pai emitidas pelos adolescentes de ambas as localidades. Foram definidas nove categorias (Apêndice J): (a) suporte emocional/afetivo; (b) suporte financeiro; (c) suporte educativo e para as atividades diárias; (d) comparação com membro familiar; (e) desempenha atividades prazerosas; (f) auxilia nos serviços domésticos; (g) atributos pessoais positivos; (h) atributos pessoais negativos; (i) outros.

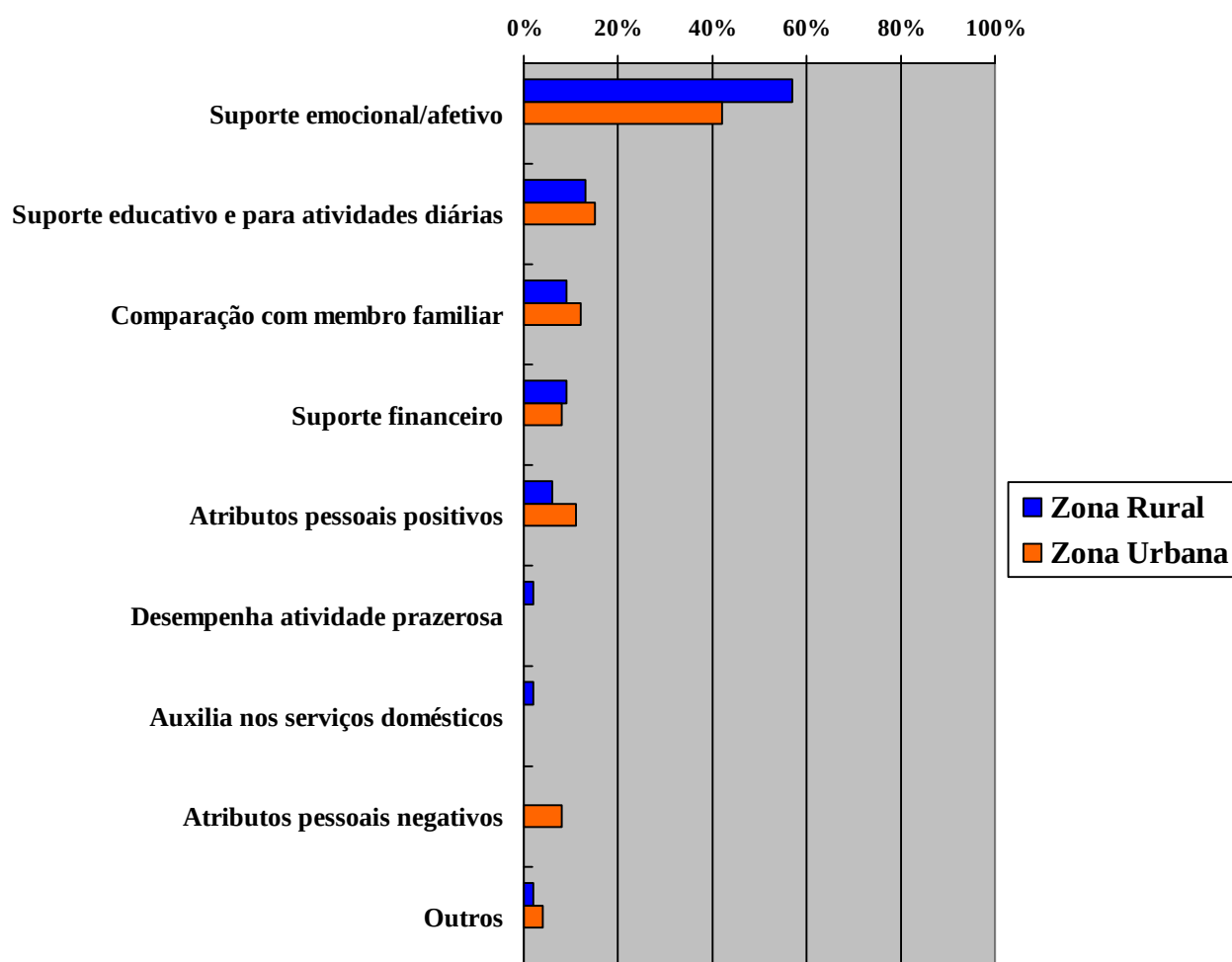


Figura 18. Porcentagem das categorias referentes a concepção de Pai dos adolescentes de zona rural e urbana.

Assim como a mãe, o Pai também é avaliado principalmente em relação ao Suporte emocional/afetivo que oferece aos filhos (ZR=57%; ZU=42%), descrito a partir de verbalizações como: “*dar amor*”, “*ensinar a vida*”, “*dar apoio*”, “*ajudar no que precisar*”, “*super herói*”, “*ser companheiro*”, “*dar proteção*”. Os filhos também responderam que ele oferece Suporte educativo e para atividades diárias em pouco mais de 10% para os adolescentes das duas localidades: “*ensinar o filho*”, “*dar exemplo*”, “*cuidar do filho*”, “*dar bronca*”, “*impor limites*”, “*acompanhar os estudos*”. Esses dados são semelhantes nas definições de Pai e Mãe. Um dado relevante é que apesar das mães da zona rural em sua maioria serem donas de casa, apenas os adolescentes rurais definiram o Pai como aquele que Auxilia nos afazeres domésticos: “*ajudar nos serviços domésticos*”. Os Atributos pessoais positivos foram relatados pelos adolescentes das zonas rural e urbana: “*engraçado*”, “*divertido*”, “*desencanado*”, “*inteligente*”, “*bonzinho*”, “*honesto*”; enquanto os Atributos

peçoais negtaivos foram descritos apenas pelos adolescentes da área urbana: “*bravo*”, “*briguento*”, “*grosseiro*”, “*severo*”. Por outro lado, apenas os adolescentes residentes na zona rural relataram que o pai Desempenha atividade prazerosa com o filho, dado não encontrado entre os adolescentes da cidade.

O que é ser Avó

Foram definidas 10 categorias para classificar as respostas dos adolescentes em relação as Avós (Apêndice J): (a) suporte educativo e para atividades diárias; (b) suporte emocional/afetivo; (c) desempenha atividades prazerosas; (d) comparação com membro familiar; (e) suporte emocional/afetivo; (f) atributos pessoais positivos; (g) presenteia os netos; (h) desempenha atividades domésticas; (i) tira autoridade dos pais; (l) atributos pessoais negativos; (j) outras. Na Figura 19 pode-se observar esses dados.

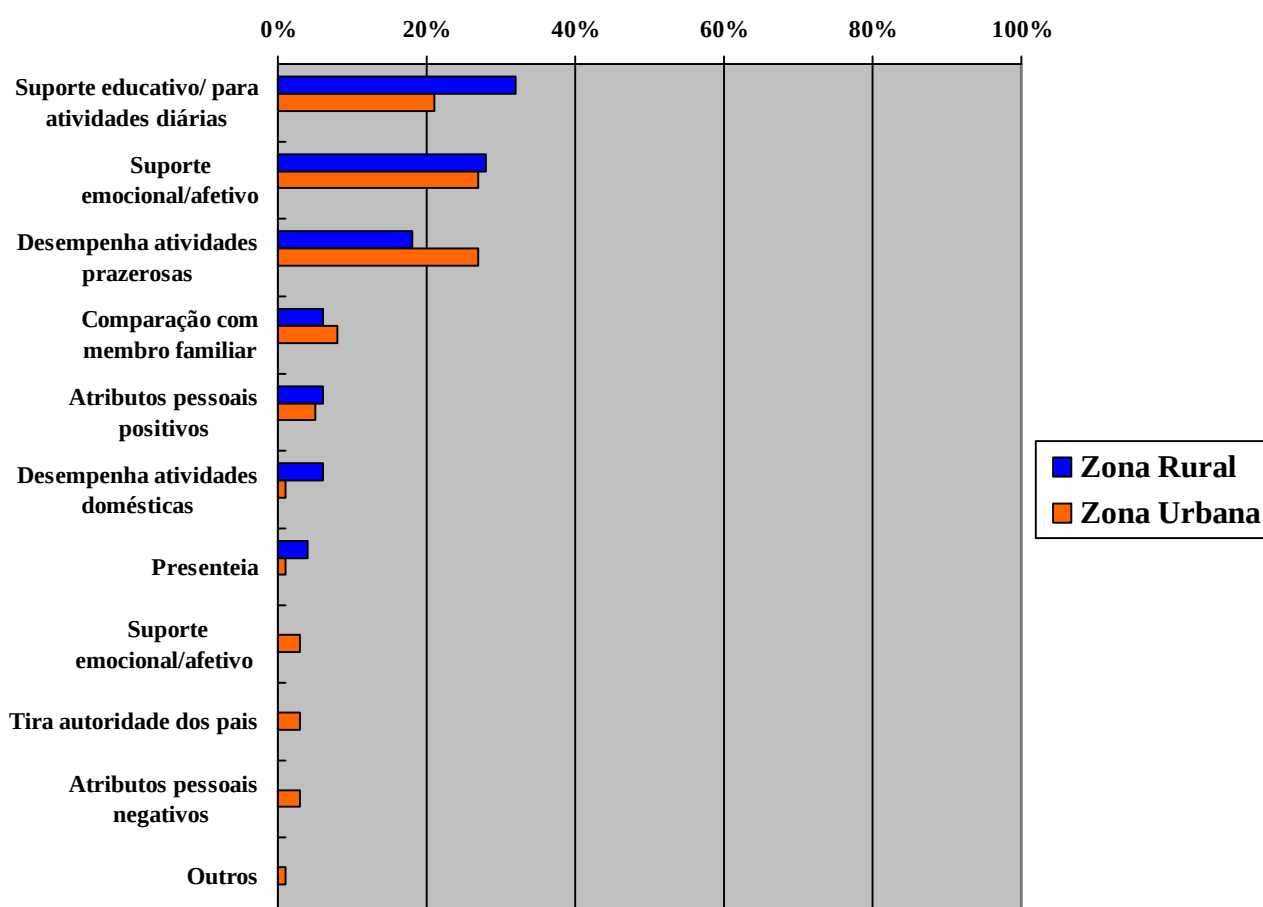


Figura 19. Porcentagem das categorias referentes a concepção de Avó relatadas pelos adolescentes de zona rural e urbana.

Entre os adolescentes rurais a Avó é concebida principalmente como aquela que oferece Suporte educativo e para atividades diárias (ZR=32%; ZU=21%), definida a partir das verbalizações dos adolescentes, como por exemplo, “*ensina neta cozinhar*”, “*dá bronca*”, “*acorda para ir para escola*”, “*põe para dormir*”, “*leva na escola*”, “*educa o neto*”. Para os adolescentes da área urbana, ela é definida, principalmente, como quem oferece Suporte emocional/afetivo (ZR= 28%; ZU=27%): “*criar o neto como se fosse a coisa mais importante na vida*”, “*dar conselhos*”, “*dar carinho*”, “*amor*”, “*atenção*”; e Desempenha atividades prazerosas (ZR=18% ; ZU=27%): “*prazer em encontrar os netos*”, “*ver tv com o neto*”, “*levar para passear*”, “*se divertir*”. A Comparação com membro familiar também ocorre para os dois grupos, com percentuais inferiores a 10%: “*mais legal ser avó do que mãe*”, “*cuida mais que avô*”. Os atributos pessoais positivos dos avós foram relatados por ambos os grupos de adolescentes: “*coisa fofa*”, “*legal*”, “*calminha*”. Apenas os adolescentes urbanos citaram os atributos pessoais negativos dos avós: “*muito racista*”, “*tem um sistema muito rígido de educação*”. Os adolescentes da área rural descreveram as avós, com baixos percentuais, como quem Desempenha atividades domésticas: “*cuida da casa*” e “*da alimentação*”; e Presenteia os netos: “*dar dinheiro*”, “*presente*”, “*comprar roupas*”.

O que é ser Avô

Para analisar os dados da concepção do Avô foram definidas nove categorias (Apêndice J): (a) suporte emocional/afetivo; (b) suporte educativo/para atividades diárias; (c) desempenha atividades prazerosas; (d) presenteia; (e) atributos pessoais positivos; (f) atributos pessoais negativos; (g) suporte emocional/afetivo; (h) comparação com outro membro familiar; (i) tira a autoridade dos pais. A Figura 20 apresenta esses dados. Considerou-se como 100% o total de respostas de cada grupo de adolescentes.

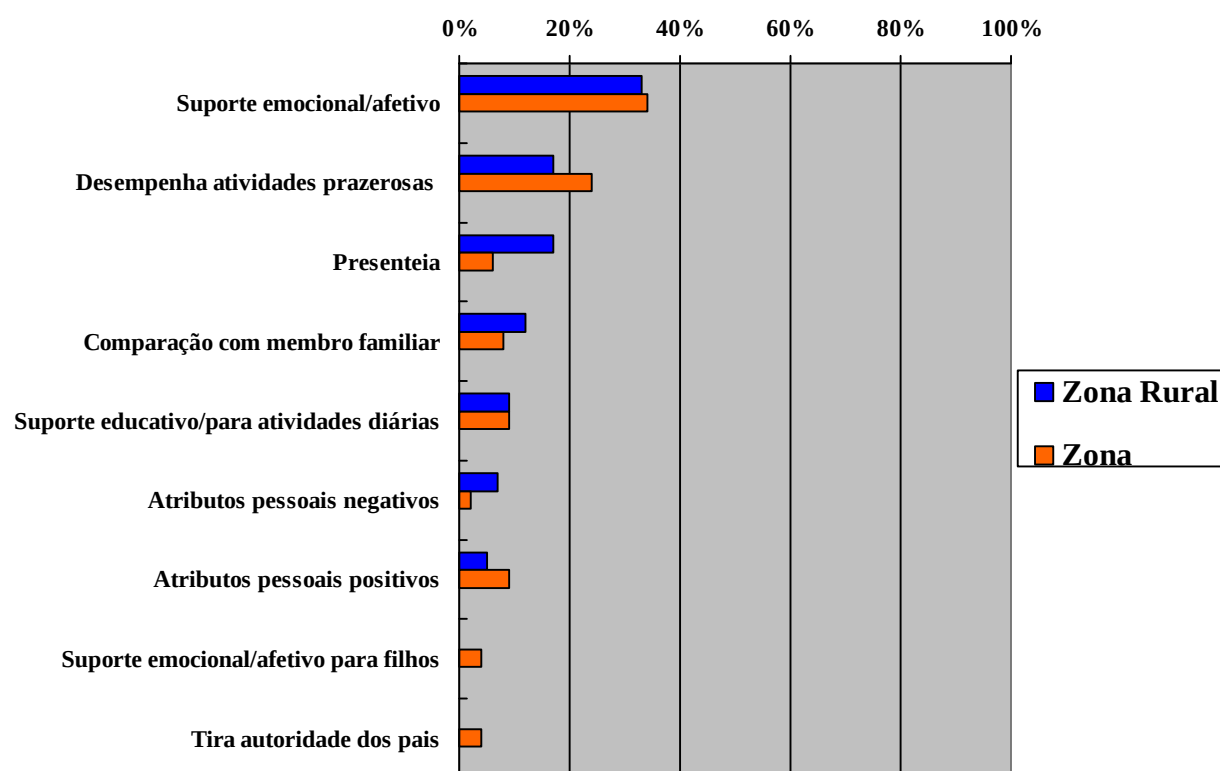


Figura 20. Porcentagem das categorias referentes a concepção de Avô relatada pelos adolescentes de zona rural e urbana.

O Avô é concebido principalmente como aquele que oferece Suporte emocional/afetivo (ZR=33%; ZU=34%), com verbalizações do tipo: “*cuidadoso com o neto*”, “*dá carinho*”, “*amor*”. A segunda categoria também relatada pelos adolescentes das duas localidades, mas mais evidenciada pelos da zona urbana (24%) é Desempenha atividades prazerosas: “*faz o que os netos querem*”, “*dá guloseimas*”, “*sorvete*”, “*prazer em encontrar o neto*”, “*brinca com os netos*”, “*leva para passear*”. A categoria Presenteia os netos é mais descrita pelas verbalizações dos adolescentes da área rural: “*dar dinheiro*”, “*presente*”. A Comparação com outro membro familiar foi mais relatada pelos adolescentes da zona rural (12%) em relação aos da zona urbana (8%), exemplificada pelos seguintes relatos: “*mesmo que pai*”, “*mais experiente que o pai*”, “*mais paciente que o pai*”. Diferente das avós, os avôs participam menos do Suporte educativo e para atividades diárias (9% para ambos os grupos): “*leva e busca na escola*”, “*coloca para dormir*”, “*cuida do neto*”, “*dá bronca*”, “*ensina o que pode e o que não pode fazer*”. O suporte emocional/afetivo para os filhos foi relatado pelos adolescentes da zona urbana: “*ajuda o filho a criar o neto porque sabe onde errou e como corrigir*”, “*apóia os filhos*”, “*orienta os filhos na educação dos netos*”, assim como apenas esses adolescentes evidenciaram a atitude do Avô de Tirar a autoridade dos pais:

“defende o neto”, “estraga educação”. Os Atributos pessoais negativos: “chato”, “ranzinza”, “ausente”, foram mais evidenciados pelos adolescentes da área rural, enquanto os adolescentes da área urbana, enfatizaram mais os Atributos pessoais negativos dos avôs: “orgulho da vida trabalhadora”, “bonzinho”, “um velhinho muito legal”.

O que é ser Filho

Para descrever a concepção de Filho foram definidas quatro categorias (Apêndice J): (a) respeitar/corresponder as expectativas; (b) agradar e ser grato; (c) trabalhoso; (d) prazeroso/sem responsabilidade. Os dados são encontrados na Figura 21.

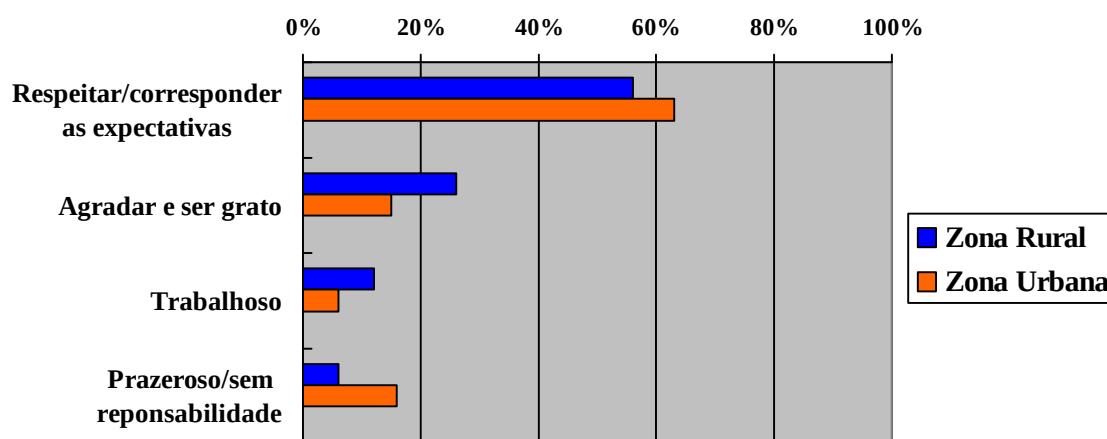


Figura 21. Porcentagem das categorias referentes ao que é ser Filho segundo o relato dos adolescentes de zona rural e urbana.

Tanto para os adolescentes da zona rural (56%) quanto da urbana (63%), a concepção de Filho é a de Respeitar/corresponder as expectativa, tanto dos genitores como dos avós, descrita por verbalização do tipo: “obedecer”, “ter responsabilidade”, “saber a hora de fazer as coisas”, “aprender com os pais”, “ter respeito pelos pais e avós”, “suprir a idealização dos pais”. A categoria Agradar e ser grato (ZR=26%; ZU=15%) também obteve respostas de ambos os grupos: “dar alegria para a mãe”, “atenção pelos pais”, “agradar os pais”, “ter gratidão pelos pais”, “reconhecer o que os pais fazem”, “dar valor”. Os adolescentes rurais (12%) salientaram um pouco mais do que os da cidade respostas categorizadas como Trabalhoso (tanto para eles como para os genitores): “é bem chato”, “é difícil”, “dar decepções para os pais”, “dar trabalho para os pais”; enquanto os adolescentes da zona urbana (16%) citaram um pouco mais a categoria Prazeroso/sem

responsabilidade: “*não tem que sustentar ninguém*”, “*curtir mais o momento*”, “*melhor parte*”, “*ser feliz*”, “*se divertir*”.

O que é ser Irmão

Foram definidas oito categorias de análise para a concepção de Irmão (Apêndice J): (a) amigo/cúmplice; (b) suporte educativo e para atividades diárias; (c) suporte emocional/afetivo; (d) fonte de conflito; (e) outros. Esses dados podem ser visualizados na Figura 22.

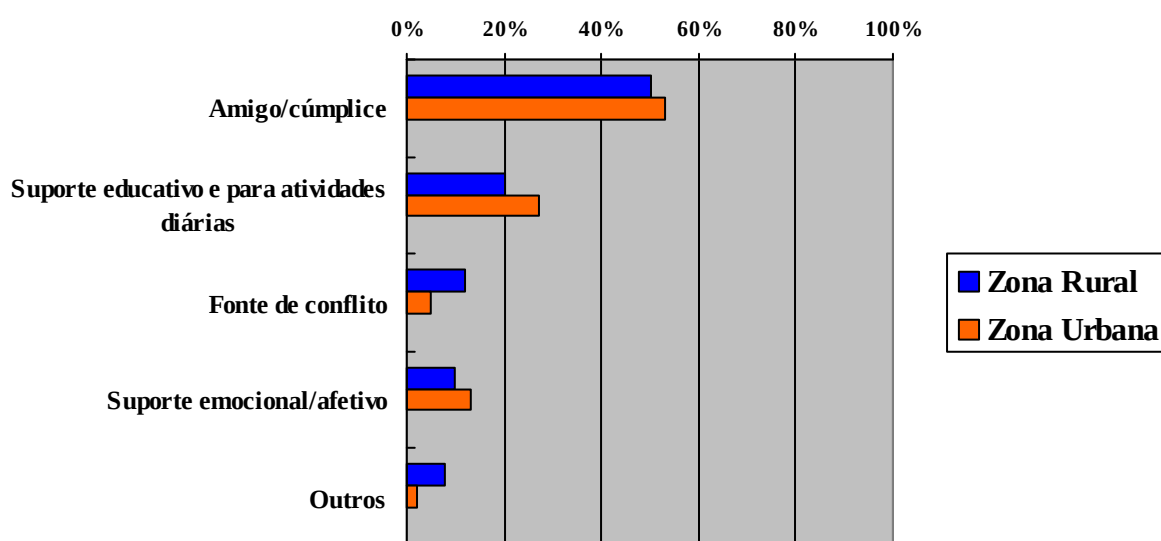


Figura 22. Porcentagem das categorias referentes a concepção de Irmão relatada pelos adolescentes de zona rural e urbana.

A principal categoria utilizada pelos adolescentes em relação ao Irmão foi Amigo/cúmplice (ZR= 50%; ZU= 53%), descrita a partir de verbalizações como: “*estar sempre ao lado do irmão*”, “*união um com o outro*”, “*conviver o dia inteiro*”, “*contar tudo que acontece*”, “*guardar segredo*”, “*ser confidente*”. A segunda categoria citada também é compartilhada por ambos adolescentes: Suporte educativo e para atividades diárias (ZR=20%; ZU=27%): “*alimentar os irmãos*”, “*proteger na hora que mais precisar*”, “*zelar pelo irmão*”, “*ajudar na escola*”, “*ajudar na educação do irmão*”. A categoria Suporte emocional/afetivo também apresentou percentuais semelhantes entre os adolescentes das duas localidades: “*alguém que deixa a gente feliz*”, “*gostar igual aos pais*”, “*tratar bem*”, “*amar um ao outro*”, “*se sacrificar pelo irmão*”. Apenas a categoria Fonte de conflitos apresentou maior diferença percentual de respostas obtidas, 12% para adolescentes rurais e 5% para os da

cidade, ou seja, os adolescentes da zona rural descrevem com mais frequência o conceito de irmão associado à alguma fonte de conflito: *“brigar”*, *“contar as coisas do irmão para os pais”*, *“não tenho tanta paciência”*.

6 DISCUSSÃO

Diante da proposta do presente estudo de caracterizar e conceituar famílias de zona rural e urbana de acordo com a perspectiva de adolescentes observou-se que a constelação familiar predominante nas duas localidades é a nuclear (ZR=81%; ZU=66%), sendo os percentuais encontrados superiores aos dados do IBGE de 2000. Essa estrutura de família é seguida do arranjo extensivo (pai, mãe, filho e outros parentes) que predomina na área urbana (22%) em relação à rural (13%). Esse dado é contrário ao obtido por Ribeiro, Sabóia, Branco e Bregman (1998) que apontam ainda ser comum família constituída por grande número de pessoas na área rural. Evidencia-se, dessa forma, que a diversidade de arranjos encontrados nessa amostra de adolescentes da cidade em questão é limitada, havendo semelhança entre a zona rural e urbana.

O nível de escolaridade dos genitores, porém, é diverso, sendo os da zona urbana superior ao de zona rural, o que provavelmente está estritamente ligado às oportunidades de trabalhos e conseqüentemente à renda familiar superior na área urbana, apesar de haver famílias nas duas localidades que sobrevivem com rendas semelhantes. Uma possível explicação para essa diversidade pode ser a dificuldade de oferecimento de escolas rurais em níveis mais adiantados de escolarização e/ou de carência de transporte escolar.

Os pais urbanos da amostra estudada desempenham atividades profissionais mais ligadas aos setores administrativos e gerenciais. O predomínio da ocupação dos pais na zona rural é o do setor agropecuário, sendo descrita como a que gera menor renda por Graziano da Silva (2001). Contudo, um percentual desses pais tem buscado ocupação na zona urbana como motorista e vendedores. Esses dados estão de acordo com as colocações de Graziano da Silva (1997) que mostra que as principais profissões não-agrícolas realizadas atualmente na zona rural são: empregados domésticos, pedreiros ou serventes, serviços gerais, vendedores, motoristas, costureiro e alfaiate.

Pouco mais da metade das mães rurais (51%) não exerce atividade remunerada, e quando o fazem, a principal atividade exercida é a de doméstica (25%). Na cidade, apenas 9% das mães não executa alguma tarefa que dê renda e, as que trabalham, concentram-se no setor administrativo e funcionalismo público. O fato de, nesta amostra, a mulher na zona urbana apresentar um nível de escolarização mais elevado e estar inserida no mercado de trabalho proporciona, provavelmente, um contato social mais amplo e constante como destacou Biasoli-Alves (2000). Além disso, a inserção da mulher no mercado de trabalho foi um dos

aspectos relevantes que influenciou diretamente a estrutura e o funcionamento familiar (CARVALHO; ALMEIDA, 2003).

Outro aspecto relevante, é que, apesar da renda familiar da zona rural ser inferior, nenhuma paga aluguel, pois possui casa própria (75%) ou reside em moradia cedida pelos proprietários dos sítios onde trabalham. Já entre as famílias urbanas, apesar da maioria (78%) também possuir casa própria, algumas pagam aluguel.

Com relação à divisão geral de tarefas domésticas nas famílias, os adolescentes estão assumindo responsabilidades em ambas as localidades. Cebotarev (1984) aponta a participação dos filhos nas atividades de rotina tão logo estes apresentem desenvolvimento físico compatível com a atividade, dentro das famílias de baixa renda. Embora a análise da diferença de nível sócio-econômico não tenha sido feita, há indícios de que, na amostra do presente estudo, haja maior participação dos adolescentes de famílias de baixa renda. Percebe-se um maior auxílio por parte dos adolescentes rurais e, apesar de não poder afirmar, este dado pode estar relacionado ao fato de que estes adolescentes passam mais tempo em casa do que os urbanos que possuem mais atividades na cidade. Além disso, os adolescentes rurais, por serem mais participativos, acabam se relacionando mais com os membros familiares.

De acordo com a análise de todas as funções domésticas levantadas junto aos adolescentes, foi possível notar que em ambas as localidades a Mãe é quem assume a maior parte das funções. Esses dados estão de acordo com as pesquisas realizadas no Brasil e Estados Unidos que indicam que a divisão das tarefas doméstica tende a seguir um padrão tradicional, em que as mulheres assumem os serviços domésticos, mesmo nas casas onde participam do ganho financeiro (CINAMONM; RICH, 2002; FLECK; WAGNER, 2003; GREENSTEIN, 2000; ROCHA-COUTINHO, 2003; STREY, BLANCO, WENDLING, RUWER; BORGES, 1997).

Os dados também indicam que, atualmente, adolescentes de ambas as áreas auxiliam as mães na limpeza da casa. O percentual na zona rural é mais elevado (63%), sendo que este dado pode estar ligado ao fato de nenhuma família dessa área possuir empregada doméstica ao contrário da amostra das famílias urbanas, onde o percentual de adolescentes que auxiliam nas atividades domésticas é 31%. Outro dado relevante é que os pais, na zona rural, são citados pelos adolescentes nesta atividade, sendo que o fato de não possuírem empregada doméstica faz com que ele seja “obrigado” a colaborar. Além disso, essa participação favorece a união familiar tão relatada pelos adolescentes. A função doméstica de cozinhar também já está tendo a contribuição dos adolescentes de ambas as áreas (ZR=31%; ZU=16%), entretanto, a participação das mães predomina.

A função de lavar e passar roupa ainda fica mais sob responsabilidade das mães em ambas as localidades (ZR=44%; ZU=42%), mas também é dividida entre mãe e a avó na zona rural e urbana, com a participação também dos filhos, ficando as vezes sob total responsabilidade das avós na área urbana. As outras categorias como mãe e tios, mãe e empregada apareceram apenas na zona urbana, sendo a empregada quem mais realiza essa tarefa após a mãe, indicando arranjos diversificados.

Com relação à função de comprar comida, a mulher também é a principal responsável nas famílias das duas áreas (ZR=62%; ZU=42%); entretanto, nessa função há uma maior participação dos maridos. Na zona urbana, onde existe empregada doméstica a função de orientá-la é praticamente toda realizada pelas mães.

Entre as famílias urbanas houve maior variedade de participantes em todas as atividades; entretanto, é importante ressaltar que essas famílias possuem um maior número de arranjos familiares, com tios, avós, primos e padrastos convivendo na mesma casa, havendo a necessidade de reorganizar a distribuição das tarefas domésticas. Estes arranjos familiares ocorrem mais na área urbana e indicam que as famílias estão vivenciando um período de transição, conforme descrito por Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005).

Apesar de outros membros familiares estarem sendo inseridos na distribuição das atividades domésticas, as modificações ocorridas na instância familiar ainda não acompanham na mesma proporção as transformações decorrentes da inserção da mulher no mercado de trabalho e no setor financeiro da casa, como apontado por Greenstein (2000) e Rocha-Coutinho (2003), que salientam que o trabalho doméstico ainda é intitulado de “trabalho de mulher”.

Um aspecto relevante é que a principal figura da rede social de apoio dos adolescentes é a mãe, que tradicionalmente assume, juntamente com o cuidado da casa, a função de educar e orientar seus filhos. Com relação ao conceito de Mãe, a principal função que a define para os adolescentes está vinculada ao suporte emocional/afetivo que oferece a eles; entretanto essa categoria é um pouco mais acentuada entre os adolescentes rurais (66%) do que os urbanos (55%). Ambos adolescentes concordam que a mãe também desempenha atividades rotineiras e educativas com os filhos, mas, dessa vez, a categoria é mais relatada pelos adolescentes urbanos (25%). De modo geral esses dados estão de acordo com os apontados por Petzold (1995) que define o papel da mãe tradicional, cuidando dos afazeres domésticos e dos cuidados dispensados aos filhos através do suporte emocional/afetivo e educativo para atividades diárias, relatados na conceituação de mãe e na rede social de apoio, onde elas aparecem como principal figura na vida desses adolescentes.

Os pais são a segunda pessoa mais citada a quem os adolescentes recorrem quando necessitam de algum auxílio, ou seja, fazem parte da rede social de apoio dos seus filhos proporcionando não só o auxílio financeiro (8,5% em média) na qual o homem tradicionalmente era o principal encarregado, mas também suporte emocional/afetivo (57% rural e 42% urbano) através de orientações, ajuda na escola ou mesmo demonstrações de carinho dando atenção, abraços e beijos. Esses dados são semelhantes aos encontrados por Cia, Pereira, Del Prette e Del Prette (2006) que apontam que apesar da realidade da distribuição da atividade doméstica ainda estar longe de uma divisão igualitária, o homem está participando, juntamente com a mulher, da educação e dos cuidados com os filhos. Um dado relevante é que apesar das mães da zona rural em sua maioria serem donas de casa, apenas os adolescentes rurais definiram o Pai como aquele que auxilia nos afazeres domésticos.

Esses dados indicam uma nova visão do pai rural, diferente da encontrada por Palácios (1993) que, em sua amostra, os considerou tradicionais, a favor de práticas educacionais coercitivas, com pouca predisposição para interagir com os filhos e que se percebiam como quase incapazes de influenciar o desenvolvimento de seus filhos (PALÁCIOS, 1993).

Além da família, esses adolescentes buscam grande apoio nos amigos. Provavelmente, este dado está diretamente vinculado à etapa do ciclo vital na qual eles se encontram, uma fase de transformações não só fisiológicas, mas de formação de identidade, onde uma das características é a identificação com seus iguais. Além disso, Feijó (2006) aponta que, apesar da maioria dos estudos descreverem os membros familiares como rede social de apoio, outras pessoas também podem assumir esse papel, exercendo algumas vezes maior influência do que o próprio núcleo familiar. No presente estudo, os amigos assumem papel fundamental na vida desses jovens, servindo como confidentes e cúmplices, auxiliando e oferecendo apoio diante dos problemas familiares e até auxílio financeiro.

Outro ponto relevante é que os acontecimentos ocorridos com a família no geral, relatados espontaneamente pelos adolescentes de ambas as áreas, quando positivos, faziam referência à alguns aspectos de suas vidas pessoais (como aniversários, festas, presentes, namoro); por outro lado, os acontecimentos relatados como negativos, estavam, na sua maioria, ligados à família (morte de ente querido, separação dos pais, brigas conjugais). De acordo com alguns autores (CARTER; McGOLDRICK, 1995; FERRARI; KALOUSTIAN, 2004), a família representa o espaço de socialização, de busca em conjunto por estratégias de sobrevivência, um espaço para o exercício da cidadania, de possibilidade tanto para o desenvolvimento individual como grupal de seus membros. Portanto, a análise desses

acontecimentos negativos relatados por eles, vinculados ao funcionamento familiar, demonstra o quanto os acontecimentos e a dinâmica familiar pode afetar a vida de seus membros, influenciando diretamente no desenvolvimento físico-psíquico-emocional desses adolescentes.

Com relação ao uso de substância, é importante ressaltar o consumo de álcool pelas famílias das duas áreas (83% zona rural e 65% urbana), apesar dos adolescentes relatarem que todos bebem apenas socialmente. Outro ponto relevante é que o principal consumidor nas duas localidades é o pai ou padrasto. Já o consumo de cigarro, apesar de um percentual menor nas duas áreas (37% e 47%, respectivamente) apresenta um dado interessante, pois na área rural o principal usuário é o pai ou padrasto, mas, na cidade, quem mais faz uso do cigarro são as mães.

No que diz respeito aos atendimentos de saúde, o principal tipo de atendimento é o odontológico (63% rural e 53% urbana) demonstrando um aspecto peculiar dessa amostra, onde até as famílias de zona rural buscam esse tipo de atendimento na cidade; em seguida está o atendimento médico (37% e 41%, respectivamente). O atendimento psicológico ou psiquiátrico, apesar de aparecer em percentual mais baixo na área rural (19%) em relação à urbana (41%), apresenta um dado interessante, ou seja, na zona rural a maior usuária é a mãe (75%), geralmente com queixa de depressão, conforme o relato dos adolescentes. As doenças nas famílias de um modo geral não apresentam variação considerável entre as duas localidades.

Além da caracterização dessas famílias, outro objetivo desse estudo foi o de verificar como os adolescentes falam dela, ou seja, saber qual a concepção dos adolescentes sobre família. Os dados demonstraram que eles a definem, principalmente, como fonte de suporte emocional/afetivo (superior a 80%), oferecendo orientação, apoio, carinho, estando presente em todas as situações vivenciadas por eles. A família como fonte de conflito foi relatada apenas pelos adolescentes da cidade, mas com um percentual bem pequeno (3%), mas é mais citado quando se referem às suas próprias famílias: fonte de briga/entendimento (9%), fonte de conflito (20%), desunião (4%), onde o percentual da categoria suporte/emocional afetivo na zona urbana caiu consideravelmente (44%). Provavelmente, na área rural a convivência familiar seja mais tranquila, sem brigas, discussões ou distanciamentos, pois os percentuais positivos ligados ao conceito geral de família foram maiores: suporte emocional/afetivo (89%), fonte de alegria/paz (9%). Esses dados são comprovados com o questionamento feito a esses adolescentes de como percebem suas próprias famílias. Nessa questão, a família vista

como suporte emocional/afetivo ainda se manteve como principal conceito (68%) e o conceito de alegria/paz dobrou o percentual (18%).

Esses dados evidenciam que o conceito geral que os adolescentes tem de família, provavelmente está estritamente vinculado com o modelo familiar que possuem; alguns reproduzem nesse conceito o ambiente que vivenciam, enquanto outros descrevem como gostariam que fossem suas famílias. Apesar disso, o grau de satisfação em relação às próprias famílias foi bastante elevado nas duas localidades (94% em média). Acredita-se que isso se deva ao fato de que, mesmo em ambientes em que os adolescentes vivenciem conflitos, eles percebem a necessidade de pertencer à uma estrutura familiar. Além disso, existe a questão social e cultural de valorização desta instância, uma vez que é o principal contexto de socialização dos indivíduos (DESSEN; BRAZ, 2005).

Outro conceito importante levantado junto aos adolescentes foi o de Avó descrita pelos rurais como aquela que oferece suporte educativo e para atividades diárias com o neto (32%). Para os urbanos, ela é definida, principalmente, como quem dá suporte emocional/afetivo e desempenha atividades prazerosas (ambas categorias com 27%).

O principal papel do Avô é definido pelos adolescentes de ambas as áreas de forma semelhante ao das avós, ou seja, pelo suporte emocional/afetivo (33,5% em média) que eles oferecem. Entretanto, diferente das avós, eles participam menos do suporte educativo/atividades diárias (9% nas duas áreas). Assim como as avós, eles desempenham atividades prazerosas com os netos, sendo essa categoria mais evidenciada pelos residentes na cidade. Presentear os netos foi outra função também relatada pelos adolescentes das duas localidades. O suporte emocional/afetivo que ele oferece aos filhos foi relatado apenas pelos adolescentes da zona urbana (3%). Dessa forma, os avós desses adolescentes, de modo geral, muitas vezes assumem o cuidado de seus netos, enquanto os pais trabalham para prover a alimentação e o sustento da casa, além de oferecer suporte emocional e financeiro para filhos, genros, noras e netos, conforme apontado por Brito-Dias (1994), Ferreira (1991) e Oliveira (2007)

Esses dados estão de acordo com pesquisas norte-americanas realizadas com adolescentes (ROBERTSON, 1976; HARSTHORNE; MANASTER, 1982; KENNEDY, 1989, MATTHEWS; SPREY, 1985; HODGSON, 1992), que também demonstraram expectativa bastante positiva em relação à seus avós, sendo pouco citados aspectos negativos da relação ou mesmo defeitos. Sommerhalder e Nogueira (2003) consideram que os avós são valorizados pela sua maturidade e experiência, e pela capacidade de transmitirem valores para

as novas gerações. Entretanto, esse aspecto praticamente não foi enfatizado pela amostra de adolescentes desse estudo.

Tanto para os adolescentes da zona rural quanto da urbana o conceito de Filho é definido principalmente pela categoria respeitar/corresponder às expectativas dos genitores (56% rural e 63% urbana), seguida por ser grato e agradar a eles (26% e 15%, respectivamente). As categorias trabalhoso, tanto para os adolescentes como para seus pais, e prazeroso, sem que tenham responsabilidades, foram menos citadas que as anteriores. Esses dados são interessantes principalmente pela faixa etária desses filhos, ou seja, a fase em que se busca a individualidade e independência, contudo, foi possível notar uma grande preocupação deles com os seus pais, na tentativa de não decepcioná-los, procurando corresponder às expectativas que os pais depositam neles. O respeito pelos pais foi outro aspecto importante relatado por esses adolescentes, podendo observar maior preocupação pelos adolescentes da cidade. Isso parece demonstrar a formação de bons valores nessa geração, oferecidos pela estrutura familiar dos mesmos.

As diversas semelhanças existentes entre as relações de irmãos e amigos sugerem que irmãos podem ser vistos como amigo/cúmplice (51,5% em média). Os dados obtidos com essa amostra confirma os de pesquisadores como Connidis (1989) e Connidis e Davies (1990) que levantam um aspecto importante na relação entre irmãos que diz respeito à amizade que se forma entre eles. Segundo Wishart (1986), irmãos mais velhos podem servir como modelos para os mais novos em uma variedade de comportamentos e isso foi observado quando os adolescentes dizem que o suporte educativo e para atividades diárias é um dos papéis do irmão (20% e 27%, respectivamente). Outro papel relatado foi o suporte emocional/afetivo oferecido através de carinho, sacrifícios pelo irmão e trazendo felicidade a ele. Os conflitos, sempre muito comuns entre os irmãos, foram mais relatados pelos adolescentes da zona rural, não apresentando um percentual elevado (12 %).

Quando foi solicitado aos adolescentes que dissessem quem era sua família, predominou, na área rural a família nuclear (63%), já na urbana o percentual foi inferior (47%). Os dados, principalmente da área urbana, são semelhantes ao obtido no estudo realizado por Hodkin (1983), onde quase metade dos universitários pesquisados por ele definiu sua família como nuclear, sendo o restante extensiva. Se juntarmos os percentuais dos dois tipos de família extensiva citados pelos adolescentes da cidade, ele é de 53%, indicando que é possível pensar que para mais da metade dos adolescentes urbanos prevalece o conceito de família extensiva.

Outro dado importante encontrado no presente estudo é que, ao ser apresentada uma lista contendo várias pessoas de diferentes vínculos, mais de 60% dos adolescentes das duas áreas passou a definir família como extensiva, acrescentando ainda amigos e animais de estimação. Esses dados estão de acordo com outros estudos (CURLEY; FURROW, 1991; VACHERESSE, 1992) em que, com o auxílio da lista, os resultados indicaram um baixo percentual de definição de família como nuclear e a família extensiva incluía pessoas sem relação biológica ou legal, além de animais de estimação.

Um outro aspecto que foi investigado, ainda com a ajuda da lista, é quem os adolescentes considerariam como pertencendo às suas famílias, caso os tivessem. O maior percentual foi para os irmãos adotivos (quase 100%), além de empregada (80% área rural e 34% urbana), padrasto e madrasta e animais de estimação.

Nessa amostra, provavelmente, o conceito de família que se pode compreender é aquele apresentado pelos adolescentes com o auxílio da lista. Esse dado se baseia em outras questões apresentadas no questionário como em relação ao uso de substâncias, atendimentos de saúde e doenças na família que perguntavam se havia algum usuário na família e, mesmo antes de se falar em conceito de família, os adolescentes das duas localidades incluíram membros da família extensiva espontaneamente, demonstrando que tais pessoas fazem parte da conceituação familiar que eles possuem.

Por fim, com relação aos novos arranjos familiares, foi possível notar boa aceitação inicial dos adolescentes das duas localidades, onde mais de 50% deles disseram concordar com os tipos apresentados de constituição familiar. A justificativa de concordância com os novos arranjos familiares está, basicamente, vinculada ao conceito de felicidade, como apontado por Roussel (1995) que define que as famílias contemporâneas passaram a ter mais liberdade de escolher os companheiros em função da alegria proporcionada pela convivência e não em conceitos pré-definidos socialmente, ampliando assim, a concepção de família e a construção de diversos arranjos familiares. Entretanto, foi possível perceber que muitos adolescentes concordaram com os arranjos questionados em função da provável influência social, no sentido de aceitar as transformações que estão ocorrendo, não estando em coerência com a concepção subjetiva dos mesmos, ou seja, eles ainda possuem, em sua maioria, uma visão mais conservadora e tradicional de família, limitando-se, principalmente, nos tipos de arranjos familiares nucleares e extensivos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, espera-se estar contribuindo para preencher, embora minimamente, parte da lacuna de pesquisas nessa área, uma vez que as famílias têm passado por muitas modificações e as pesquisas não as acompanham no mesmo ritmo. Além disso, espera-se despertar o interesse de outros pesquisadores a investir na obtenção de dados semelhantes em diferentes regiões do país, contribuindo para se ter uma idéia de como se constituem as famílias brasileiras e como o conceito de família é percebido em diferentes regiões, faixas-etárias e nível sócio-econômico-cultural.

Além de a amostra ser constituída por adolescentes, porque são eles que vão formar as futuras famílias, outro ponto relevante nessa escolha foi o fato de trabalhar com participantes escolarizados, minimizando o número de variáveis entre as duas amostras: mesma faixa etária e escolarização. Ainda em relação à amostra, o fato de se trabalhar com participantes de área rural e urbana, valoriza esse estudo, pois os dados obtidos são de duas realidades distintas e existentes em todo o território nacional.

Os instrumentos utilizados (questionário e entrevista) forneceram subsídios de profundidade para a efetivação desse estudo que teve como objetivo geral caracterizar e conceituar a família de adolescentes da zona rural e urbana de uma cidade do interior paulista, segundo a visão dos adolescentes. A entrevista proporcionou a análise quantitativa-interpretativa dos dados (Biasoli-Alves, 1998).

Outro ponto considerado positivo no procedimento, e que se encontra nos estudos da área (CURLEY; FURROW, 1991; VACHARESSE, 1992), foi introduzir o procedimento de inquirir o indivíduo primeiro a respeito do seu conceito geral de família e depois introduzir o auxílio de uma lista com vários membros familiares citados, incluindo amigos, empregada doméstica, animais de estimação. Considera-se que a lista fez com que os participantes refletissem um pouco melhor a respeito do tema solicitado.

De modo geral, os resultados obtidos demonstraram que apesar das grandes transformações ocorridas através dos tempos, a realidade da família, nessa amostra, não acompanha essas modificações. As famílias são constituídas basicamente em cima do modelo nuclear (pai, mãe e filhos), sendo o conceito subjetivo dos adolescentes, baseado na família extensiva. Apesar disso, demonstraram aceitação em relação aos novos arranjos familiares.

Uma falha encontrada no procedimento desse aspecto foi o fato de não ter sido investigado se os adolescentes consideram como família uma pessoa que vive só.

Outra realidade constatada é o fato de as mulheres ainda acumularem grande número de funções, sejam elas tarefas domésticas ou no cuidado com os filhos, sendo considerada a principal figura da rede social de apoio procurada por eles. Por outro lado, os adolescentes já estão ajudando mais dentro de casa e os pais auxiliando no cuidado dos filhos, oferecendo suporte emocional/afetivo e educativo/para atividades diárias.

É importante ressaltar, que apesar das famílias rurais apresentarem percentual elevado do arranjo nuclear, considerado tradicional na formação e educação dos membros, os adolescentes da cidade demonstraram maior preocupação em corresponder às expectativas dos genitores. Isso, provavelmente ocorra em função de variáveis como a maior ausência dos pais, excesso de trabalho, nível de estresse elevado, afetando diretamente a dinâmica e relacionamento familiar. Por outro lado, em se tratando dos adolescentes rurais, os dados parecem demonstrar que não há grande rigidez e cobrança por parte dos pais. Esta também se mostrou como uma formação familiar de menor conflito, proporcionando um ambiente mais tranquilo e harmonioso, segundo relato dos adolescentes, apesar das mães apresentarem um percentual um pouco mais elevado de depressão.

Por fim, vale ressaltar, que apesar dos adolescentes da cidade relatarem um ambiente familiar conflitivo, o grau de satisfação em relação às próprias famílias, nas duas localidades, foi bastante elevado, demonstrando a importância dessa rede social de apoio na vida desses indivíduos.

Apesar de ser uma amostra pequena, em virtude da complexidade e tamanho da realidade brasileira, esse trabalho traça diretrizes para que novos estudos sejam realizados com o objetivo de complementar a definição da nova família brasileira, ou melhor, das “famílias brasileiras”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ABRAMS, Meyer. **Beyond three score and ten: a second report on a survey of elderly.** London: Age Concern, 1980.

ANDERSON, Harlene; GOOLISHIAN, Harold A. "Human Systems as linguistics systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory". **Family process**, vol. 27, n. 4, 1988.

ARIÈS, Philipe. **História social da criança e da família.** (Trad. De Faksman, D.). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BERENSTEIN, Isidoro. **Família e doença mental.** São Paulo: Escuta, 1988.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas da educação da criança. **Temas em Psicologia**, vol. 3, p. 33-49, 1997.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. A pesquisa em Psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes (orgs). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.** Ribeirão Preto: Legis Summa, p. 135-157, 1998.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.**, vol.16, n.3, 2000.

BILAC, Elisabete Dória. Rupturas e continuidades na instituição familiar. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.), **A família contemporânea em debate**, São Paulo: Cortez, 2005.

BLOS, Peter. **Adolescência:** Uma interpretação psicanalista. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BRITO-DIAS, Cristina Maria de Souza. A importância dos avós no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 10, p. 31-40, 1994.

BRONFENBRENNER, Urie. (1994). Ecological models of human development. In: T. HUSEN, T; POSTLETHWAITE, T N (orgs.), **International encyclopedia of education.** 2^a ed. New York: Elsevier Science, vol.3, p. 37-43, 1994.

BRONFENBRENNER, Urie. Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In: FRIEDMAN, Sarah L.; WACHS, Theodore D. (orgs.), **Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts**. Washington, DC: American Psychological Association, p. 3-28, 1999.

BUSTAMANTE, Vânia. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de casos com homens de camadas populares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 10, p. 1073-1083, 2005.

CARAMANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Última Década**, Rio de Janeiro, vol. 21, p.11-50, 2005.

CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica (col). As mudanças no ciclo de vida familiar – uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica (orgs.), **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 7-29, 1995.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira; ALMEIDA, Paulo Henrique. Família e proteção social. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol. 17, n. 2, p. 109-122, Apr./June, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEBOTAREV, Eleonora Agatha. A organização do tempo de atividades domésticas e não-domésticas de mulheres camponesas na América Latina. In: AGUIAR, Neuma (org.). **Mulheres na força de trabalho na América latina: análises qualitativas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CERVENY, Ceneide Maria de O.; BERTHOUD, Cristina M. E. (cols.). **Família e ciclo vital – nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CIA, Fabiana; PEREIRA, Camila de Souza; DEL PRETE, Aparecida Pereira; DEL PRETE, Almir. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, 2006.

CICIRELLI, Victor G. An examination of the trajectory of the adult child's caregiving for an elderly parent. **Family Relations**, vol. 49, p.169–175, 2000.

CINAMONM, Rachel Gali; RICH, Yisrael. Gender differences in the importance of work and family roles: Implications for work-family conflict. **Sex Roles**, vol. 47, n. 11-12, p. 531-541, 2002.

Coelho, Maria Renata. Visitando a última fase. In: CERVENY, Ceneide Maria de O.; BERTHOUD, Cristina M. E. (orgs.). **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002, p. 127-160.

CONNIDIS, Ingrid. Contact between siblings in later life. **Canadian Journal of Sociology, Canadá**, vol. 14, 1989 p. 429-442.

CONNIDIS, Ingrid.A.; DAVIES, Lorraine. Confidants and companions in later life: The place of family and friends. **Journal of Gerontology: Social Science**, Washington, DC, vol.45, p.141-149,1990.

CAHALIL, Yussef SaidConstituição (org.). **Código do Processo Civil**. 5 ed.rev., atual. e ampl. São Paulo: RT, 2003.

COSTA, Jurandir F. **Ordem médica e norma familiar**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 2004.

Crepaldi, Maria Aparecida. Famílias de crianças acometidas por doenças crônicas: representações sociais da doença. **Cadernos de Psicologia e Educação - Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14/15, p. 151-167, 1998.

CURLEY, M; FURROW, D. Friends as family members. **Unpublished manuscript, Mount Saint Vincent University**, Halifax: Canada, 1991.

DAVIS, Shannon N; GREENSTEIN, Theodore N. Cross-national variations in the division of household labor. **Journal of Marriage & Family**, Greensboro, vol. 66, n. 5, p.1260-1271, 2004.

DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.5, n.2, julh.-dez./2000.

DÉCORET, Bruno. **Familles**. Paris: Economia, 1998.

DESSEN, Maria A; BRAZ, Marcela P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento dos filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol 16, n.3, p. 221-231, set.-dez./2000.

DESSEN, Maria Auxiliadora; TORRES, Cláudio V. Family and socialization factors in Brazil: An overview. In: D. LONNER W. J.; DINNEL D. L.; HAYES S. A.; SATTLER D. N. (Eds.), **Online Readings in Psychology and Culture** (Unit 13, Chapter 2), (<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research: Western, 2002.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA Jr, Ánderson Luiz (orgs.). **A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 113-131.

DESSEN, Maria Auxiliadora; MELCHIORI, Lígia Ebner. **“Famílias no Brasil, quem são e o que pensam?”**. Projeto elaborado no laboratório de desenvolvimento familiar da Universidade de Brasília como requisito de pós-doutorado, 2005.

DIAS, Ana Cristina; LOPES, Rita de Cássia. Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 8, n.esp., p. 63-73, 2003.

DIAS, Cristina Maria S. B.; SILVA, Deusivania. V. Os avós na perspectiva dos netos adolescentes: um estudo qualitativo. In: FERES-CARNEIRO Terezinha (org). **Casamento e família, do social à clínica**. Rio de Janeiro: Ed. Nau, 2001, p. 53-66.

DIAS, Cristina Maria S. B.; SILVA, Márcia Andréa S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n.esp., 2003.

ERVIN-TRIPP, S. Speech acts and syntactic development: Linked or independent? **Berkeley Cognitive Science Report**, n. 61, 1989.

FERRARI, Mário; KALOUSTIAN, Silvio M. Introdução. In: KALOUSTIAN, Silvio M. (org.) **Família brasileira, a base de tudo** (pp. 11-15), 6ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, UNICEF, p. 11-15, 2004.

FERREIRA, Eleonora Arnaud P.; METTEL, Thereza Pontual L. Interação entre irmãos em situação de cuidados formais. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.12, n.1, 1999, p.133 – 146.

FERREIRA, Eleonora Arnaud P. **Irmãos que cuidam de irmãos na ausência dos pais**: um estudo sobre desempenho de tarefas domésticas e interação entre irmãos. Brasília, 1991, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em psicologia do Desenvolvimento Familiar, Universidade de Brasília, 1991.

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 8, (número especial), p. 31-38, 2003.

FONSECA, Claudia. **Olhares antropológicos sobre a família contemporânea**, Comunicação apresentada no Congresso Internacional Pesquisando a família. Florianópolis, abril, 2002.

FRANKS. Lucinda. Y.; HUGHES, James. P.; PHELPS, Linda. H.; WILLIAMS, D. Georg. Intergenerational influences on midwest college students by their grandparents and significant elders. **Educational Gerontology**, United States, vol.19, p. 265-271, 1993.

GAUVIN, Marco; HUARD, Davies R. Family interaction, parenting style, and the development of planning: A longitudinal analysis using archival data. **Journal of Family Psychology**, Washington, DC, vol.13, n. 1, p. 75-92, 1999.

GEORGAS, James. Family: Variations and changes across cultures. In: LONNER, Walter J.; DINNEL, Dale L.; HAYES, Susanna A.; SATTTLER, David N. (eds.), **Online Readings in Psychology and Culture** (Unit 13, Chapter 3), (<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA Washington University, Bellingham, Washington USA, 2003.

GOETTING, Ann. The developmental tasks of siblingship over the life cycle. **Journal of Marriage and the Family**, Greensboro, vol. 48, p. 703-714, 1986.

GOMES, Heloisa Szymanski Ribeiro. (1988). **Um estudo sobre significado de família**. Tese de Doutorado, PUC-SP.

GOMES, Isabel Cristina; PAIVA, Maria Lúcia. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? **Psicologia em Estudo**, Natal, vol.8, n. esp., p. 3-9, 2003.

GOTTLIEB, Gilbert; PANCER, S. Mark. Social networks and the transition to parenthood. In: MICHAELS, G. Y.; GOLDBERG, W. A. (orgs.), **The transition to parenthood**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 235-269, 1998.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O Emprego Rural e a "Commoditização" do Espaço Agrário**. Mimeo, 1997.

GRAZIANO DA SILVA, José. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.15, n.43, 2001.

GREENSTEIN, Theodore N. Economic dependence, gender, and the division of labor in home: A replication and extension. **Journal of Marriage and Family**, Greensboro, vol. 62, n. 2, p. 322-335, 2000.

HAHNER, June. **Emancipating the female sex, the struggle for women's rights in Brazil: 1850-1940**. Durham, NC: Duke University Press, p. 1850-1940, 1990.

HARSTHORNE, Timothy S.; MANASTER, Guy J. The relationship with grandparents: contact, importance, role conception. **International Journal of Aging and Human Development**, vol. 15, n. 3, p. 233-245, 1982.

HODGSON, Lynne Gershenson. Adult grandchildren and their grandparents: the enduring bond. **International Journal of Aging and Human Development**, vol. 34, n. 3, p. 290-225, 1992.

HODKIN, Barbara. The concept of family: Building an empirical base. **Paper presented at the annual meeting of the Canadian Psychological Association**, Winnipeg: Minitoba, 1983.

HODKIN, Barbara; VACHARESSE, Ann; BUFFETT, Susan. Concepts of family memberships. In: CUSINATO, Mário (org.), **Research on family resources and needs across the world**. Milão: LED Edizioni Universitarie, p. 45-54, 1996.

HORVATH, J. O pai como força na família. In: GOMES-PEDRO, João; PATRICIO, Madalena Folque (orgs.), **Bebê XXI: criança e família na viragem do século**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 151-157, 1995.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2003). Obtido em 4 de setembro de 2005.
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/0404sintese.shtm>

JALONSKI, Bernardo. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: FERES-CARNEIRO, Terezinha (org.), **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU editora, p.55-69, 1999.

JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, Serge (org.). **Psicología social**. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, vol.2, p.469-494, 1984.

KENNEDY, Gail. E. College students relationships with grandparents. **Psychological Reports** vol. 64, p. 477-478, 1989.

KENNEDY, Gregory E. Quality in grandparents relationship. **International Journal of Aging and Human Development**, vol. 35, n. 2, p. 83-98, 1992.

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício (orgs.), **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 24-62, 1981 (Original publicado em 1970).

KREPPNER, Kurt. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 16, p. 11-22, 2000.

LAMB, Michael. E. **The role of the father**. New York: Wiley, 1996.

LAURENTI, Antônio Carlos; DEL GROSSI, Mauro Eduardo. A Evolução das Pessoas Ocupadas nas Atividades Agrícolas e Não Agrícolas nas Áreas Rurais do Brasil. In: CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José G. (editores) **O Novo Rural Brasileiro: uma análise nacional e regional**. Jaguariúna-SP: Embrapa, vol.1, 2000.

LEWIS, Charlie; DESSEN, Maria Auxiliadora. O pai no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 15, p. 9-16, 1999.

LLEWELLYN, Gwynnyth; McCONNELL, David. Mothers with learning difficulties and their support networks. **Journal of Intellectual Disability Research**, Australia, vol. 46, p. 17-34, 2002.

MACHADO, Lia Zanota. **Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil**. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 15 p. (Série Antropologia, n.291), 2001.

MATTHEWS, Sarah H.; SPREY, Jetse. Adolescents relationships with grandparents: an empirical contribution to conceptual clarification. **Journal of Gerontology**, vol. 40, n. 5, p. 621-626, 1985.

MELLO, Sylvia Leser. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.). **A família contemporânea em debate**. 3ª ed. São Paulo: Educ/Cortez, p.51-60, 2000.

MOSCOVICI, Serge. The phenomenon of social representations. In: FARR, Robert; MOSCOVICI, Serge (orgs.), **Social Representations**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 3-69, 1984.

MINUCHIN, Patrícia. Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. **Child Development**, vol. 56, p. 289-302, 1985.

MINUCHIN, Patrícia. Relationships within the family: A systems perspectives on development. In: HINDE, Robert; STEVENSON-HINDE, Joan (ogs.), **Relationships within families: Mutual influences** (pp. 8-25). Oxford, UK: Clarendon Press/University Press, p. 8-25, 1988.

NEDER, Gizlene. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil., In: KALOUSTIAN, Silvio M. **Família Brasileira. A base de tudo**, Brasília: Cortez/UNICEF, 1994.

NYER, G., BIEN, Walter; MARBACH, J.; TEMPLETON, R. Obtaining reliable data about family life. A methodological examination of egocentered networks in survey research. **Connections**, vol. 14, p. 14-26, 1991.

OLIC, Nelson Bacic. Aspectos do novo rural brasileiro. **Revista Pangea: quinzenário de Política, Economia e Cultura**, 2001.

(www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=100&ed=4).

OLIVEIRA, Maira R. **Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicoogia da Universidade de Brasília, Brasília, 2007, 147 páginas.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer: Estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PALÁCIOS, Jesús; HIDALGO, M.ária Victoria. **Parent's ideas and contextual factors in the transition to parenthood**. Trabalho apresentado no 12th Biennial Meetings do ISSBD, Recife, Brasil, 1993.

PEEK, Peter; STANDING, F. Rural-urban migration and government policies in low-income countries. **Int Labour Rev.**, vol. 18, p. 747-62, 1979.

PETZOLD, Matthias. Aprender a ser pai. In: GOMES-PEDRO, João. (org.), **Bebé XXI: criança e família na viragem do século**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. P. 133-150, 1995.

PETZOLD, Matthias. The psychological definition of "the family". CUSINATO, M. (org.), **Research Family: Resources and needs across the world**. Milão: LED- Edizioni Universitarie, p. 25-44, 1996.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **Da lógica da criança à lógica do adolescente: Ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PONTES, Fernando Augusto Ramos. *O papel do pai no contexto familiar: A importância da função paterna na relação com a mãe e a criança*. Rio de Janeiro: Fábrica de livros, 2002.

RAMIRES, Vera Regina Rohnelt. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pre adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 9, n. 2, p. 183-193, 2004.

REYNOLDS, Glenda Philips; WRIGHT, James V.; BEALE, Betty. The roles of grandparents in educating today's children. **Journal of Instructional Psychology**, vol. 30, p. 316-326, 2003.

ROBBINS, Michael; SZAPOCZNICK, José; TEJEDA, Manuel; SAMUELS, Deanne; IRONSON, Gail; ANTONI, Michael. The protective role of the family and social support network in a sample of HIV-positive African American women: Results of pilot study. **Journal of Black Psychology**, vol. 29, p. 17-37, 2003.

ROBERTO, Karen A.; STROES, Johanna. Grandchildren and grandparents: roles, influences and relationships. **International Journal of Aging and Human Development**, vol. 34, n. 3, p. 227-239, 1992.

ROBERTSON, Joan. F. Significance of grandparents: perceptions of young adult grandchildren. **The Gerontologist**, vol.16, n. 2, p. 137-140, 1976.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Quando o executivo é uma "dama": a mulher, a carreira, e as relações familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.), **Família e casal: Arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: NAU, p. 15-30, 2003.

RIBEIRO, Rosa Maria; SABÓIA, Ana Lúcia; BRANCO, Helena Castello; BREGMAN, Sílvia. Estrutura familiar, trabalho e renda [Family structure, work, and income]. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug (ed.), **Família brasileira: a base de tudo** (pp. 135-158). São Paulo and Brasília: Cortez and UNICEF, p. 135-158, 1998.

RODGERS, Joseph Lee; ROWE, David C. Influence of siblings on adolescent sexual behavior. **Developmental Psychology**, vol. 24, p. 722-728, 1988.

ROUSSEL, L. Família. Justificação ou Facto? Que futuro para o Bebê XXI? In: GOMES-PEDRO, João (org.), **Bebê XXI: criança e família na viragem do século**. Lisboa: Fundação Calouste Gulocnkian, p. 81-98, 1995.

SAMARA, Eni de Mesquita. (2002). O quê mudou na Família Brasileira? (Da Colônia à Atualidade). **Psicologia USP**, São Paulo, v.13, n.2, 2002.

SAMARA, Eni de Mesquita; MATOS, M. I. Manos femeninas: Trabajo e resistencia de las mujeres brasileñas. In: PERROT, Michele; DUBY, Georges (ed.), **Historia de las mujeres: El siglo XX**. Madrid, España: Taurus, vol. 5, p. 709-718, 1993.

SAMARA, Eni de Mesquita. Novas imagens da família “à brasileira”. **Psicologia USP**, São Paulo, vol. 3, p. 59-66, 1992.

SANDERS, Geert; TRYGSTAD, Debra. Strengths in the grandparent-grandchildren relationship. **Activities, Adaptation and Aging**, vol. 17, n. 4, p. 43-53, 1993

SCABINI, Eugenia; MARTAS, E. Family with late adolescents: Social and family topics. In: CUSINATO, Mário (org.), **Research on family resources and needs across the world**. Padova: Edizioni Universitarie di Lettere Economia, p. 177-197, 1996.

SLUZKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOMMERHALDER, Cínara; NOGUEIRA, Eliete Jussara. As relações entre gerações. In: NÉRI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.), **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, p. 102-112, 2003.

STEINBERG, Laurence. **Adolescence**. New York: Alfred Knopf, 1985.

STRATTON, Peter. Contemporary families as contexts for development. In: VALSINER, Jann; CONNOLY, Kevin (orgs.), **Handbook of developmental psychology**. Londres: Sage, p. 333-357, 2003.

STREY, Marlene Neves; BLANCO, Débora Casagrande.; WENDLING, Maria Isabel, RUWER, Mariana P.; BORGES, Vivin Roxo. Factores psicosociales en la construcción del proyecto profesional. **Psicología y Salud**, vol. 12, p. 05-16, 1998.

STRIGHT, Anne Dopkins; BALES, Stephanie Stigler. Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics. **Family Relations**, vol. 52, n. 3, p. 232-240, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant, (org.), **A Família Contemporânea em Debate**. 6ª edição. São Paulo, EDUC, p. 23-27, 2005.

THERBORN, Goran. Sexo e Poder: a Família no mundo, 1900-2000. E. D. Bilac (Trad.). São Paulo: Contexto, 2006.

TORRES, Cláudio V.; DESSEN, Maria Auxiliadora. The Brazilian “jeitinho”: **Brazil’s sub-cultures, its diversity of social contexts, and family structures**. In: GEORGAS, James; BERRY, John W.; VIJVER, Fons; KAGITÇIBASI, Çigdem; POORTINGA, Ype H. (orgs.). Family across culture: A 30-nation psychological study. Cambridge: Cambridge University Press, v. 1, p. 259-267. 2006

TRINDADE, Zeide Araújo; ANDRADE, C. A; SOUZA, Q. J. Papéis parentais e representações da paternidade: A perspectiva do pai. **Psicologia**, vol. 28, n. 1, p. 207-222, 1997.

TURNER, H. Lynn; WEST, Richard (orgs.). **Perspectives on family communication**. Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company, 1998.

VACHERESSE, Ann. Concept of family in adolescents from intact and complex families. **Unpublished honours thesis**, Mount Saint Vincent University, Halifax, Canada, 1992.

VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto; KALACHE, Alexandre. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, 1987.

WAGNER, Adriana; FALCKE, Denise; MEZA, Eliane Bottcher Duarte. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n.1, 1997.

WAGNER, Adriana; HALPEN, S. C.; BORNHOLDT, Ellen A. Configuração e estrutura familiar: Um estudo comparativo entre família originais e reconstituídas. **Psicologia**, vol. 30, n. 2, p. 63-73, 1999.

WAGNER, Adriana; RIBEIRO, Luciane. S.; ARTECHE, Adriane X.; BORNHOLDT, Ellen A. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, vol.12, 1999.

WAGNER, Adriana; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. O recasamento e a representação gráfica da família. **Temas de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP)**, vol. 7, n. 1, p. 11-19, 2000.

WAGNER, Adriana; OLIVEIRA, M. A. M. A família recasada: Papéis, função e a educação dos filhos. **Revista Alcance** , vol. 7, n. 5, p. 27-35, 2000.

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; MOSMANN, Clarisse; VERZA, Fabiana. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 21, n. 2, 2005.

WEISNER, Thomas S. Comparing sibling relationships across cultures. In SUKOW, Patricia (ed.), **Sibling interactions across cultures. Theoretical and methodological issues**. New York: Springer-Verlag, p. 11-25, 1989.

ZAMBERLAN, Maria Aparecida; CAMARGO, Francisca. C.; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria. Interações na família: revisões empíricas. In: ZAMBERLAN, Maria Aparecida; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria mendes (orgs.), **Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção**. Londrina: UEL, p. 39-57, 1997.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Caracterização da amostra de adolescentes residentes na Zona Rural

Participante	Idade	Sexo	E C	Escolaridade	Ocup. atual	Nº filhos	Religião/freqüência
1	13 anos	F	Solt	7 ^{as} Pub D	Estudante	0	Evangélica/semanal
2	13 anos	F	Solt	7 ^{as} Publ D	Estudante	0	Católica/quinzenal
3	13 anos	M	Solt	7 ^{as} Pub D	Estudante	0	Católico/mensal
4	13 anos	M	Solt	7 ^{as} Publ D	Estudante/ cuida cavalos	0	Não tem
5	14 anos	F	Solt	7 ^{as} Publ D	Estudante/ enfeite calçado	0	Não tem
6	15 anos	M	Solt	1 ^o C Publ N	Estudante/ ajuda criação de animais	0	Católico/quinzenal
7	15 anos	M	Solt	1 ^o C Publ N	Estudante/ ajuda roça	0	Católico/mensal
8	15 anos	M	Solt	1 ^o C Publ N	Estudante/ ajuda roça	0	Católico/quinzenal
9	15 anos	F	Solt	1 ^o C Publ D	Estudante	0	Católica/quinzenal
10	16 anos	M	Solt	2 ^o C Publ N	Estudante	0	Católico/espontaneamente
11	17 anos	F	Solt	3 ^o C Publ D	Estudante	0	Católica/quinzenal
12	17 anos	M	Solt	3 ^o C Publ N	Estudante/ ajuda roça	0	Católico/mensal
13	16 anos	F	Solt	2 ^o C Publ D	Estudante	0	Católica/mensal
14	17 anos	M	Solt	3 ^o C Publ D	Estudante/ ajuda roça	0	Católico/mensal
15	16 anos	F	Solt	2 ^o C Publ D	Estudante	0	Católica/mensal
16	16 anos	F	Solt	2 ^o C Publ D	Estudante	0	Católica/mensal

APÊNDICE B

Caracterização da amostra de adolescentes residentes na Zona Urbana

Participante	Idade	Sexo	E C	Escolaridade	Ocup. atual	Nº filhos	Religião/freqüência
1	13 anos	F	Solt	7 ^{as} Publ D	Estudante	0	Evangélica/semanal
2	14 anos	F	Solt	7 ^{as} Publ D	Estudante	0	Evangélica/semanal
3	15 anos	F	Solt	1 ^o C Publ N	Estudante e ajuda mãe (bijuterias)	0	Católico/semanal
4	15 anos	F	Solt	1 ^o C Part. D	Estudante	0	Católica/espordicamente
5	15 anos	F	Solt	1 ^o C Part. D	Estudante	0	Católica/semanal
6	15 anos	F	Solt	1 ^o C Part. D	Estudante	0	Católica/não freqüenta
7	15 anos	F	Solt	7 ^{as} Publ D	Estudante	1	Católica/semanal
8	15 anos	M	Solt	1 ^o C Part. D	Estudante	0	Católico/quinzenal
9	16 anos	M	Solt	2 ^o C Part. D	Estudante	0	Católico/não freqüenta
10	16 anos	F	Solt	2 ^o C Part. D	Estudante	0	Batista/semanal
11	16 anos	F	Solt	1 ^o C Part. D	Estudante	0	Católica/semanal
12	16 anos	F	Solt	1 ^o C Part. D	Estudante	0	Católico/semanal
13	16 anos	F	Solt	1 ^o C Part. D	Estudante	0	Católica/espordicamente
14	16 anos	F	Solt	2 ^o C Publ N	Estudante/enfeite calçado	0	Católica/quinzenalmente
15	16 anos	F	Solt	2 ^o C Part D	Estudante/ ajuda na loja	0	Católica/semanal
16	17 anos	M	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Espírita/semanal
17	17 anos	M	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Católico/não freqüenta
18	17 anos	F	Solt	3 ^o C Part D	Estudante/ajuda na loja	0	Espírita/semanal
19	17 anos	F	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Espírita/espordicamente
20	17 anos	M	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Não tem
21	17 anos	F	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Católica/não freqüenta
22	17 anos	F	Solt	3 ^o C Publ D	Estudante/ dama de companhia	0	Católica/não freqüenta
23	17 anos	F	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Católica/não freqüenta
24	17 anos	F	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Católica/espordicamente
25	17 anos	M	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Espírita/semanal
26	17 anos	F	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Espírita/não freqüenta
27	17 anos	M	Solt	3 ^o C Part D	Estudante	0	Católico/semanal
28	17 anos	M	Solt	3 ^o C Publ D	Estudante	0	Protestante/quinzenalmente

29	18 anos	F	Solt	1°C Publ N	Estudante	0	Espírita/semanal
30	18 anos	M	Solt	2°C Publ N	Estudante	0	Católico/não frequenta
31	18 anos	F	Solt	3°C Part D	Estudante	0	Católica/espóradicam ente
32	16 anos	M	Solt	3°C Publ D	Estudante	o	Não tem

Legenda:

Solt = solteiro (a)

Publ = pública

D = diurno

N = noturno

APÊNDICE C

Caracterização da família dos adolescentes residentes na Zona Rural

Participante	Nº Pessoas Família	Renda familiar aproximada (SM)	Média renda familiar por membros da casa	Moradia	Escolaridade pais	Membros familiares (além do adolescente)
1	4	2 sm	R\$180,00	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 1 irmão
2	4	1,5 sm	R\$125,00	Casa Própria	Pai: 1º GC Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 1 irmão
3	4	Não sabe	Não sabe	Casa Própria	Pai: cursando supletivo Mãe: técnico	Pai, mãe e 1 irmã
4	8	Não sabe	Não sabe	Patrão fornece	Padrasto: não sabe Mãe: 1º GI	Padrasto, mãe, 2 irmãs e pais padrasto (avós)
5	5	1,5 sm	R\$100,00	Patrão fornece	Pai: 1º GI Mãe: 2º GC	Pai, Mãe e 2 irmãos
6	3	3,5 sm	R\$400,00	Casa Própria	Pai: 1º GC Mãe: 2º GI	Pai e mãe
7	4	3,5 sm	R\$300,00	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 1 irmão
8	5	2,5 sm	R\$180,00	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 2 irmãos
9	4	2,5 sm	R\$238,00	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 1 irmã
10	4	3 sm	R\$263,00	Casa Própria	Pai: 1º GC Mãe: 2º GC	Pai, mãe e 1 irmã
11	4	2,5 sm	R\$200,00	Casa Própria	Pai: 1º GC Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 1 irmã
12	4	4 sm	R\$375,00	Casa Própria	Pai: 1º GC Mãe: 1º GI	Pai e mãe Irmão (outra cidade)
13	4	1,4 sm	R\$125,00	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe e irmão
14	5	5 sm	R\$360,00	Casa Própria	Pai: Superior C Mãe: 2º GC	Pai, mãe, irmã e avó
15	5	4,5 sm	R\$310,00	Patrão fornece	Pai: 1º GI Mãe: 1º GC	Pai, mãe, irmão e primo
16	4	2 sm	R\$162,00	Patrão fornece	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe e irmão

APÊNDICE D

Caracterização da família dos adolescentes residentes na Zona Urbana

Participante	Nº Pessoas Família	Renda familiar aproximada (SM)	Média renda familiar por membros da casa	Moradia	Escolaridade pais	Membros familiares (além do adolescente)
1	4	3,5 sm	R\$312,5	Casa Própria	Padrasto: 2º GI Mãe: 1º GI	Padrasto, mãe, 1 irmão
2	4	2 sm	R\$187,5	Casa Alugada	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 1 irmã
3	5	5,5 sm	R\$392,00	Casa Própria	Mãe: 1ºGI	Mãe, 1 tio e 2 tias
4	4	Não sabe	Não sabe	Casa Própria	Pai: Superior C Mãe: Superior C	Pai, mãe e 1 irmã
5	5	Não sabe	Não sabe	Casa Própria	Pai: Superior C Mãe: Superior C	Pai, Mãe e 2 irmãs
6	5	11,5 sm	R\$800,00	Apto Alugada	Pai: Superior C Mãe: 2º GC	Pai, mãe e 2 irmãos
7	6	3 sm	R\$166,7	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 1º GI	Pai, mãe, 2 irmãos e 1 filha
8	4	3 sm	R\$250,00	Apto financiado	Pai: 2º GC Mãe: 2º GC	Pai, mãe e 1 irmã
9	4	14 sm	R\$1250,0	Apto Própria	Pai: Superior C Mãe: Superior C	Mãe
10	3	3 sm	R\$366,7	Casa Própria	Padrasto: Superior C Mãe: Superior C	Padrasto e mãe
11	5	14 sm	R\$1000,0	Casa Própria	Pai: 2º GC Mãe: 2º GC	Pai, mãe e 2 irmãos
12	4	2 sm	R\$162,5	Apto Alugada	Pai: 1º GC Mãe: 1º GC	Pai, mãe e 1irmã
13	4	6 sm	R\$500,00	Casa Própria	Pai: 2º GI Mãe: 2º GI	Pai, mãe e 1 irmão
14	4	2,5 sm	R\$223,8	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 2º GC	Pai, mãe e 1 irmão
15	4	6 sm	R\$500,00	Casa Alugada	Pai: Superior C Mãe: 2º GC	Pai, mãe e 1 irmã
16	5	14 sm	R\$1000,0	Casa Alugada	Não moram junto	1 tia, 2 primos e 1 avô Paterno
17	5	6 sm	R\$400,00	Casa Própria	Pai: 1º GC Mãe:1º GC	Pai, mãe, 1 irmã e 1 sobrinho
18	5	7 sm	R\$500,00	Casa Própria	Mãe: 2º GC	Mãe, 1 tio e avós Maternos
19	4	12 sm	R\$1075,0	Casa Própria	Pai: Superior C Mãe Superior C	Pai, mãe (irmã mora fora)
20	5	11,5 sm	R\$800,00	Casa Própria	Pai: Superior C Mãe: 2º GC	Pai, mãe e 2 irmãos
21	3	6 sm	R\$733,4	Apto Própria	Mãe: Superior C	Mãe e 1 irmão
22	5	10 sm	R\$690,00	Casa Própria	Pai: 1º GI Mãe: 2º GI	Pai, mãe e 2 irmãos

23	7	20 sm	R\$1000,0	Casa Própria	Mãe: 2º GI	Mãe, 2 irmãos, 2 tios e avó Materna
24	4	14 sm	R\$1250,0	Casa Própria	Pai: Superior C Mãe: Superior C	Pai, mãe e 1 irmão
25	5	37 sm	R\$2600,0	Casa Própria	Pai: Superior C Mãe: Superior C	Pai, mãe e 2 irmãos
26	3	10 sm	R\$1167,0	Casa Própria	Mãe: Superior C	Mãe e avô materno
27	3	18,5 sm	R\$2167,0	Casa Própria	Pai: 2º GC Mãe: Superior C	Pai e mãe (1 irmão mora fora)
28	5	3,5 sm	R\$240,00	Casa Alugada	Pai: Superior C Mãe: Superior C	Pai, mãe e 2 irmãos
29	7	7 sm	R\$350,00	Casa Própria	Mãe: 1º GC	Mãe, 3 tios, 2 tias e 1 prima
30	4	8,5 sm	R\$750,00	Casa Própria	Pai: 1º GC Mãe: 1º GI	Pai, mãe e 1 irmão
31	3	7 sm	R\$833,3	Casa Alugada	Pai: 2º GC Mãe: 2º GI	Pai e mãe
32	4	8 sm	R\$700,00	Casa Própria	Pai: 2º GC Mãe: 2º GC	Pai, mãe e irmão

Salário Mínimo (SM) = R\$ 350,00

APÊNDICE E
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____

portador (a) de RG nº _____, residente à Rua:
_____, nº

_____,
na cidade _____, Estado _____ concordo em participar da pesquisa :

“Famílias de zona rural e urbana: características e concepções de Adolescentes”, que tem como objetivo geral caracterizar e conceituar famílias a partir da visão de adolescentes de diferentes níveis sócio-econômico, residentes na zona rural e zona urbana. Serão aplicados um questionário de caracterização do sistema familiar e um roteiro de entrevista de conceituação familiar, que será gravada e posteriormente transcrita. O nome do participante, bem como do responsável (caso participante seja menor de idade), serão mantidos em sigilo. A pesquisadora estará à disposição para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir durante o processo.

Estou ciente que minha participação é voluntária e dela posso desistir a qualquer momento, sem explicar os motivos, não havendo nenhum prejuízo.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante (ou responsável)

Pesquisadora: Vanessa Marques Gibran Faco

End: Rua Santos Dumont, 810F – Centro, Birigui/SP

Fone: (18) 3644-4953 e-mail: vanessafaco@yahoo.com.br

Orientadora: Prof^a Dr^a. Lígia Ebner Melchiori

End: Rua Aviador Mário Fundagem Nogueira, 7-36, Apto 31 – Jd América, Bauru/SP

Fone: (14) 3227-5164 e-mail: lmelch@terra.com.br

APÊNDICE F

Questionário de Caracterização do Sistema Familiar *

1 – Identificação

Nome (iniciais): _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____

Residência: Área Urbana () Bairro Nobre () Periferia

Área Rural _____ (especificar)

Há quanto tempo reside nesta localidade? _____

Aplicador: _____ Data: ____/____/____ Início: ____hs ____min. Término: ____hs ____min

2 – Dados Demográficos

Estado Civil Atual:

a)- () casados () vivem juntos () separados/divorciados () viúvo () solteiro

b)- () 1º companheiro(a) () 2º companheiro(a) () 3º companheiro(a) () 4º companheiro(a) ou +

c)- Há quanto tempo você vive com seu(ua) companheiro(a) atual? (anos e meses) _____

d) – Quantos filhos teve com cada companheiro(a)? _____

3 – Constelação Familiar

a)- Número de pessoas na família: _____

b)- Quem mora na casa:

	Biológico	Adotivo	Materno	Paterno	Quantidade	Há quanto tempo	Idade	Sexo
Pai								
Mãe								
Irmão(s)								
Tio(s)								
Tia(s)								
Primo(s)								
Prima(s)								
Padrasto								
Madrasta								
Avô								
Avó								
Babá/empregada								
Outros								

4 – Escolaridade

	EFI	EFC	EMI	EMC	NS	Analf.	Creche	Pré escola
Privada								
Pública								
Noturno								
Diurno								
Integral								

* Adaptado do Questionário de Maria Auxiliadora Dessen

Legenda

EFI – ensino fundamental incompleto

EFC – ensino fundamental completo

EMI – ensino médio incompleto

EMC – ensino médio completo

NS – nível superior

Analf. – Analfabeto

5- Ocupação Atual

Categorias	Entrevistado	*	*	*	*	*
I Serviços Básicos						
Administrativos						
Serviços técnicos em geral						
Serviços de comércio e venda						
Operacionais gerais						
Serviços de beleza						
2 Profissionais liberais						
3 Profissionais da educação						
4 Trabalho em casa						
5 Desempregado (o que fazia)						
6 Aposentado (o que fazia)						

* Demais membros da família

Entrevistado:

Há quanto tempo está nesta ocupação? _____

Horas de trabalho por dia: _____

Quantos dias na semana: () 2ª a 6ª () 2ª à sábado () 2ª à domingo () trabalho por escala

6 – Religião: () Não () Sim Qual? _____

7 – Renda Familiar Atual (por mês):

Entrevistado: _____

Outros (que contribuam): Quem? _____

Valor – R\$: _____

Total – R\$ _____ Em salários mínimos: _____

Obs: Identificar a renda de cada membro da família.

8 – Moradia

a)- Tipo de moradia: () Casa () Apartamento () Barraco () Sem teto

b)- Situação da moradia: () Própria () Alugada () Invasão () Outros

9 - Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

() Todos os membros da família
(que residem no mesmo local)

() Toda família com amigo

() Apenas mãe e filhos

() Apenas pai e filhos

() Toda família com avós

() Toda família com parentes em geral

10 – Divisão das Tarefas de Casa

a)- Afazeres Domésticos	Mãe	Pai	Irmão	Amigos	Empregada	Vizinhos	Outros (especificar)
Limpar a casa							
Cozinhar							
Lavar/Passar Roupas							
Comprar Comida							
Orientar a empregada nas tarefas domésticas							

b)- A família tem empregada doméstica? () Sim () Não

Há quanto tempo?

Período de tempo: () Integral () Parcial () Diarista

c)- Características da Rede Social de Apoio do Adolescente: (Com quem você conta quando precisa de ajuda?)

Membros familiares	Tipo de Apoio
Membros extrafamiliares	Tipo de apoio

11 – Dados de Saúde da família

a)- Uso de substâncias na família:

Tipo de substância	Membros da família								
	Entrevistado	*	*	*	*	*	*	*	*
Cigarro									
Álcool									
Drogas									

*Demais membros da família

b)- Tipos de atendimento às famílias:

Tipos de atendimento	Entrevistado	*	*	*	*	*	*	*	*
Médico									
Psicólogo/Psiquiátrico									
Outros									

*Demais membros da família

c)- Doenças na família:

Doenças	Membros da família							
	Entrevistado	*	*	*	*	*	*	*
Cardiovascular								
Transtornos mentais e de comportamento								
Respiratórias								
Ósteo-musculares								
Alergias								
Endócrina-hormonal								
Deficiências/Síndromes								
Outras								

*Membros da família

12 – Sobre os Eventos Ocorridos com a Família em Geral

Evento	Nos últimos 6 meses	De 6 a 12 meses	Há mais de 1 ano (especifique)	Nunca aconteceu
Mudança de cidade				
A mãe começou a trabalhar fora de casa				
Perda de emprego de um dos membros (especificar)_____				
Problemas financeiros				
Nascimento				
Hospitalização na família				
Morte na família a)- Companheiro, b)- mãe ou pai, c)- irmãos, d)- avós, e)- amigos íntimos f)-outros (especifique)_____				
Outras experiências que tiveram impacto na sua vida. Liste-as: a)- b)- c)-				

APÊNDICE G

Roteiro de Entrevista de Conceituação Familiar

I- Perguntas abertas a respeito de concepção familiar, papéis que cada membro desempenha, grau de satisfação com a própria família e percepção dos novos arranjos familiares.

1 – O quê é família para você?

2 - Quem faz parte da sua família?

3 – O quê é ser mãe?

4 – O quê é ser pai?

5- O quê é ser avô?

6- O quê é ser avó?

7 – O quê é ser filho(a)?

8 – E irmão(ã)?

9 – Como é a sua família? Você está satisfeito(a) com ela?

10 - Nos tempos modernos, tem surgido vários arranjos como casais homossexuais, casais morando em casas separadas, com ou sem filhos, mulheres que decidem ter e criar filhos sozinhas (produção independente). Você considera estes tipos de arranjos como sendo uma ‘família’? Por quê?

II- Resposta com auxílio de uma lista.

1 - Da lista abaixo, quem você considera membro de sua família?

2 - Caso você tivesse, quem você consideraria como membro de sua família?

() Pai e Mãe biológicos

() Padrasto e Madrasta

() Irmãos biológicos

() Irmãos adotivos

() Tios e Tias

() Avôs e Avós

() Primos e Primas

() Outros parentes: _____

() Amigos

() Empregada

() Animais de estimação: Qual(is) _____

() Outros

(especificar): _____

APÊNDICE H

Respostas dos adolescentes residentes na Zona Rural

ADOLESCENTE	RESPOSTA ESPONTÂNEA	RESPOSTA COM AJUDA DE LISTA	
_____	Membros que compõem a família	Quem você considera membro da sua família	Que outras pessoas você consideraria da família (caso hipotético)
1	Pai, mãe, irmão, tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Padrasto e madrasta (se fossem legais e dessem apoio), irmãos adotivos e empregada
2	Pai, mãe e filhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Padrasto, madrasta, irmãos adotivos e empregada
3	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Irmãos adotivos e empregada
4	Pai, mãe, avós e irmãos	Pai, mãe, padrasto, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, animais de estimação, madrinha e padrinho	Irmãos adotivos e empregada
5	Pai, mãe e irmãos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Empregada (se ela fosse boa)
6	Pai, mãe, avós e tias	Pai, mãe, tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Irmãos biológicos e adotivos e empregada
7	Pai, mãe e filho	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos	Padrasto, madrasta, irmãos adotivos, empregada e animais de estimação
8	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos (alguns) e animais de estimação	Padrasto, madrasta, irmãos adotivos e empregada
9	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos	Padrasto, madrasta, irmãos adotivos e empregada (dependendo de tempo)

			de trabalho na casa)
10	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes	Irmãos adotivos
11	Pai, mãe e irmãos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes	Irmãos adotivos e animais de estimação
12	Pai, mãe e filhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação, namorada	Padrasto e madrasta (se um dos pais tivesse falecido), irmãos adotivos e empregada
13	Pai, mãe, irmãos, tios, avós	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos	Padrasto, madrasta, irmãos adotivos, empregada e animais de estimação
14	Pai, mãe, tios, avós, todo mundo	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Padrasto, madrasta, irmãos adotivos e empregada
15	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Padrasto, madrasta, irmãos adotivos e empregada
16	Pai, mãe, irmão, amigos e animal de estimação	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Padrasto e madrasta, irmãos adotivos

APÊNDICE I
Respostas dos adolescentes residentes na Zona Urbana

ADOLESCENTE	RESPOSTA ESPONTÂNEA	RESPOSTA COM AJUDA DE LISTA	
_____	Membros que compõem a família	Quem você considera membro da sua família	Que outras pessoas você consideraria da família (caso hipotético)
1	Pessoas boas e compreensivas, parentes e amigos	Pai, mãe, padrasto, madrastra, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, animais de estimação	Irmãos adotivos e empregada
2	Pai, mãe, irmão, tios, avós e primos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos, namorado, sogra e cunhados	Irmãos adotivos, empregada e animais de estimação
3	Pai, mãe e filhos	Tios, avós, primos, alguns amigos	Irmãos biológicos e adotivos, empregada
4	Pai, mãe, irmã, avó e tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, empregada, animais de estimação	Padrasto, madrastra e irmãos adotivos
5	Pai, mãe e irmãos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos, empregada, animais de estimação	Padrasto e madrastra (se tratassem bem) e irmãos adotivos
6	Parentes e amigos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, animais de estimação	Padrasto, madrastra e irmãos adotivos
7	Pai, mãe, avós, filha, irmãos e tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos (mais próximos), animais de estimação	Padrasto, madrastra, irmãos adotivos e empregada (se morasse junto)
8	Pai, mãe, avós e tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, empregada, animais de estimação	Irmãos adotivos
9	Pai, mãe e filhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, tios avós, primos de 3º grau, amigos próximos, empregada	Irmãos adotivos e animais de estimação
10	Pai, mãe e avós	Pai, mãe, padrasto, madrastra, irmãos biológicos, tios, avós, primos, animais de estimação, namorado e família dele	Irmãos adotivos, empregada
11	Amigos, parentes e vizinhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos e animais de estimação	Padrasto, madrastra e irmãos adotivos

12	Pai, mãe e filhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós e animais de estimação	Irmãos adotivos (se fossem criados juntos desde pequeno)
13	Pai, mãe e tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, primos de 3º grau, amigos, empregada, animais de estimação	Irmãos adotivos
14	Pai, mãe e filhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos de 2º e 3º graus, animais de estimação, namorado e família dele	Irmãos adotivos e empregada
15	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, empregada, animais de estimação	Irmãos adotivos
16	Pai e mãe	Pai, mãe, padrasto, irmãos (biológicos), alguns tios, avós, primos, tia 4º grau, amigos	Irmãos adotivos
17	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, animais de estimação, namorada	Irmãos adotivos e padrasto e madrasta (se fossem legais)
18	Pai, mãe e filhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, tia avó, animais de estimação, namorado e tios dele	Irmãos adotivos e empregada
19	Pai, mãe, avós, primos, tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, empregada, animais de estimação, namorado	Padrasto, madrasta e irmãos adotivos
20	Pai, mãe, irmãos, namorado e amigo	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, animais de estimação	Padrasto, madrasta e irmãos adotivos
21	Pai, mãe e filhos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos (alguns), empregada	Irmãos adotivos
22	Pai, mãe, irmãos, avós e tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, animais de estimação, namorado	Padrasto e madrasta (se não fossem chatos) e irmãos adotivos
23	Todos os parentes	Pai, mãe, padrasto e madrasta, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos, animais de estimação	Irmãos adotivos e empregada
24	Pai, mãe e irmãos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos, empregada	Padrasto, madrasta e irmãos adotivos

25	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos, empregada	Irmãos adotivos
26	Parentes e amigos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos, empregada, animais de estimação	Padrasto, irmãos adotivos
27	Pai, mãe, avós e tios	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes, amigos, namorada	Padrasto, madrasta e irmãos adotivos
28	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, parentes distantes	Padrasto, madrasta e irmãos adotivos
29	Pai e mãe	Mãe, tios, avós, primos, parentes distantes, amigos, animais de estimação	Padrasto, madrasta e irmãos biológicos
30	Pai, mãe irmãos, tios, avós e primos	Pai, mãe, irmãos (biológicos), tios, avós, primos, amigos,	Irmãos adotivos e empregada
31	Pai, mãe, tios, avós	Pai, mãe, tios, avós, primos, amigos, animais de estimação	Padrasto, irmãos biológicos e adotivos e empregada
32	Pai e mãe	Pai, mãe, irmãos, tios, avós, primos, amigos, animais de estimação e namorada	Padrasto, irmãos adotivos e empregada

APÊNDICE J

Lista de Categorias

- 1)- Suporte Emocional/Afetivo:** quando o adolescente descreve que encontra pessoa(s) com quem pode contar, que o orienta(m) em questões emocionais, dá(ão) amor, carinho, apoio, com quem se sente bem e que ajuda(m) no crescimento pessoal ou que ele desempenha esse papel.
- 2)- Suporte Educativo e para Atividades Diárias:** quando se refere a pessoa(s) que ensinam ou aprendem regras sociais, estabelecem limites, ajudam nas atividades escolares, ensinam a controlar o dinheiro e exercem atividades rotineiras como: levar nos lugares, acordar para ir para escola, colocar para dormir.
- 3)- Fonte de Alegria/Paz:** quando descreve um local ou pessoas com quem encontra felicidade, alegria, paz, tranquilidade.
- 4)- Fonte de Conflitos:** quando descreve um local ou pessoas onde ocorrem brigas, confusões ou problemas de comportamento.
- 5)- Desempenha Atividades Domésticas:** quando descreve serviços domésticos ligados ao cuidado da casa.
- 6)- Atributos Pessoais Positivos:** quando descreve com adjetivos positivos aspectos da personalidade ou comportamento de algum membro familiar.
- 7)- Atributos Pessoais Negativos:** quando descreve com adjetivos negativos aspectos da personalidade ou comportamento de algum membro familiar.
- 8)- Dar suporte financeiro:** quando descreve atividades realizadas por membro familiar com objetivo de manter a casa, fornecer coisas materiais para o filho, trabalhar com objetivo de ganhar dinheiro.
- 9)- Satisfação pessoal:** quando o adolescente descreve que o papel de mãe é extremamente prazeroso, uma coisa maravilhosa.
- 10)- Comparação com outro membro familiar:** quando o adolescente descreve algum membro familiar em comparação com outro membro da família.
- 11)- Desempenha atividades prazerosas com o neto:** quando o adolescente descreve atividades realizadas pelos avós com os netos, onde estes curtem sem necessidade de educar, visando o divertimento com brincadeiras, histórias, passeios e encontros..
- 12)- Presenteia netos:** quando descreve o comportamento dos avós de dar coisas materiais aos netos ou em forma de dinheiro ou em vestuário e alimentação.
- 13)- Tirar autoridade dos pais:** quando descreve atitudes de proteção ou interferência dos avós em relação aos netos que acabam desautorizando os pais.

14)- Respeitar/compreender as expectativas: quando o adolescente descreve que têm que atender as expectativas dos genitores e avós.

15)- Agradar e ser grato: quando os adolescentes descrevem atitudes afetivas em relação aos pais em retribuição ao que recebem.

16)- Trabalhoso: quando se refere à dificuldade em ser filho ou trabalho que dão para os pais.

17)- Prazeroso/sem responsabilidade: quando se refere que é muito bom ser filho ou irmão e/ou não tem responsabilidade.

18)- Fonte de briga/entendimento: quando descreve que na Família ocorrem situações que oscilam entre conflitos e entendimentos.

20)- Desunião: quando descreve a relação entre os membros familiares de maneira individualista, sem união e afeto.

21)- Amigo/confidente: quando descreve a relação entre os irmãos através de comportamentos de diálogo, onde são guardados segredos, atividades realizadas em conjunto, um contando com o outro, com apoio incondicional.

22)- Outros: respostas que não se enquadram nas categorias anteriores.

ANEXO 1

A seguir, encontra-se o documento de aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética. Houve alteração do título por julgar que a proposta inicial não seria possível de realizar no tempo hábil. Entretanto, é importante ressaltar, que não houve alteração dos instrumentos e da metodologia proposta inicialmente. Apenas foi selecionada uma fase do desenvolvimento humano, no caso a Adolescência.